



MORGAN RICE

CAVALEIRO,
HERDEIRO,
PRÍNCIPE

DE COROAS E GLÓRIA—LIVRO 3

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [lelivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



MORGAN RICE

CAVALEIRO,
HERDEIRO,
PRÍNCIPE

DE COROAS E GLÓRIA—LIVRO 3

CAVALEIRO, HERDEIRO,

PRÍNCIPE

(DE COROAS E GLÓRIA—LIVRO 3)

MORGAN RICE

Morgan Rice

Morgan Rice é a best-seller nº1 e a autora do best-selling do USA TODAY da série de fantasia épica O ANEL DO FEITICEIRO, composta por dezassete livros; do best-seller nº1 da série OS DIÁRIOS DO VAMPIRO, composta por doze livros; do best-seller nº1 da série TRILOGIA DA SOBREVIVÊNCIA, um

thriller pós-apocalíptico composto por três livros; da série de fantasia épica REIS E

FEITICEIROS, composta por seis livros; e da nova série de fantasia épica DE

COROAS E GLÓRIA. Os livros de Morgan estão disponíveis em edições áudio e impressas e as traduções estão disponíveis em mais de 25 idiomas.

[TRANSFORMADA \(Livro n 1 da série Diários de um Vampiro\), ARENA](#)

[UM \(Livro n 1 da série A Trilogia da Sobrevivência\) e EM BUSCA DE HERÓIS](#)

(Livro n 1 da série O Anel do Feiticeiro) e [A ASCENÇÃO DOS DRAGÕES](#)

(Reis e Feiticeiros – Livro n 1) estão disponíveis gratuitamente no Google Play!

Morgan adora ouvir a sua opinião, pelo que, por favor, sinta-se à vontade para visitar www.morganricebooks.com e juntar-se à lista de endereços eletrónicos, receber um livro grátis, receber ofertas, fazer o download da aplicação grátis, obter as últimas notícias exclusivas, ligar-se ao Facebook e ao Twitter e manter-se em contacto!

Seleção de aclamações para Morgan Rice

"Se pensava que já não havia motivo para viver depois do fim da série O ANEL

DO FEITICEIRO, estava enganado. Em A ASCENSÃO DOS DRAGÕES Morgan Rice surgiu com o que promete ser mais uma série brilhante, fazendo-nos imergir numa fantasia de trolls e dragões, de valentia, honra, coragem, magia e fé no seu destino. Morgan conseguiu mais uma vez produzir um conjunto forte de personagens que nos faz torcer por eles em todas as páginas... Recomendado para a biblioteca permanente de todos os leitores que adoram uma fantasia bem escrita."

-- *Books and Movie Reviews*

Roberto Mattos

"Uma ação carregada de fantasia que irá certamente agradar aos fãs das histórias anteriores de Morgan rice, juntamente com os fãs de trabalhos tais como O

CICLO DA HERANÇA de Christopher Paolini...Fãs de ficção para jovens adultos irão devorar este último trabalho de Rice e suplicar por mais."

-- *The Wanderer, A Literary Journal (referente a Ascensão dos Dragões)*

"Uma fantasia espirituosa que entrelaça elementos de mistério e intriga no seu enredo. *A Busca de Heróis* tem tudo a ver com a criação da coragem e com a compreensão do propósito da vida e como estas levam ao crescimento, maturidade e excelência... Para os que procuram aventuras de fantasia com sentido, os protagonistas, estratégias e ações proporcionam um conjunto vigoroso de encontros que se relacionam com a evolução de Thor desde uma criança sonhadora a um jovem adulto que procura sobreviver apesar das dificuldades... Apenas o princípio do que promete ser uma série de literatura juvenil épica."

--*Midwest Book Review* (D. Donovan, eBook Reviewer)

"O ANEL DO FEITICEIRO reúne todos os ingredientes para um sucesso instantâneo: enredos, intrigas, mistério, valentes cavaleiros e relacionamentos que florescem repletos de corações partidos, decepções e traições. O livro manterá o leitor entretido por horas e agradará a pessoas de todas as idades. Recomendado para a biblioteca permanente de todos os leitores do gênero de fantasia."

-- *Books and Movie Reviews*, Roberto Mattos.

"Neste primeiro livro cheio de ação da série de fantasia épica Anel do Feiticeiro (que conta atualmente com 14 livros), Rice introduz os leitores ao Thorgrin

"Thor" McLeod de 14 anos, cujo sonho é juntar-se à Legião de Prata, aos cavaleiros de elite que servem o rei... A escrita de Rice é sólida e a premissa intrigante."

--*Publishers Weekly*

Livros de Morgan Rice

O CAMINHO DA ROBUSTEZ

APENAS OS DIGNOS (Livro n.º 1)

DE COROAS E GLÓRIA

ESCRAVA, GUERREIRA, RAINHA (Livro n.º 1)

VADIA, PRISIONEIRA, PRINCESA (Livro n.º 2)

CAVALEIRO, HERDEIRO, PRÍNCIPE (Livro n.º 3)

REBELDE, PEÃO, REI (Livro n.º 4)

REIS E FEITICEIROS

A ASCENSÃO DOS DRAGÕES (Livro n.º 1)

A ASCENSÃO DOS BRAVOS (Livro n.º 2)

O PESO DA HONRA (Livro n.º 3)

UMA FORJA DE VALENTIA (Livro n.º 4)

UM REINO DE SOMBRAS (Livro n.º 5)

A NOITE DOS CORAJOSOS (Livro n.º 6)

O ANEL DO FEITICEIRO

EM BUSCA DE HERÓIS (Livro n.º 1)

UMA MARCHA DE REIS (Livro n.º 2)

UM DESTINO DE DRAGÕES (Livro n.º 3)

UM GRITO DE HONRA (Livro n.º 4)

UM VOTO DE GLÓRIA (Livro n.º 5)

UMA CARGA DE VALOR (Livro n.º 6)

UM RITO DE ESPADAS (Livro n.º 7)

UM ESCUDO DE ARMAS (Livro n.º 8)

UM CÉU DE FEITIÇOS (Livro n.º 9)

UM MAR DE ESCUDOS (Livro n.º 10)

UM REINADO DE AÇO (Livro n.º 11)

UMA TERRA DE FOGO (Livro n.º 12)

UM GOVERNO DE RAINHAS (Livro n.º 13)

UM JURAMENTO DE IRMÃOS (Livro n.º 14)

UM SONHO DE MORTAIS (Livro n.º 15)

UMA JUSTA DE CAVALEIROS (Livro n.º 16)

O DOM DA BATALHA (Livro n.º 17)

TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA

ARENA UM: TRAFICANTES DE ESCRAVOS (Livro nº1)

ARENA DOIS (Livro n.º 2)

ARENA TRÊS (Livro n.º 3)

VAMPIRO, APAIXONADA

ANTES DO AMANHECER (Livro n.º 1)

MEMÓRIAS DE UM VAMPIRO

TRANSFORMADA (Livro n.º 1)

AMADA (Livro n.º 2)

TRAÍDA (Livro n.º 3)

PREDESTINADA (Livro n.º 4)

DESEJADA (Livro n.º 5)

COMPROMETIDA (Livro n.º 6)

PROMETIDA (Livro n.º 7)

ENCONTRADA (Livro n.º 8)

RESSUSCITADA (Livro n.º 9)

ALMEJADA (Livro n.º 10)

DESTINADA (Livro n.º 11)

OBCECADA (Livro n.º 12)

KINGS AND SORCERERS



THE SORCERER'S RING



THE SURVIVAL TRILOGY



the vampire journals



[Faça o download dos livros de Morgan Rice no Google Play agora mesmo!](#)



Oiça a série O ANEL DO FEITICEIRO em formato Audiobook!

Agora disponível em:

[Amazon](#)

[Audible](#)

[iTune s](#)

Quer livros gratuitos?

Subscreva a lista de endereços de Morgan Rice e receba 4 livros grátis, 3 mapas grátis, 1 aplicação grátis, 1 jogo grátis, 1 história em banda desenhada grátis e ofertas exclusivas! Para subscrever, visite: www.morganricebooks.com

Copyright © 2016 por M organ Rice. Todos os direitos reservados. Exceto conforme permitido pela Lei de Direitos de Autor dos EUA de 1976, nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, ou armazenada numa base de dados ou sistema de recuperação, sem a autorização prévia da autora. Este e-book é licenciado para o seu uso pessoal. Este e-book não pode ser revendido ou cedido a outras pessoas. Se quiser compartilhar este livro com outra pessoa, por favor, compre uma cópia adicional para cada destinatário. Se está a ler este livro e não o comprou, ou se ele não foi comprado apenas para seu uso pessoal, por favor, devolva-o e adquira a sua própria cópia. Obrigado por respeitar o trabalho árduo desta autora. Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, empresas, organizações, lugares, eventos e incidentes são produto da imaginação da autora ou foram usados de maneira fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou falecidas, é mera coincidência. Imagem da capa Copyright Captblack76, usada com autorização da Shutterstock.com.

CONTEÚDO

[CAPÍTULO UM](#)

[CAPÍTULO DOIS](#)

CAPÍTULO TRÊS

CAPÍTULO QUATRO

CAPÍTULO CINCO

CAPÍTULO SEIS

CAPÍTULO SETE

CAPÍTULO OITO

CAPÍTULO NOVE

CAPÍTULO DEZ

CAPÍTULO ONZE

CAPÍTULO DOZE

CAPÍTULO TREZE

CAPÍTULO CATORZE

CAPÍTULO QUINZE

CAPÍTULO DEZASSEIS

CAPÍTULO DEZASSETE

CAPÍTULO DEZOITO

CAPÍTULO DEZANOVE

CAPÍTULO VINTE

CAPÍTULO VINTE E UM

CAPÍTULO VINTE E DOIS

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

CAPÍTULO VINTE E CINCO

CAPÍTULO VINTE E SEIS

CAPÍTULO VINTE E SETE

CAPÍTULO VINTE E OITO

CAPÍTULO VINTE E NOVE

CAPÍTULO UM

Mesmo sem ter todos os nobres em Delos a olhar fixamente para ele, Thanos sentia os nervos de um noivo no dia do casamento. Ele estava ao pé do ao altar que havia sido erguido no maior salão de festas do castelo e, de alguma forma, ele conseguia estar perfeitamente imóvel - mas apenas porque o seu treino de soldado o impedia de mostrar qualquer medo. Parado à frente de todos eles, ele sentia o seu estômago a contrair-se com a pressão.

Thanos olhava ao redor enquanto esperava a sua noiva. O salão de festas nadava em seda branca e brilhava com diamantes, com praticamente todas as superfícies ali a brilharem. Até mesmo os criados que atendiam os nobres usavam roupas que teriam envergonhado a maioria dos comerciantes. Quanto aos nobres propriamente ditos, naquele dia eles pareciam algo saído do conto de um bardo, vestidos de seda e veludo, pingando ouro e prata.

Para Thanos, era demais; porém, ninguém lhe tinha exatamente pedido a opinião. A realeza de Delos tinha obtido o casamento que o rei e a rainha decidiram que eles deviam ter, e, qualquer coisa abaixo da perfeição teria dececionado a sua noiva. Ele olhou e viu-os: o rei Claudius e a rainha Athena, sentados juntos em tronos esculpidos em pau-ferro e cobertos em folha de ouro.

Eles estavam orgulhosamente sentados, obviamente deleitados com a decisão dele em aceitar a noiva que eles tinham escolhido.

O sumo-sacerdote, enfeitado com uma túnica de ouro que refletia os raios do sol, estava ao seu lado. Ele parecia um homem gentil, e Thanos, sentindo-se mais sozinho do que nunca, queria chamá-lo à parte e pedir-lhe: *O que fazes quando não tens certeza de que pertences a algum lugar?*

Mas não podia.

Não era só porque Thanos estava nervoso com o casamento. Eram também tantas outras coisas. Em Haylon, os rebeldes estavam a contra com ele para os ajudar a libertar o Império. Aquele pensamento trouxe um lampejo de determinação, porque ele *iria* ajudá-los, custasse o que custasse. No entanto, ali estava ele naquela sala, cercado pelo inimigo.

Havia também o fato de que Lucious estava ali, de pé no canto, vestido de púrpura e prata, sorrindo enquanto olhava para as miúdas que estavam a servir.

Thanos teve que lutar para evitar ir até ele e estrangulá-lo com as suas próprias mãos.

E depois havia o pensamento que não o largava:

Ceres.

Tal trazia consigo uma pontada de dor que parecia, até mesmo naquele momento, que poderia rebentar através do seu peito. Ele ainda mal conseguia acreditar que ela estava morta e se tinha ido, perdida num navio-prisão enquanto ele tinha estado em Haylon. Apenas aquele pensamento ameaçava arrastá-lo de

volta para a escuridão que o havia consumido quando ele tinha sabido da notícia.

Stephania tinha-o tirado daquilo. Ela tinha sido o único ponto brilhante em tudo aquilo, a única pessoa em Delos que lhe trouxera alguma felicidade quando ele tinha querido acabar com tudo, quando ele não conseguia imaginar uma vida sem Ceres.

Não era que ele não amasse Stephania; ele amava. Ele tinha começado a amá-

la. Era, antes, como se ele não conseguisse querer esquecer Ceres. Era como se os dois amores ainda coexistissem no seu coração. Ele não conseguia entender.

Porque é que Ceres tinha estado destinada a entrar na sua vida apenas para abandoná-la? Porque é que Stephania tinha estado destinada a entrar na sua vida no momento em que ela tinha? Teria Ceres vindo até ele para, de alguma forma, prepará-lo para aceitar Stephania? Ou as duas não tinham nada a ver uma com a outra?

A música estava agitada. Thanos virou-se e o seu coração ficou preso ao ver Stephania a chegar ao som da melodia de líras. O seu coração acelerou enquanto ela caminhava. Todos os nobres estavam de pé à sua passagem, acompanhada por servas que atiravam pétalas de rosa e tocavam sinos para afastar qualquer má sorte que persistisse. O seu vestido era de um branco puro e elegante que fazia com que parecesse que toda a sala fora projetada em torno dele. Ela usava uma rede sobre o seu cabelo dourado, cravejada de diamantes com flores trabalhadas graciosamente. O véu que cobria o seu rosto brilhava com fios de prata e safiras minúsculas que refletiam a sombra dos olhos por debaixo.

Thanos sentiu os seus medos a desaparecer.

Ele via ela a aproximar-se, parecendo deslizar pelo corredor na direção do altar. Ela estava diante dele. Thanos levantou o véu do seu rosto.

Ele sentiu a sua respiração a voltar ao lugar. Ela estava sempre adorável, mas hoje ela parecia tão perfeita que Thanos mal conseguia acreditar que ela era real.

Ele ficou a olhar para ela por tanto tempo que mal ouviu o padre começar a cerimónia.

"Os deuses têm-nos dado muitas festividades e cerimónias para refletir sobre a sua glória", entoou o sumo-sacerdote. "Destas, o casamento é a mais sagrada, pois sem ele não haveria continuação da humanidade. Este casamento é especialmente glorioso, entre dois dos grandes nobres deste reino. No entanto, é também entre um jovem e uma jovem que se amam profundamente, e cuja felicidade deve encontrar um lugar em todos os nossos corações."

Ele fez uma pausa para deixar que as palavras fossem interiorizadas.

"Príncipe Thanos, vais dar o braço a esta mulher para ficares ligado a ela para sempre? Para amá-la e honrá-la até que os deuses os separem? E para que a vossa família crie uma criança?"

Ele teria hesitado antes, mas agora não. Ele estendeu o braço em direção ao sumo-sacerdote, com a palma da sua mão voltada para cima. "Você."

"E Lady Stephania", prosseguiu o sumo-sacerdote, "vais dar o braço a este homem para ficares ligada a

ele para sempre? Para amá-lo e honrá-lo até que os deuses os separem? E para que a vossa família crie uma criança?"

O sorriso de Stephania era a coisa mais bonita que Thanos alguma vez vira.

Ela colocou a mão na dele. "Vou."

O sumo-sacerdote envolveu um pedaço de pano de um branco imaculado à volta dos braços deles, de uma forma tradicional e elegante.

"Unidos pelo casamento, vós sois uma só carne, uma só alma, uma só família", disse o sumo-sacerdote. "Que sejam felizes juntos para sempre. Podem beijar-se."

Thanos não precisava que lhe dissessem. Era estranho, unidos assim, mas isso era sempre uma das diversões menores de uma festa de casamento, e eles encontraram uma maneira. Thanos saboreou os lábios de Stephania contra os dele, que derretiam nos nela, e por um momento, pelo menos, conseguiu deixar de lado todas as outras preocupações do mundo e estar ali com ela. Mesmo os pensamentos sobre Ceres desvaneceram-se, consumidos pelo toque de Stephania.

Claro que seria Lucious quem iria quebrar a magia do momento.

"Bem, estou contente por já estar concluído", disse ele por cima do silêncio da multidão. "Podemos começar a festa agora? Eu preciso de uma bebida!"

Se a cerimónia do casamento tinha sido opulenta, a festa que se seguiu foi espetacular. Tanto que Thanos deu por si a pensar no seu custo. Parecia que metade dos lucros das últimas incursões havia entrado para suportar os custos do casamento, sem olhar as despesas. Ele sabia que o rei e a rainha estavam a pagá-

lo, como forma de mostrar o quão felizes estavam com o casamento, mas quantas famílias na cidade poderiam ser alimentadas com aquele valor?

Um olhar ao redor deixou-o ver acrobatas e dançarinos, músicos e malabaristas a entreter grupos de nobres. Os nobres dançavam juntos em círculos em rodopio, enquanto a comida era espalhava no que parecia a Thanos serem pequenas montanhas de doces e guloseimas, ostras e ricas sobremesas.

Havia vinho, é claro, o suficiente para que, à medida que as festividades continuassem, as coisas ficassem cada vez mais selvagens. A dança acelerou, com pessoas a girar entre parceiros tão depressa que Thanos mal conseguia seguir. O

rei e a rainha já se tinham retirado, juntamente com alguns dos nobres mais velhos, deixando a sala. Era como um sinal para os foliões deixarem de lado as inibições que ainda restavam.

Stephania estava naquele momento a ser rodopiada na tradicional dança de despedida, onde a noiva dançava rapidamente entre todos os jovens elegíveis na sala, antes de voltar novamente para os braços de Thanos no final.

Tradicionalmente, era uma maneira de a noiva mostrar como estava feliz com a sua escolha, comparando

com tudo o que rejeitava. Mais informalmente, dava aos jovens rapazes uma hipótese de se exibirem perante qualquer uma das outras jovens mulheres nobres que assistiam.

Para surpresa de Thanos, Lucious não se juntou à dança. Ele esperava que o príncipe fizesse algo disparatado como tentar roubar um beijo. Embora, em comparação com a parte em que ele tinha tentado matar Thanos, isso teria sido relativamente inócuo.

Em vez disso, o príncipe aproximou-se enquanto a dança ainda decorria, forçando o seu caminho através da multidão com arrogância casual enquanto segurava um cálice de cristal com o melhor vinho. Thanos olhava para ele e tentava encontrar alguma semelhança entre eles. Ambos eram descendentes do rei, mas Thanos não conseguia nunca imaginar ser de alguma forma parecido com Lucious.

"É um belo casamento", disse-lhe Lucious. "Todas as coisas que eu mais gosto: boa comida, vinho ainda melhor, muitas miúdas a servir por aí para mais tarde."

"Cuidado, Lucious", disse Thanos.

"Tenho uma ideia melhor", contrapôs Lucious. "Porque é que nós os dois não observamos a tua linda esposa, a rodopiar entre tantos homens? Claro que, sendo Stephania, poderíamos fazer uma pequena aposta sobre com qual deles ela dormiu."

As mãos de Thanos fecharam-se em punhos. "Estás aqui apenas para causar problemas? Porque se for esse o caso, podes ir-te embora."

O sorriso de Lucious alargou-se. "E como é que isso iria parecer, tu a tentares expulsares do teu casamento o herdeiro do trono? Isso não iria cair bem."

"Não para ti."

"Lembra-te do teu lugar, Thanos" respondeu Lucious.

"Oh, eu sei o meu lugar", disse Thanos numa voz perigosa. "Nós ambos sabemos, não é?"

Lucious reagiu com um ligeiro tremor. Mesmo se Thanos não soubesse, aquilo tinha sido a confirmação: Lucious sabia das circunstâncias do nascimento de Thanos. Ele sabia que eles eram meios-irmãos.

"Malditos sejam tu e o teu casamento", disse Lucious.

"Tu estás apenas com ciúmes", respondeu Thanos. "Eu sei que tu querias Stephania para ti e agora sou eu que vou casar com ela. Fui eu que não fugi no Stade. Fui eu que realmente lutei em Haylon. Ambos sabemos o que mais eu sou."

Portanto, o que é que resta para ti, Lucious? Tu és apenas um bandido do qual o povo de Delos se precisa de proteger."

Thanos ouviu o estilhaçar provocado pela mão de Lucious ao apertar o seu cálice de cristal.

"Tu gostas de proteger as ordens menores, não é?", perguntou Lucious. "Bem, pensa nisto: enquanto tu estiveste a planear um casamento, eu estive a destruir aldeias. Vou continuar a fazê-lo. Na verdade,

amanhã de manhã enquanto tu ainda estiveres na tua cama matrimonial, eu estarei a cavalo para ir ensinar a outro grupo de camponeses uma lição. E não há *nada* que tu possas fazer sobre isso, quem quer que seja que tu pensas que és."

Naquele momento, Thanos queria bater em Lucious. Ele queria bater-lhe e continuar-lhe a bater até que só sobrasse uma mancha sangrenta no chão de mármore. A única coisa que o deteve foi o toque da mão de Stephania no seu braço, que se aproximou quando a sua dança terminou.

"Oh, Lucious, tu entornaste o teu vinho", ela disse com um sorriso que Thanos desejou conseguir ter. "Esse não te vai chegar. Deixa que um dos meus criados te traga mais.

"Eu vou buscar o meu", respondeu Lucious com óbvia má vontade. "Eles trouxeram-me este e olha o que lhe aconteceu."

Ele afastou-se, e apenas a força da mão de Stephania no braço de Thanos o impediu de o seguir.

"Deixa-o", disse Stephania. "Eu disse-te que existem maneiras melhores, e existem. Confia em mim."

"Ele não pode simplesmente sair impune com tudo o que ele tem feito", insistiu Thanos.

"Ele não vai. Olha para isto desta forma, ainda assim", disse ela. "Com quem é que preferes passar a noite? Com Lucious ou comigo?"

Isso trouxe um sorriso aos lábios de Thanos. "Contigo. Definitivamente contigo."

Stephania beijou-o. "Boa resposta."

Thanos sentiu a mão dela a deslizar para a dele, puxando-o na direção das portas. Os outros nobres que ali estavam deixaram-nos passar, com risos

ocasionais sobre o que aconteceria a seguir. Thanos seguia Stephania na direção dos aposentos de Thanos. Abriram a porta e foram em direção do quarto. Ali, ela virou-se para ele, atirou os seus braços ao redor do seu pescoço e beijou-o profundamente.

"Não estás arrependido?", perguntou Stephania, afastando-se dele. "Estás feliz por te teres casado comigo?"

"Estou muito feliz, garantiu Thanos. "E tu?"

"É tudo o que eu sempre quis", disse Stephania. "E sabes o que eu quero agora?"

"O quê?"

Thanos viu-a alcançar o seu vestido que caiu por ela abaixo em ondas.

"Quero-te a ti."

Thanos acordou com os primeiros raios de sol a entrarem pelas janelas. Ele sentia a pressão quente da presença de Stephania ao seu lado. Em cima dele estava um dos seus braços e ela dormia enrolada contra si. Thanos sorria para o amor que crescia dentro dele. Há muito tempo que ele não estava tão feliz.

Se não tivesse ouvido o tilintar do chicote e o relinchar dos cavalos, ele poder-se-ia ter enroscado contra Stephania novamente e voltado a adormecer ou acordá-la com um beijo. Mas assim, ele levantou-se, dirigindo-se para a janela.

Chegou a tempo de ver Lucious a sair do castelo, montado a encabeçar um grupo de soldados, com galhardetes a voar ao vento como se fosse um cavaleiro andante numa missão mais do que um carnicheiro a preparar-se para atacar uma aldeia indefesa. Thanos olhou para ele e, depois, para Stephania ainda a dormir.

Silenciosamente, ele começou a vestir-se.

Ele não podia ficar ali sem fazer nada. Ele não podia, nem mesmo por Stephania. Ela já havia falado sobre melhores maneiras de lidar com Lucious, mas o que é que isso envolvia? Ser cortez e oferecer-lhe vinho? Não, ele tinha de impedir Lucious, naquele momento, e havia apenas uma maneira de fazê-lo.

Tranquilamente, com cuidado para não acordar Stephania, Thanos escapuliu-se do quarto. Já a uma distância segura, correu para os estábulos, gritando para um servo lhe trazer a sua armadura.

Estava na hora de se fazer justiça.

CAPÍTULO DOIS

Berin sentiu a excitação, a energia inquieta palpável no ar no momento em que entrou nos túneis. Ele fez o seu caminho por debaixo da terra, seguindo Anka, com Sartes ao seu lado, passando por guardas que acenavam em respeito e por rebeldes que se apressavam em todas as direções. Atravessou o Portão do Vigia e sentiu a volta que a Rebelião tomara.

Agora, aparentemente, eles tinham uma hipótese.

"Por aqui", disse Anka, acenando para um vigia. "Os outros estão à nossa espera."

Caminharam por corredores de pedra nua que pareciam estar ali desde sempre. As ruínas de Delos, bem nas profundezas. Berin passou a mão pelas pedras lisas, admirando-as como só um ferreiro fazia, maravilhado por ali estarem há tanto tempo, por quem as erguera. Talvez elas até datassem do período em que os Anciãos haviam caminhado, muito antes de alguém se poder lembrar.

E isso fê-lo pensar, com uma pontada, na filha que ele tinha perdido.

Ceres.

Berin foi arrancado daquele pensamento pelo barulho de martelos a bater em metal, pelo súbito calor dos fogos da forja quando passaram por uma abertura.

Ele viu uma dúzia de homens numa labuta infundável enquanto tentavam produzir couraças e espadas curtas. Tal fez com que se lembrasse da sua antiga forja, trazendo-lhe de volta memórias dos dias em que

a sua família não tinha ainda sido despedaçada.

Sartes parecia estar a olhar, também.

"Estás bem?", perguntou Berin.

Ele assentiu.

"Também sinto falta dela", respondeu Berin, colocando a mão no seu ombro, sabendo que ele estava a pensar em Ceres, que permanecia sempre ao pé da forja.

"Todos nós sentimos", respondeu Anka.

Por um momento, os três ficaram ali. Berin sabia que todos eles entendiam o quanto Ceres tinha significado para eles.

Ele ouviu Anka suspirar.

"Tudo o que podemos fazer é continuar a lutar e continuar a forjar armas.

Precisamos de ti, Berin", acrescentou.

Ele tentou focar-se.

"Eles estão a fazer tudo o que eu instruí?", perguntou ele. "Eles estão a aquecer suficientemente o metal antes de o esfriar? Caso contrário, não vai

endurecer."

Anka sorriu.

"Verifica tu próprio depois do encontro."

Berin assentiu com a cabeça. Pelo menos, de alguma forma, ele poderia ser útil.

Sartes caminhava ao lado do seu pai, seguindo Anka. Eles passaram pela forja e continuaram cada vez mais para as profundezas dos túneis. Eles eram mais do que ele poderia ter acreditado. Homens e mulheres estavam a reunir provisões, a praticar com armas, de um lado para o outro nos corredores. Sartes reconheceu vários deles como ex-recrutados, libertados das garras do exército.

Eles finalmente chegaram a um espaço cavernoso, colocado em plintos de pedra que em tempos provavelmente teriam erguido estátuas. À luz de velas cintilantes, Sartes conseguia ver os líderes da rebelião, aguardando-os. Hannah, que tinha discutido por ser contra o ataque, agora parecia tão feliz como se ela o tivesse proposto. Oreth, um dos principais representantes de Anka agora, encostou o seu corpo esguio contra a parede, sorrindo para si mesmo. Sartes avistou o maior navio do antigo cais entregar Edrin, à beira da luz das velas, enquanto as jóias de Yeralt brilhavam, com o filho do comerciante a parecer quase fora do lugar entre os outros enquanto eles se riam e divertiam entre si.

Eles ficaram em silêncio quando os três se aproximaram. Sartes conseguia ver a diferença naquele momento. Antes, eles haviam escutado Anka quase de má vontade. Agora, depois da emboscada, havia respeito ali enquanto ela caminhava para a frente. Para Sartes ela até parecia mais como uma líder, caminhando mais direita, aparentando mais confiança.

"Anka, Anka, Anka!", começou Oreth, e, em pouco tempo, os outros começaram também a entoar, como tinham feito os rebeldes após a batalha.

Sartes juntou-se, ao ouvir o nome da líder rebelde a ecoar pelo espaço. Ele só parou quando Anka fez um gesto a pedir silêncio.

"Saímos-nos bem", disse Anka, com um sorriso muito dela. Era um dos primeiros que Sartes via desde a batalha. Ela tinha estado muito ocupada a tentar conseguir tirar as suas vítimas das sepulturas em segurança. Ela tinha um talento para ver os detalhes das coisas que tinham florescido na rebelião.

"Bem?", perguntou Edrin. "Nós destruímos-los."

Sartes ouviu o baque do punho do homem contra a palma da mão ao enfatizar o ponto.

"Nós destruímos-los", concordou Yeralt, "graças à tua liderança."

Anka abanou a cabeça. "Nós vencemo-los juntos. Nós vencemos porque todos nós fizemos a parte que nos competia. E porque Sartes nos trouxe os planos."

Sartes foi empurrado para a frente pelo seu pai. Ele não estava à espera disso.

"Anka está certa", disse Oreth. "Devemos a Sartes o nosso agradecimento. Ele trouxe-nos os planos, e foi ele quem persuadiu os recrutas a não lutar. A rebelião tem mais membros, graças a ele."

"Embora recrutas semi-treinados", disse Hannah. "Não são verdadeiros recrutas."

Sartes olhou em volta na direção dela. Ela tinha sido rápida a argumentar contra ele participar de todo. Ele não gostava dela, mas isso não interessava na rebelião. Todos eles faziam parte de algo maior do que eles mesmos.

"Nós vencemo-los", disse Anka. "Ganhamos uma batalha, mas isso não é a mesma coisa que derrubar o Império. Ainda temos muito à nossa frente."

"E eles ainda têm um monte de soldados", disse Yeralt. "Uma longa guerra contra eles poder-nos-ia sair cara a todos".

"Estás a contabilizar os custos agora?", contra-atacou Oreth. "Isto não é nenhum investimento empresarial, onde tu queres ver as folhas dos balanços antes de te envolveres."

Sartes conseguia ouvir ali o incómodo. Quando ele tinha vindo pela primeira vez ter com os rebeldes, ele esperava que eles fossem uma coisa grande e unificada, que não pensassem em mais nada do que na necessidade de derrotar o Império. Ele tinha descoberto que, de muitas maneiras, eles eram apenas pessoas, todas com as suas próprias esperanças e sonhos, desejos e vontades. Tal tornava ainda mais impressionante o facto de Anka ter conseguido encontrar maneiras de os manter juntos depois de Rexus

ter morrido.

"É o maior investimento que existe", disse Yeralt. "Nós damos tudo de nós.

Arriscamos as nossas vidas na esperança de que as coisas melhorem. Se falharmos ficamos em perigo tanto quanto vocês.

"Não vamos falhar", disse Edrin. "Nós vencemo-los uma vez. Vamos vencê-

los novamente. Sabemos onde eles vão atacar e quando. Podemos estar à espera deles o tempo todo."

"Podemos fazer mais do que isso", disse Hannah. "Nós já mostrámos às pessoas que os podemos vencer, então porque não ir e retirar-lhes de volta as coisas?"

"O que é que tinhas em mente?", perguntou Anka. Sartes via que ela estava a considerar aquele cenário.

"Nós retomamos as aldeias de volta, uma a uma", disse Hannah. "Livramo-nos dos soldados do Império que estejam nas aldeias antes que Lucious se consiga

aproximar. Mostramos às pessoas ali o que é possível, e ele terá uma surpresa desagradável quando elas se erguerem contra ele."

"E quando Lucious e os seus homens os matarem por eles se erguerem contra ele?", quis saber Oreth. "O que é que acontece então?"

"Então isso só mostra o quão malévolos eles são", insistiu Hannah.

"Ou as pessoas vêem que não conseguimos protegê-las."

Sartes olhou ao redor, surpreendido por eles estarem a levar a ideia a sério.

"Podemos deixar as pessoas nas aldeias para que estas não caiam", sugeriu Yeralt. "Nós agora temos os recrutas connosco."

"Eles não vão enfrentar o exército por muito tempo se ele vier", ripostou Oreth. "Eles morreriam juntamente com os aldeões."

Sartes sabia que ele tinha razão. Os recrutas não tinham tido o treino que os soldados mais resistentes do exército tinham. Pior, tinham sofrido tanto nas mãos do exército que a maioria deles provavelmente ficaria aterrorizada.

Ele viu Anka fazer um gesto de silêncio. Desta vez, demorou um pouco mais a conseguir.

"Oreth tem razão", disse ela.

"Claro que tu concordarias com *ele*", atirou de volta Hannah.

"Estou a concordar, porque ele tem razão", disse Anka. "Não podemos simplesmente entrar em aldeias, declará-las livres e esperar o melhor. Mesmo com os recrutas, não temos lutadores suficientes. Se nos

juntarmos num só lugar, damos ao Império a oportunidade de nos esmagar. Se vamos atrás de cada aldeia, eles apanham-nos separados aos poucos."

"Se aldeias suficientes conseguirem ser persuadidas a se erguerem, e eu persuadir o meu pai a contratar mercenários...", sugeriu Yeralt. Sartes notou que ele não havia terminado o pensamento. O filho do comerciante não tinha uma resposta, não realmente.

"Então o quê?", perguntou Anka. "Vamos ser mais? Se fosse assim tão simples, teríamos derrubado o Império anos atrás."

"Temos agora armas melhores graças a Berin", salientou Edrin. "Conhecemos os planos deles graças a Sartes. Temos a vantagem! Diz-lhe a ela, Berin. Diz-lhe sobre as espadas que tu fizeste.

Sartes olhou à volta para o seu pai, que encolheu os ombros.

"É verdade que eu fiz boas espadas, e os outros aqui fizeram muitas aceitáveis. É verdade que alguns de vocês terão armaduras agora e não serão derrubados. Mas eu vou dizer-te o seguinte: é mais do que sobre a espada. É

sobre a mão que a empunha. Um exército é como uma espada. Podes torná-lo tão grande quanto queiras, mas sem um bom núcleo de aço, vai partir-se quando o experimentares a primeira vez.

Talvez se os outros tivessem passado mais tempo a fazer armas, teriam entendido o quão seriamente o pai dele estava a falar. Mas assim, Sartes via que não estavam convencidos.

"O que mais podemos fazer?", perguntou Edrin. "Não vamos desperdiçar a nossa vantagem ficando sentados à espera. Eu digo que devíamos começar por fazer uma lista de aldeias a libertar. A menos que tu tenhas uma ideia melhor, Anka?"

"Eu tenho", disse Sartes.

A sua voz estava mais calma do que ele pretendia. Ele deu um passo à frente, com o coração a bater com força, surpreendido por ter falado. Ele estava ciente de que ele era muito mais jovem do que qualquer outra pessoa ali. Ele tinha desempenhado o seu papel na batalha, ele tinha até matado um homem, mas ainda havia uma parte dele que sentia que não deveria estar ali a falar.

"Então está resolvido", começou a dizer Hannah. "Nós... "

"Eu disse que tenho uma ideia melhor", disse Sartes, e daquela vez, a sua voz elevou-se.

Os outros olharam para ele.

"Deixem o meu filho falar", disse o seu pai. "Vocês próprios disseram que ele vos ajudou na vossa vitória. Talvez ele agora vos possa impedir de morrer agora.

"Qual é a tua ideia, Sartes?" perguntou Anka.

Todos estavam a olhar para ele. Sartes forçou-se a levantar a voz, pensando em como Ceres teria falado, mas também na confiança que Anka tinha demonstrado antes.

"Não podemos ir às aldeias", disse Sartre. "É o que eles querem que façamos.

E não podemos simplesmente confiar nos mapas que eu trouxe, porque mesmo se eles não perceberam que sabemos os seus movimentos, eles vão perceber em breve. Eles estão a tentar espicaçar-nos a expormo-nos."

"Nós sabemos tudo isso", disse Yeral. "Pensei que tinhas dito que tinhas um plano."

Sartre não desistiu.

"E se houvesse uma maneira de atingir o Império sem terem de esperar e, ainda por cima, se conseguissem obter lutadores robustos? E se pudéssemos fazer as pessoas erguerem-se com uma vitória simbólica que seria maior do que proteger uma aldeia?"

"O que é que tinhas em mente?", perguntou Anka.

"Liberamos os lordes de combate no Stade", disse Sartre.

Seguiu-se um silêncio longo e atónico, enquanto os outros o olhavam fixamente. Ele via a dúvida nos seus rostos. Sartre sabia que tinha de continuar.

"Pensem nisto", disse ele. "Quase todos os lordes de combate são escravos.

Os nobres atiram-nos para morrerem como brinquedos. A maioria deles ficaria grata pela oportunidade de fugir, e eles podem lutar melhor do que qualquer soldado."

"É uma loucura", disse Hannah. "Atacar o coração da cidade assim. Haveria guardas por toda parte.

"Eu gosto da ideia", disse Anka.

Os outros olharam para ela, e Sartre sentiu uma onda de gratidão pelo seu apoio.

"Eles não estariam à espera disso", acrescentou.

Outro silêncio caiu sobre o quarto.

"Não precisaríamos de mercenários", interveio Yeral, esfregando o queixo.

"As pessoas iriam erguer-se", acrescentou Edrin.

"Teríamos de fazê-lo enquanto estivessem a decorrer as Matanças", observou Oreth. "Dessa forma, todos os lordes de combate estariam num lugar, e haveria pessoas ali para vê-lo acontecer."

"Não haverá mais Matanças antes do festival da Lua de Sangue", disse o seu pai. "São seis semanas. Em seis semanas, eu posso fazer um monte de armas. "

Nesta vez, Hannah ficou em silêncio, talvez sentindo a maré a virar.

"Então estamos de acordo?", perguntou Anka. "Liberaremos os lordes de combate durante o festival da

Lua de Sangue?"

Um a um, Sartres viu os outros assentirem. Até mesmo Hannah, por fim. Ele sentiu a mão do seu pai no seu ombro. Ele viu a aprovação nos seus olhos. Isso significava tudo para ele.

Ele apenas rezava para que o seu plano não os matasse a todos.

CAPÍTULO TRÊS

Ceres sonhava, e, nos seus sonhos, via exércitos em confronto. Ela via-se a ela a lutar à frente deles, vestida com uma armadura que brilhava ao sol. Ela via-se a liderar uma vasta nação, lutando numa guerra que determinaria o próprio destino da humanidade.

No entanto, em tudo aquilo, ela também se via a si mesma a semicerrar os olhos, à procura da sua mãe. Ela ia apanhar uma espada, olhou para baixo e viu que ela ainda não estava ali.

Ceres acordou com um sobressalto. Era noite e o mar à sua frente, iluminado pelo luar, era interminável. Ela balançava no seu pequeno navio, não vendo nenhum sinal de terra. Só as estrelas a convenciam de que ela ainda mantinha a sua pequena embarcação no caminho certo.

Constelações familiares brilhavam lá em cima. Havia a Cauda do Dragão, baixa no céu debaixo da lua. Havia o Olho do Ancião, formado em torno de uma das estrelas mais brilhantes no trecho da escuridão. O navio que o povo da floresta tinha meio construído, meio feito crescer parecia nunca se desviar da rota que Ceres tinha escolhido, mesmo quando ela tinha de descansar ou comer.

Do lado de fora, a estibordo do barco, Ceres viu luzes na água. Medusas luminosas flutuavam como nuvens subaquáticas. Ceres viu a figura rápida de alguns peixes parecidos com dardos deslizando pelo cardume, agarrando medusas a cada passagem e apressando-se antes que as gavinhas das outras lhes conseguissem tocar. Ceres observou até eles desaparecerem nas profundezas.

Ela comeu um pedaço da fruta doce e succulenta com que os habitantes da ilha haviam abastecido o seu barco. Quando ela partiu, parecia que havia o suficiente para durar semanas. Agora, não parecia assim tanto. Ela deu por si a pensar no líder do povo da floresta, tão bonito de uma maneira estranha e assimétrica, com a sua maldição a emprestar-lhe remendos onde a sua pele era verde-musgo ou rugosa como casca. Estaria ele de volta à ilha, a tocar a sua estranha música e a pensar nela?

À volta de Ceres, a névoa começava a erguer-se da água, engrossando e refletindo fragmentos do luar, mesmo enquanto bloqueava a sua visão do céu da noite. A névoa rodopiava e movia-se ao redor do barco, com gavinhas de névoa estendendo-se como dedos. Pensamentos sobre Eoin pareciam conduzir inexoravelmente a pensamentos sobre Thanos. Thanos, que tinha sido morto nas margens de Haylon antes de Ceres conseguir dizer-lhe que ela não lhe queria ter dito nenhuma das coisas duras que tinha dito quando ele se foi embora. Ali no

barco sozinha, Ceres não conseguia fugir do quanto ela sentia saudades dele. O

amor que sentia por ele parecia um fio que a puxava para Delos, embora Thanos já não lá estivesse.

A pensar em Thanos ferido. A lembrança parecia uma ferida aberta que talvez nunca fechasse. Havia tantas coisas que ela precisava fazer, mas nenhuma delas o traria de volta. Havia tantas coisas que ela

teria dito se ele estivesse ali, mas ele não estava. Ali havia apenas o vazio da névoa.

A névoa continuava a serpentear-se em torno do barco, e, naquele momento, Ceres conseguia ver fragmentos de rochas a sair da água. Algumas eram afiadas de basalto preto, mas outras eram em cores do arco-íris, parecendo pedras preciosas gigantes no azul turvo do oceano. Algumas tinham marcas à volta e em espiral. Ceres não tinha certeza se eram naturais ou se alguma mão distante as tinha esculpido.

Estaria a sua mãe algures para além delas?

Ceres sentia-se entusiasmada com aquele pensamento, que se erguia por si acima como a névoa que girava ao redor do barco. Ia ver a sua mãe. A sua verdadeira mãe, não aquela que sempre a odiara e que a vendera aos escravos na primeira oportunidade. Ceres não sabia como seria essa mulher, mas a mera oportunidade de descobrir enchia-a de entusiasmo enquanto levava o pequeno barco ao longo das rochas.

Correntes fortes puxavam o seu barco, ameaçando puxar o leme da sua mão.

Ceres duvidava que, se não fosse pela força que vinha do poder dentro de si, fosse capaz de o segurar. Ela puxou o leme para o lado e o seu pequeno barco respondeu com uma graciosidade quase viva, passando tão perto a deslizar por uma das rochas que quase lhe tocou.

Ela navegava pelas rochas e, a cada uma que passava, ela pensava no quanto estava mais perto de chegar à mãe. Que tipo de mulher seria? Nas suas visões, ela tinha estado indistinta, mas Ceres podia imaginar e ter esperança. Talvez ela fosse amável, gentil e amorosa; todas as coisas que ela nunca tinha tido da sua suposta mãe em Delos.

O que é que a sua mãe pensaria dela? Aquele pensamento apanhou Ceres enquanto ela levava o barco pela névoa. Ela não sabia o que a esperava. Talvez a sua mãe a olhasse e visse alguém que não tinha conseguido ter sucesso no Stade, que não tinha passado de uma escrava no Império, que perdera a pessoa que mais amava. E se a sua mãe a rejeitasse? E se ela fosse dura, cruel ou implacável?

Ou talvez, apenas talvez, ela tivesse orgulho.

Ceres saiu da névoa tão de repente que poderia ter sido uma cortina a subir.

Naquele momento, o mar estava plano, livre das rochas que pareciam dentes projetados do mar. Imediatamente, ela viu que havia algo diferente. A luz da lua

parecia mais brilhante de alguma forma, e ao redor dela, na noite, as nebulosas giravam em manchas de cor. Até as estrelas pareciam mudadas, de modo que, naquele momento, Ceres não conseguia distinguir as constelações familiares que lá estavam antes. Um cometa percorreu o horizonte, de vermelho impetuoso misturado com amarelos e outras cores que não tinham equivalente no mundo abaixo.

Mais estranho ainda era que Ceres sentia o poder a pulsar dentro de si, como se estivesse a responder àquele lugar. Parecia esticar-se dentro dela, abrindo-se e permitindo-lhe experimentar aquele novo lugar de uma centena de maneiras que ela nunca havia pensado antes.

Ceres viu uma forma a erguer-se da água, com um pescoço longo e em forma de serpentina, erguendo-se antes de mergulhar novamente sob as ondas, provocando uns quantos respingos. A criatura ergueu-se de novo por breves momentos e Ceres teve a impressão de algo enorme passar a nadar na água antes de

desaparecer. Passaram a voar pela luz da lua o que parecia serem pássaros, e, foi apenas quando se aproximaram, que Ceres viu que eram traças prateadas, maiores do que a sua cabeça.

Os seus olhos, de repente, ficaram pesados com sono, Ceres amarrou com uma corda o leme no lugar, deitou-se e deixou que o sono tomasse conta dela.

Ceres acordou com o grito de aves. Ela pestanejou contra a luz do sol e sentou-se, vendo que, afinal, não eram aves. Duas criaturas com os corpos de enormes gatos rodopiavam lá em cima com asas parecidas com as das águias e bicos de aves de rapina. Porém, elas não mostravam sinais de se aproximarem.

Estavam apenas a voar em círculos à volta do barco antes de voarem para longe.

Ceres observava-os, e porque o fazia, ela viu a ínfima parte de uma ilha para a qual elas se estavam a dirigir no horizonte. Tão rápido quanto conseguiu, Ceres ergueu a pequena vela novamente, tentando apanhar o vento que passava a correr por ela para se conseguir fazer levar em direção à ilha.

O pedaço de ilha tornou-se maior, e o que parecia serem mais pedras ergueu-se do oceano quando Ceres se aproximou, mas estas não eram as mesmas que tinham estado na névoa. Estes tinham arestas quadrangulares, coisas construídas, trabalhadas em mármore arco-íris. Algumas delas pareciam os pináculos de grandes edifícios, há muito afundados sob as ondas.

Metade de um arco sobressaía, tão grande que Ceres não conseguia imaginar o que poderia ter passado por debaixo dele. Ela espreitou pelo barco e olhou para baixo. A água era tão clara que ela conseguia distinguir o leito do mar. Não

era muito fundo e Ceres conseguia ver os escombros de edifícios muito antigos lá em baixo. Era perto o suficiente para que Ceres conseguisse nadar até lá apenas sustendo a respiração. Ela não o fez, porém, tanto por causa das coisas que ela já tinha visto na água com também por causa do que estava por vir.

Ali estava. A ilha onde ela iria obter as respostas de que precisava. Onde ela iria aprender sobre o seu poder.

Onde ela iria, finalmente, conhecer a sua mãe.

CAPÍTULO QUATRO

Lucious girou a sua espada na mão, exultante com a forma como ela brilhava à luz do amanhecer, no instante antes de golpear o velho homem que se tinha atrevido a se atravessar no seu caminho. Em torno dele, mais plebeus caíam nas mãos dos seus homens: os que ousavam resistir e qualquer estúpido o suficiente que estivesse simplesmente no lugar errado à hora errada.

Ele sorria enquanto os gritos ecoavam à sua volta. Ele gostava quando os camponeses tentavam lutar, porque isso dava aos seus homens uma desculpa para mostrar-lhes o quão fracos eles realmente eram, comparados com os seus melhores. Quantos ele havia matado em ataques como aquele? Ele não se tinha dado ao trabalho de continuar a contar. Porque deveria ele salvar a mais ínfima atenção para o seu tipo?

Lucious olhou à volta quando os camponeses começaram a correr e gesticulou para alguns dos seus

homens. Eles correram atrás deles. Correr era quase melhor do que lutar, porque havia um desafio para caçá-los como presas que eram.

"O seu cavalo, sua altura?", perguntou um dos homens, levando o garanhão de Lucious.

Lucious abanou a cabeça. "O meu arco, acho."

O homem concordou e passou a Lucious um elegante arco recurvo de cinza branca, misturada com chifre e prata. Ele colocou a flecha no arco, recuou a corda e deixou-a voar. Ao longe, um dos camponeses que estava a correr foi abatido.

Não havia camponeses com quem lutar, mas isso não significava que eles já tivessem terminado. De longe. Ele tinha descoberto que camponeses escondidos poderiam ser tão divertidos como correr ou lutar contra aqueles no seu caminho.

Havia tantas maneiras diferentes de torturar os que pareciam ter ouro, e tantas maneiras de executar os que pudessem ter simpatias rebeldes. A roda de fogo, a força, a corda para enforcar... o que seria hoje?

Lucious apontou para dois dos seus homens para começarem a abrir as portas ao pontapé. Ocasionalmente, ele gostava de queimar aqueles que se escondiam, mas as casas eram mais valiosas do que os camponeses. Uma mulher saiu a correr e Lucious apanhou-a, atirando-a ao calhas na direção de um dos traficantes de escravas, que o seguia como uma gaivota atrás de um navio de pesca.

Ele entrou no templo da aldeia. O padre já estava no chão, segurando um nariz partido, enquanto os homens de Lucious apanhavam ornamentações de ouro e prata para dentro de um saco. Uma mulher com vestes de sacerdotisa confrontou-

o. Lucious reparou num lampejo de cabelo loiro que saía do seu capuz, com uma certa semelhança que o fez parar.

"Tu não podes fazer isto", insistiu a mulher. "Somos um templo!"

Lucious agarrou-a, afastando o capuz das suas vestes para a ver. Ela não era o duplo de Stephania - nenhuma mulher nascida inferior conseguiria tal - mas ela era suficientemente parecida para valer a pena manter por um tempo. Pelo menos até ele se aborrecer.

"Eu fui enviado pelo teu rei", disse Lucious. " *Não tentes dizer-me o que eu não posso fazer!*"

Demasiadas pessoas tinham tentado fazer-lhe isso. Tinham tentado colocar-lhe limites, quando ele era a única pessoa no Império sobre quem não devia haver limites. Os seus pais tinham tentado, mas ele seria rei um dia. Ele *seria* rei, independentemente de tudo o que ele tinha encontrado na biblioteca quando o velho Cosmas pensava que ele era burro demais para entendê-lo. Thanos iria aprender o seu lugar.

A mão de Lucious apertava o cabelo da sacerdotisa. Stephania iria aprender o seu lugar também. Como é que ela ousava casar-se com Thanos assim, como se ele fosse o príncipe a desejar? Não, Lucious iria encontrar uma maneira corrigir as coisas. Ele iria separar Thanos e Stephania tão facilmente quanto ele separava as cabeças daqueles que o enfrentavam. Ele iria exigir Stephania em casamento, não só porque ela era Thanos como também porque ela daria o ornamento perfeito para alguém da posição dele. Ele iria gostar disso, e até lá, a sacerdotisa que ele tinha agarrado daria uma substituta adequada.

Ele atirou-a para um dos seus homens para que aquele a vigiasse, e partiu para ver que outras diversões ele poderia encontrar na aldeia. Ao sair, ele viu dois dos seus homens a amarrarem um dos aldeões que tinha fugido para uma árvore, com os braços abertos.

"Porque é que não mataram este?" exigiu saber Lucious.

Um deles sorriu. "O Tor estava aqui a contar-me sobre algo que os nortenhos fazem. Chamam-lhe a Águia de Sangue."

Lucious gostou do que ouviu. Ele estava prestes a perguntar o que é que isso envolvia quando ouviu o grito de um dos vigias que guardavam os rebeldes.

Lucious olhou ao redor, mas em vez de uma horda de escumalha comum a aproximar-se, ele viu uma única figura a cavalgar num cavalo facilmente do tamanho do seu. Lucious reconheceu a armadura instantaneamente.

"Thanos", disse ele. Ele estalou os dedos. "Bem, parece que o dia de hoje está prestes a ficar mais interessante do que eu pensava. Tragam-me o meu arco novamente."

Thanos incitou o seu cavalo para a frente ao ver Lucious e o que o seu meio-irmão estava a fazer. Qualquer dúvida que tivera em deixar Stephania para trás dissipou-se no calor da sua raiva quando viu os camponeses mortos, os traficantes de escravos, o homem amarrado à árvore.

Ele viu Lucious a sair e a levantar um arco. Por um momento, Thanos não conseguia acreditar que ele iria fazê-lo, mas porque não? Lucious já o tinha tentado matar antes.

Ele viu a flecha voar do arco e ergueu o seu escudo a tempo. A cabeça bateu no metal do seu escudo, começando a tinir. Seguiu-se uma segunda flecha, e, desta vez, perfurou o escudo, parando muito perto do rosto de Thanos.

Thanos forçou o seu cavalo a avançar para atacar quando uma terceira flecha passou a zunir por ele. Ele viu Lucious e os seus homens a atirarem-se para o chão, desviando-se repentinamente do caminho, enquanto ele se deslocava apressadamente pelo local onde eles tinham estado. Ele girou e puxou da espada, no momento exato em que Lucious se conseguiu levantar.

"Thanos, tão rápido. Qualquer um pensaria que tu estavas ansioso por me ver."

Thanos nivelou a espada no coração de Lucious. "Isto acaba agora, Lucious.

Eu não vou deixar que tu mates mais ninguém do nosso povo".

"Nosso povo?", contrapôs Lucious. "Eles são o *meu* povo, Thanos. Meu para fazer o que eu quiser com eles. Deixa-me que te demonstre."

Thanos viu-o desembainhar a espada e arrancar na direção do homem amarrado à árvore. Thanos percebeu o que o seu meio-irmão ia fazer e pôs o seu cavalo em movimento mais uma vez.

"Detenham-no", ordenou Lucious.

Os seus homens saltaram para obedecer. Um deu um passo em direção a Thanos, apontando uma lança ao seu rosto. Thanos desviou-a com o seu escudo, cortando a cabeça da arma com a sua espada e, em seguida, pontapeou o homem pelos ares. Ele esfaqueou outro que correu na sua direção, empurrando-o para baixo pelo ombro da armadura e desembainhando a sua espada outra vez.

Ele forçou-se a ir para a frente, atravessando a pressão de opositores. Lucious continuava a avançar na direção da vítima que tinha escolhido. Thanos deu balanço à sua espada na direção de um dos bandidos de Lucious, apressando-se, enquanto Lucious sacava a sua própria espada novamente. Thanos conseguiu, por pouco, lançar o seu escudo e o golpe ouviu-se num barulho de metal contra metal.

Lucious agarrou o seu escudo.

"Tu és previsível, Thanos", disse ele. "A compaixão sempre foi a tua fraqueza."

Ele puxou Thanos com força suficiente para o arrancar da sela. Ele rebolou a tempo de evitar um golpe de espada e libertou o seu braço das alças do seu escudo. Segurou com força com as duas mãos a sua espada enquanto os homens de Lucious se aproximavam novamente. Ele viu o seu cavalo afastar-se a correr, mas isso significava que agora ele não tinha a vantagem da altura.

"Matem-no", disse Lucious. "Vamos culpar os rebeldes."

"Tu és bom a tentar isso, não és?" ripostou Thanos. "É uma pena que não sejas igualmente bom a terminar o trabalho."

Um dos homens de Lucious chegou-se ao pé dele e, em seguida, deu balanço a uma maça cravejada. Thanos entrou no arco do golpe, cortando na diagonal. Em seguida, afastou-se a girar com a sua espada estendida para manter os outros à distância.

Naquele momento, eles aproximaram-se rapidamente, como se soubessem que nenhum deles sozinho ia conseguir derrotar Thanos. Thanos recuou, de costas contra a parede da casa mais próxima para que os seus adversários não o conseguissem cercar. Havia três homens perto dele agora, um com um machado, um com uma espada curta e um com uma espada curvada como uma foice.

Thanos manteve a sua espada perto, observando-os, não querendo dar a nenhum dos mercenários a hipótese de emarenharem a espada tempo suficiente para que os outros avançassem.

O que estava do lado direito de Thanos tentou um golpe com a sua espada curta. Thanos, em parte, aparou-a, sentindo-a a ressoar da sua armadura. Algum instinto fê-lo girar e baixar, mesmo a tempo do machado do homem canhoto lhe passar por cima. Thanos golpeou pela altura do tornozelo derrubando o bandido e, em seguida, inverteu a sua espada e empurrou para trás, ouvindo um grito quando o primeiro homem apareceu a correr.

Aquele que tinha a espada curva atacou com mais cautela.

"Ataquem-no! Matem-no!", exigiu Lucious, obviamente impaciente. "Oh, eu próprio o vou fazer!"

Thanos lutava e o príncipe entrou na luta. Ele duvidava que Lucious o tivesse feito se não tivesse havido

um outro homem ali para ajudá-lo. E talvez houvessem mais a caminho. Na verdade, tudo o que Lucious tinha a fazer era atrasar as coisas, e Thanos daria por si esmagado por um número tão elevado de homens.

Portanto, Thanos não esperou. Em vez disso, ele atacou. Ele golpeava sem parar, alternando entre Lucious e o bandido que Lucious tinha trazido com ele, construindo o ritmo da luta. Então, de repente, ele parou. O detentor da foice golpeou o ar vazio. Thanos golpeou na abertura e a cabeça do homem saiu a voar.

Ele atirou-se a Lucious num instante, espada com espada. Lucious pontapeou-o, mas Thanos desviou-se do golpe para o lado, agarrando a espada de Lucious pelo botão do punho. Thanos puxou para cima e arrancou a espada das mãos de Lucious e, em seguida, atacou pelos lados. A sua espada ressoou com o embate na couraça de Lucious. Lucious desembainhou uma adaga e Thanos agarrou a espada de forma diferente, dando balanço por baixo com a ponta do punho de modo que a cruz de proteção ficasse presa em torno de joelho de Lucious.

Ele puxou a espada e Lucious caiu. Thanos arrancou a adaga da mão dele com um forte pontapé.

"Diz-me outra vez como é que a compaixão é a minha fraqueza", disse Thanos, levantando a ponta da sua espada sobre a garganta de Lucious.

"Tu não farias isso", disse Lucious. "Tu estás apenas a tentar assustar-me."

"Assustar-te?", disse Thanos. "Se eu achasse que assustar-te resultaria, eu ter-te-ia assustado de morte anos atrás. Não, eu vou acabar com isto."

"Acabar com isto?", disse Lucious. "Isto não *acaba*, Thanos. Não até eu *ganhar*."

"Ficarias à espera disso muito tempo", Thanos assegurou.

Ele ergueu a espada. Ele tinha de fazer aquilo. Lucious tinha de ser detido.

"Thanos!"

Thanos olhou para o som da voz de Stephania. Para sua surpresa, ele viu-a a aproximar-se, cavalgando num galope acelerado. Ela usava uma roupa de montar que estava muito distante dos seus habituais elegantes vestidos, e do estado desgredado daquela roupa, parecia que ela se tinha vestido às pressas.

"Thanos, não!", gritou ela ao se aproximar.

Thanos agarrou a espada com mais força. "Depois de tudo que ele fez, achas que ele não o merece?"

"Não é sobre o que ele merece", disse Stephania, desmontando ao se aproximar. "É sobre o que tu mereces. Se tu o matares eles vão matar-te por isso."

"É assim que funciona, e eu *não* te quero perder assim."

"Ouve-a, Thanos", disse Lucious a partir do chão.

"Cala-te", disse Stephania de repente. "Ou queres que o incite a matar-te?"

"Ele tem que ser detido", disse Thanos.

"Não gosto disto", insistiu Stephania. Thanos sentiu a mão dela no seu braço, afastando a espada para longe. "Não de uma maneira que faz com que te matem.

Tu juraste que serias meu para o resto das nossas vidas. Querias mesmo que ela fosse assim tão curta?"

"Stephania...", começou Thanos, mas ela não o deixou terminar.

"E eu?", perguntou ela. "Em quanto perigo ficarei eu se o meu marido matar o herdeiro do trono? Não, Thanos. Para com isto. Fá-lo por mim."

Se fosse outra pessoa a pedir, Thanos talvez ainda pudesse ter ido até ao fim.

Havia muito em jogo. Mas ele não podia arriscar Stephania. Ele espetou a espada no chão, falhando a cabeça de Lucious por uma polegada. Lucious já estava a afastar-se correndo para um cavalo.

"Vais arrepender-te disto!", gritou-lhe Lucious. "Eu prometo que te vais arrepender!"

CAPÍTULO CINCO

Thanos viu os guardas à sua espera no longo caminho para os portões da cidade, quando ele e Stephania regressavam a casa. Ele levantou o queixo e continuou a cavalgar. Ele já estava à espera daquilo. E ele não ia fugir.

Stephania, obviamente, viu-os também. Thanos viu-a a ficar rija na sela, passando de relaxada a empertigada e formal num instante. Era como se uma máscara tivesse deslizado para a frente das suas feições. Thanos automaticamente fez a sua mão deslizar sobre a dela enquanto ela segurava as rédeas.

Os guardas cruzaram as suas alabardas para barrar o caminho quando eles se aproximaram e Thanos fez o seu cavalo parar. Ele manteve-o entre Stephania e os guardas, não se fosse dar o caso de Lucious ter de alguma forma subornado homens para o atacar. Ele viu um guarda sair do pequeno grupo de guardas e saudar.

"Príncipe Thanos, bem-vindo de volta a Delos. Os meus homens e eu fomos instruídos a acompanhá-lo para ver o rei."

"E se o meu marido não desejar viajar com vocês?", perguntou Stephania, num tom que poderia ter comandado todo o Império.

"Perdoe-me, minha senhora", disse o guarda, "mas o rei deu-nos ordens claras."

Thanos levantou a mão antes de Stephania conseguir argumentar.

"Eu entendo", disse ele. "Eu irei com vocês."

Os guardas seguiam à frente, e para seu crédito, eles conseguiam fazer com que parecesse a escolta que eles alegavam que eram. Eles caminharam através de Delos, e Thanos observou que o caminho que eles escolheram era através das partes mais bonitas da cidade, pelas avenidas arborizadas que tinham casas

nobres, evitando as piores partes, mesmo quando formaram uma rota mais direta.

Talvez eles estivessem simplesmente a tentar ir pelas áreas mais seguras. Talvez, porém, eles pensassem que nobres como Thanos e Stephania não iriam querer ver a miséria.

Em breve, as paredes do castelo se elevaram. Os guardas seguiam à frente e passaram os portões do castelo, e os noivos tomaram os seus cavalos. A caminhada através do castelo parecia mais confinada, com tantos guardas a cercarem-nos nos espaços estreitos dos corredores do castelo. Stephania pegou na mão de Thanos, e ele apertou-a delicadamente para a tranquilizar.

Quando eles chegaram às casas da realeza, membros da guarda real bloquearam o caminho na porta.

"O rei quer falar com o príncipe Thanos sozinho", disse um deles.

"Eu sou a sua esposa", disse Stephania num tom tão frio que Thanos suspeitou que a maioria das pessoas se teria afastado imediatamente.

Mas tal não pareceu de todo afetar a guarda real. "Mesmo assim."

"Não faz mal", disse Thanos.

Quando ele entrou, o rei estava à sua espera. O Rei Claudius ficou de pé, apoiado numa espada cujo punho formava os tentáculos de uma lula gigante contorcida. Chegava quase ao nível do seu peito, e Thanos não tinha dúvida de que a borda seria afiada. Thanos ouviu o barulho da porta a fechar-se atrás dele.

"Lucious contou-me o que tu fizeste", disse o rei.

"Tenho a certeza que ele veio a correr diretamente para ti", respondeu Thanos.

"Ele também te disse o que estava a fazer naquele momento?"

"Ele estava a fazer o que lhe tinham ordenado que fizesse a fim de lidar com a rebelião", retrucou o rei. "No entanto, tu saíste e atacaste-o. Tu mataste os homens dele. Ele diz que tu o derrotaste através de trapaças e que o terias matado também, se Stephania não tivesse intervindo".

"Como é que aldeões carniceros contêm a rebelião?, contrapôs Thanos.

"Tu estás mais interessado em camponeses do que nas tuas próprias ações", disse o Rei Claudius. Ele levantou a espada que segurava como se a estivesse a pesar. "É traição atacar o filho do rei."

"*Eu* sou o filho do rei", Thanos lembrou-o. "Tu não executaste Lucious quando ele tentou matar-me."

"O teu nascimento é a única razão pela qual ainda estás vivo", respondeu o Rei Claudius. "Tu és meu filho, mas Lucious também é. Tu *não* o ameaças."

Thanos enraiveceu-se então. "Eu não entendo nada que eu possa ver. Nem mesmo o reconhecimento de quem eu sou."

Havia estátuas num canto da sala, descrevendo antepassados famosos da linhagem real. Eles estavam fora do caminho, quase escondidos, como se o rei não se quisesse lembrar deles. Mesmo assim, Thanos apontou para eles.

"Lucious pode olhar para aqueles e reivindicar autoridade de volta aos dias em que o Império inicialmente se ergueu," disse ele. "Ele pode reivindicar os direitos de todos aqueles que ganharam o trono quando os Anciãos deixaram Delos. O que tenho eu? Vagos rumores sobre o meu nascimento? Imagens que mal me recordo de pais que eu nem sequer tenho a certeza que são verdadeiras?"

Rei Claudius foi até ao local nos seus aposentos, onde estava a sua grande cadeira. Ele sentou-se nela, embalando a espada que ele segurava sobre os joelhos.

"Tu tens um lugar de honra na corte", disse ele.

"Um lugar de honra na corte?" Thanos respondeu. "Eu tenho um lugar como um príncipe suplente que ninguém quer. Lucious poderia ter tentado matar-me em Haylon, mas foste tu que me mandaste lá."

"A rebelião deve ser destruída, onde quer que seja encontrada", respondeu o rei. Thanos viu-o a fazer deslizar o seu polegar ao longo da borda da espada que ele segurava. "Tu tiveste de aprender isso."

"Oh, eu aprendi", disse Thanos, movendo-se para ficar à frente do seu pai.

"Eu aprendi que tu preferes livrar-te de mim do que reconhecer-me. Eu sou o teu filho mais velho. Pelas leis do reino, eu deveria ser o teu herdeiro. O filho mais velho tem sido o herdeiro desde os primeiros dias de Delos."

"O filho mais velho sobrevivente", disse o rei calmamente. "Achas que terias sobrevivido se as pessoas soubessem?"

"Não finjas que estavas a proteger-me", respondeu Thanos. "Tu estavas a proteger-te a ti próprio."

"Melhor do que gastar o meu tempo a lutar em nome de pessoas que nem sequer o merecem", disse o rei. "Sabes o que parece quando tu andas por aí a proteger camponeses que deviam saber o seu lugar?"

"Parece que alguém se preocupa com eles!", gritou Thanos. Naquele momento, ele não conseguiu deixar de levantar a sua voz, porque parecia ser a única maneira de chegar até ao seu pai. Talvez se ele o conseguisse fazer entender, então o Império talvez pudesse finalmente mudar para melhor. "Parece que os seus governantes não são inimigos que andam por aí para os matar, mas sim pessoas a serem respeitadas. Parece que a vida deles significa algo para nós, em vez de ser apenas algo que nós atiramos para o lado enquanto temos festas resplandecentes!"

O rei ficou em silêncio por um longo tempo depois. Thanos conseguia ver a fúria nos seus olhos. Isso não tinha mal. Combinava quase que perfeitamente com a raiva que Thanos sentia.

"Ajoelha-te", disse o Rei Claudius finalmente.

Thanos hesitou, apenas por um segundo, mas foi aparentemente suficiente.

"Ajoelha-te!", gritou o rei. "Ou queres que te obrigue? Eu ainda sou o rei aqui!"

Thanos ajoelhou-se sobre a pedra dura do chão diante da cadeira do rei. Ele viu o rei levantar a espada que segurava com dificuldade, como se já não o fizesse há muito tempo.

Os pensamentos de Thanos dirigiram-se para a espada que estava ao seu lado.

Ele não tinha nenhuma dúvida de que se houvesse uma batalha entre ele e o rei, ele seria o vencedor. Ele era mais jovem, mais forte e tinha treinado com o

melhor que o Stade tinha para oferecer. Mas tal significaria matar o seu pai. Mais do que isso, tal seria realmente traição.

"Aprendi muitas coisas na minha vida", disse o rei, e a espada ainda ali estava posicionada. "Quando eu tinha a tua idade, eu era como tu. Eu era jovem, era forte. Eu lutava e lutava bem. Eu matava homens nas batalhas e em duelos no Stade. Tentava lutar por tudo o que eu acreditava ser certo."

"O que aconteceu contigo?", perguntou Thanos.

Os lábios do rei curvaram-se num sorriso de escárnio. "Eu aprendi melhor. Eu aprendi que se tu lhes deres uma hipótese, as pessoas não se juntam para te levantar. Em vez disso, eles tentam derrubar-te. Eu tentei mostrar compaixão e a verdade é que isso não é nada mais do que um disparate. Se um homem está contra ti, então deves destruí-lo, porque se tu não o fizeres, ele vai destruir-te."

"Ou então faz dele teu amigo e ele ajuda-te a fazer as coisas melhor", disse Thanos."

"Amigos?", o Rei Claudius ergueu a espada mais outra polegada. "Homens poderosos não tem amigos. Eles têm aliados, servos e seguidores, mas não penses nem por um momento que eles não se vão virar contra ti. Um homem sensato mantém-os no lugar, ou vê-os erguerem-se contra si."

"As pessoas merecem melhor do que isso", Thanos insistiu.

"Tu achas que as pessoas obtêm o que merecem?", berrou o Rei Claudius.

"Elas obtêm o que atraem! Tu estás a falar como se achasses que as pessoas são nossas semelhantes. Elas não são. Somos educados desde o nascimento para governá-los. Nós somos mais educados, mais fortes, melhores em todos os sentidos. Tu queres colocar os criadores de porcos em castelos ao teu lado, quando eu quero mostrar-lhes que eles pertencem à sua própria pocilga. Lucious entende."

"Lucious só entende a crueldade", disse Thanos.

"E a crueldade é o que é preciso para governar!"

Thanos viu o rei a dar balanço à espada, naquele momento. Talvez ele se pudesse ter agachado. Talvez ele pudesse até ter feito um movimento para a sua própria espada. Em vez disso, ele ajoelhou-se ali e ficou a ver a espada a deslizar para baixo em direção à sua garganta, seguindo o arco de aço à luz do sol.

Ele parou antes de cortar a sua garganta, mas não por muito. Thanos sentiu a picada quando a ponta tocou na sua carne, mas ele não reagiu, por muito que ele quisesse.

"Tu não recuaste", disse o Rei Claudius. "Tu mal piscaste. Lucious teria-o feito. Provavelmente teria

implorado pela sua vida. Essa é a fraqueza dele. Mas Lucious tem a força para fazer o que é necessário para manter a nossa governação

no lugar. É por isso que ele é o meu herdeiro. Até conseguires eliminar essa tua fraqueza, não te vou reconhecer. Não te vou chamar de meu. E se atacares novamente o meu filho reconhecido, vou mandar cortar-te a cabeça.

Compreendes?"

Thanos levantou-se. Ele já tinha estado ajoelhado o suficiente perante aquele homem. "Eu compreendo, Pai. Eu compreendo perfeitamente."

Ele virou-se e caminhou para as portas, sem esperar por permissão para o fazer. O que poderia o seu pai fazer? Ele daria parte fraca se o chamasse de volta.

Thanos saiu. Stephania estava à sua espera ele. Ela parecia como se tivesse mantido a sua imagem de compostura perante os guarda-costas ali, mas assim que Thanos saiu, ela apressou-se a ir ter com ele.

"Estás bem?", perguntou Stephania, levando a mão ao rosto dele. Ela baixou a mão e Thanos viu-a sair com sangue. "Thanos, tu está a sangrar!"

"É apenas um arranhão", garantiu-lhe Thanos. "Eu provavelmente tenho piores da anterior luta."

"O que aconteceu ali dentro?", perguntou ela.

Thanos forçou um sorriso, mas saiu mais estreito do que ele pretendia. "Sua majestade escolheu lembrar-me de que príncipe ou não, eu não valho tanto para ele como Lucious".

Stephania colocou as mãos nos ombros dele. "Eu disse-te, Thanos. Não o devias ter feito. Tu não te podes colocar assim em risco. Tu tens de me prometer que vais confiar em mim, e que nunca mais vais voltar a fazer nada tão disparatado. Promete-me."

Ele assentiu.

"Por ti, meu amor, eu prometo."

Ele não o disse da boca para fora, também. Ir e lutar contra Lucious a céu aberto daquela maneira não era a estratégia certa, porque não se alcançava o suficiente. Lucious não era o problema. O problema era todo o Império. Ele tinha pensado por breves momentos que talvez ele conseguisse persuadir o rei a mudar as coisas, mas a verdade era que o seu pai não *queria* que as coisas mudassem.

Não, a única coisa a fazer agora era encontrar maneiras de ajudar a rebelião.

Não apenas os rebeldes em Haylon, mas todos eles. Sozinho, Thanos não conseguiria fazer muito, mas juntos, talvez eles conseguissem derrubar o Império.

CAPÍTULO SEIS

Para onde quer que Ceres olhasse na Ilha Para Além da Névoa para, ela via coisas que a faziam parar e

olhar para a sua estranha beleza. Falcões com penas cor de arco-íris rodopiavam enquanto caçavam coisas abaixo, mas eram por sua vez caçados por uma serpente alada que, no fim, poisava num pináculo de mármore branco.

Ela caminhava sobre a erva esmeralda da ilha, e parecia como se ela soubesse exatamente para onde tinha de ir. Ela tinha-se visto a si própria na sua visão, lá no topo da colina ao longe, onde torres da cor do arco-íris se erguiam como os espinhos de alguma grande besta.

Flores floresciam nas pequenas elevações no caminho, e Ceres estendeu a mão para lhes tocar. Quando os seus dedos as afagaram, no entanto, as suas pétalas eram de pedra da espessura de papel. Tinham sido assim tão bem esculpidas por alguém ou eram elas, de alguma forma, de rocha viva? Apenas o fato de ela poder tê-lo imaginado lhe dizia o quão estranho aquele local era.

Ceres continuou a andar, dirigindo-se para o local onde ela sabia, onde ela esperava, que a sua mãe estivesse à espera.

Ela alcançou as encostas mais baixas da colina e começou a subir. Em torno dela, a ilha estava cheia de vida. Abelhas zumbiam rasteiras ao chão. Uma criatura como um veado, mas com galhos de cristal onde os chifres deviam estar, olhou para Ceres por um longo período antes de fugir aos saltos.

No entanto, ela não via pessoas ali, apesar das construções que pontilhavam a paisagem ao seu redor. As mais próximas de Ceres pareciam intocadas e vazias, como se tivessem saído dali apenas momentos antes. Ceres continuou, em direção ao topo da colina, para o local onde as torres formavam um círculo em torno de uma ampla área de ervas, deixando-a ver ao longe por entre elas todo o resto da ilha.

No entanto, ela não olhou por ali. Em vez disso, Ceres deu por si a olhar para o centro do círculo, onde estava uma única figura com um manto de branco puro.

Ao contrário da sua visão, a figura não estava imprecisa ou desfocada. Ela estava ali, tão clara e real quanto Ceres. Ceres avançou, quase até lhe conseguir tocar.

Só podia ser uma pessoa.

"Mãe?"

"Ceres."

A figura com o manto atirou-se para a frente ao mesmo tempo que Ceres. Elas deram num abraço muito apertado que parecia expressar todas as coisas que

Ceres não sabia como dizer: quanto ela tinha ansiado por aquele momento, quanto amor estava ali, o quão incrível era conhecer aquela mulher que ela só tinha conhecido numa visão.

"Eu sabia que tu virias", disse a mulher, a sua *mãe*, ao chegar-se para trás,

"mas mesmo sabendo que é diferente de te *ver* verdadeiramente."

Ela então puxou para trás o capuz do seu manto, e parecia quase impossível que aquela mulher pudesse ser a sua mãe. A sua irmã, talvez, porque ela tinha o mesmo cabelo, as mesmas feições. Para Ceres, era

quase como olhar para um espelho. No entanto, ela parecia demasiado nova para ser a mãe de Ceres.

"Eu não entendo", disse Ceres. "És a minha mãe?"

"Sou". Ela aproximou-se para abraçar Ceres novamente. "Eu sei que deve parecer estranho, mas é verdade. A minha espécie pode viver por um longo período. O meu nome é Lycine."

Um nome. Ceres finalmente tinha um nome para a sua mãe. De alguma forma, isso significava mais do que tudo o resto junto. Só isso já era o suficiente para fazer a viagem valer a pena. Ela queria ficar ali, apenas a olhar para sempre para a sua mãe. Mesmo assim, ela tinha perguntas. Tantas que elas desatou a fazê-las depressa.

"Que lugar é este?", perguntou ela. "Porque é que estás aqui sozinha? Espera, o que é que queres dizer com 'a tua espécie'?"

Lycine sorriu e sentou-se nas ervas. Ceres juntou-se a ela, e, ao sentar-se, ela percebeu que não eram apenas ervas. Ela conseguia ver fragmentos de pedras abaixo dela, dispostas em forma de mosaico, mas há muito cobertas pelo prado à sua volta.

"Não há nenhuma maneira fácil de responder a todas as tuas perguntas", disse Lycine. "Especialmente quando eu própria tenho tantas perguntas, sobre ti, sobre a tua vida. Sobre tudo, Ceres. Mas vou tentar. Vamos fazer isto à moda antiga? Uma pergunta para uma pergunta?"

Ceres não sabia o que dizer sobre aquilo, mas parecia que a sua mãe ainda não tinha acabado.

"Eles ainda contam as histórias dos Anciãos, pelo mundo fora?"

"Sim", disse Ceres. Ela tinha sempre prestado mais atenção às histórias de lódes de combate e às suas façanhas no Stade, mas ela sabia algumas das coisas que eles diziam sobre os Anciãos: os que tinham vindo antes da humanidade, que às vezes pareciam o mesmo e às vezes pareciam muito mais. Quem tinha construído tanto e depois tinha perdido tudo. "Espera, estás a dizer que tu és..."

"Um dos Anciãos, sim", respondeu Lycine. "Este era um dos nossos lugares, antes de... bem, há algumas coisas sobre as quais é melhor não falar ainda. Além disso, deves-me uma resposta. Então, conta-me como é que tem sido a tua vida.

Eu não podia lá estar, mas passei tanto tempo a tentar imaginar como é que seria para ti."

Ceres fez o seu melhor, mesmo não sabendo por onde começar. Ela contou a Lycine sobre crescer em torno da forja do seu pai, sobre os seus irmãos. Ela contou-lhe sobre a rebelião e sobre o Stade. Ela ainda lhe conseguiu contar sobre Rexus e Thanos, apesar daquelas palavras terem saído asfixiadas e fraturadas.

"Oh, querida", disse a sua mãe, colocando a mão sobre a dela. "Quem me dera ter conseguido poupar-te a alguma dessa dor. Quem me dera ter conseguido estar lá para ti."

"Porque não conseguiste?", perguntou Ceres. "Tens estado aqui todo este tempo?"

"Tenho", disse Lycine. "Isto costumava ser um dos lugares do meu povo, nos velhos tempos. Os outros

abandonaram-no. Até eu, durante um tempo, mas nos últimos anos tem sido uma espécie de santuário. E um lugar para ficar à espera, é claro."

"Ficar à espera?", perguntou Ceres. "Queres dizer, ficar à minha espera?"

Ela viu a sua mãe assentir.

"As pessoas falam sobre ver o destino como se fosse um presente", disse Lycine, "mas isso é também uma espécie de prisão, também. Se souberes o que vai acontecer, perdes opções que vêm com o não saber, independentemente de quanto possas desejar...". A sua mãe abanou a cabeça e Ceres viu que ela estava triste. "Este não é o momento para arrependimentos. Eu tenho a minha filha aqui, e tens tanto tempo para aprenderes ao que vieste."

Ela sorriu e pegou a mão de Ceres.

"Vamos passear."

Ceres sentia como se tivessem passado dias enquanto ela e a sua mãe passeavam pela ilha mágica. Ter aquela vista e estar ali com a sua mãe era de cortar a respiração. Tudo parecia um sonho.

Enquanto caminhavam, falavam principalmente do poder. A sua mãe tentava explicá-lo e ela tentava entendê-lo. A coisa mais estranha aconteceu: enquanto a sua mãe falava, Ceres sentia como se as suas palavras estivessem, na verdade, a impregná-la com o poder.

Mesmo naquele momento, enquanto caminhavam, Ceres sentiu-o a erguer-se dentro de i, agitando-se como fumo enquanto a sua mãe tocava no seu ombro. Ela precisava aprender a controlá-lo, ela tinha ido ali para aprender a controlá-lo, mas comparado com encontrar-se com a sua mãe, isso não parecia importante.

"O nosso sangue deu-te poder", disse Lycine. "Os habitantes da ilha tentaram ajudar a desbloqueá-lo, não foi?"

Ceres pensou em Eoin e em todos os exercícios estranhos que ele a pôs a fazer. "Sim."

"Para pessoas que não são do nosso sangue, eles entendem bem o mundo", disse a sua mãe. "Mas há coisas que nem mesmo eles conseguem mostrar-te. Já transformaste alguma coisa em pedra? É um dos meus talentos, pelo que eu diria que vai ser um dos teus."

"Transformar coisas em pedra?", perguntou Ceres. Ela não entendia. "Até agora, eu mudei coisas de lugar. Eu fui mais rápida e mais forte. E..."

Ela não queria terminar aquilo. Ela não queria que a sua mãe pensasse mal dela.

"E o teu poder já matou coisas que te tentaram fazer mal?", perguntou Lycine.

Ceres assentiu.

"Não tenhas vergonha disso, filha. Eu só vi um pouco de ti, mas eu sei o que tu estás destinada a ser. Tu és boa pessoa. Tudo o que eu poderia desejar. Quanto a transformar as coisas em pedra... "

Elas pararam num prado de flores roxas e amarelas e Ceres observou a sua mãe arrancar uma pequena flor do prado, com delicadas pétalas sedosas. Através do contacto com a sua mãe, ela sentiu a forma como o poder cintilou dentro dela, parecendo familiar, mas muito mais dirigido, trabalhado, moldado.

Espalhou-se pedra pela flor como geada sobre uma janela, mas não foi apenas na superfície. Um segundo depois de ter começado, acabou, e a sua mãe segurava uma das flores de pedra que Ceres tinha visto mais abaixo na ilha.

"Sentiste-o?", perguntou Lycine.

Ceres assentiu. "Mas como é que tu fizeste isso?"

"Sente-o novamente". Ela arrancou outra flor, e, desta vez, demorou muito enquanto ela a transformava em algo com pétalas de mármore e uma haste de granito. Ceres tentou rastrear o movimento do poder dentro dela, e era como se o dela própria se movesse em resposta, tentando copiá-lo.

"Ótimo", disse Lycine. "O teu sangue sabe. Agora tenta tu."

Ela passou uma flor a Ceres. Ceres baixou-se, concentrando-se enquanto tentava agarrar o poder dentro de si, tentando fazer o mesmo que a sua mãe tinha feito.

A flor explodiu.

"Bem", disse Lycine com uma gargalhada, " isso foi inesperado."

A sua forma de reagir tinha sido tão diferente da forma como a mãe com quem ela tinha crescido teria reagido. À mais pequena falha ela teria batido em Ceres.

Lycine limitou-se a passar-lhe outra flor.

"Relaxa", disse ela. "Tu já sabes o que é que se sente. Agarra esse sentimento.

Imagina-o. Torna-o real."

Ceres tentou fazê-lo, pensando no que ela tinha sentido quando a sua mãe tinha transformado a sua flor. Ela agarrou essa sensação e encheu-o com poder da mesma maneira que o seu pai talvez tivesse preenchido um molde na forja com ferro.

"Abre os teus olhos, Ceres", disse Lycine.

Ceres nem sequer se tinha apercebido que os tinha fechado até a mãe proferir as palavras. Forçou-se a olhar, mesmo estando com medo naquele preciso momento. Ao olhar, ficou incrédula com o que viu. Ela segurava uma flor singular, perfeitamente formada e petrificada, transformada pelo seu poder em algo como basalto.

"Eu fiz isto?", perguntou Ceres. Mesmo com tudo o resto que ela conseguia fazer, aquilo ainda parecia

praticamente impossível.

"Fizeste", disse a sua mãe. Ceres sentia que a sua mãe estava orgulhosa de si.

"Agora só temos de conseguir que o faças de olhos abertos."

Tal levou mais tempo e muito mais flores. No entanto, Ceres deu por si a desfrutar do treino. Mais do que isso, sempre que a sua mãe sorria perante o seu esforço, Ceres sentia uma explosão de amor expandindo-se em si. Mesmo quando os minutos passavam a horas, ela continuava.

"Sim", disse a sua mãe, finalmente, "está perfeito."

Era mais do que isso; era fácil. Fácil de conseguir e de sacar energia de dentro de si. Fácil de canalizá-la. Fácil de deixar para trás uma flor de pedra perfeitamente preservada. Foi só quando o ímpeto de o fazer enfraqueceu que Ceres percebeu o quão cansada estava.

"Está tudo bem", disse a sua mãe, pegando-lhe na mão. "O teu poder precisa de energia e esforço. Mesmo o mais forte de nós não conseguiria fazer mais de uma só vez". Ela sorriu. "Mas o teu poder sabe quando já chega por agora. Ele irá erguer-se quando alguém te ameaçar ou quando tu o invocares. Ele irá fazer mais, também."

Ceres sentiu um lampejo de energia a partir da sua mãe, e ela conseguia ver todo o potencial do seu poder. Ela via as construções de pedra e os jardins com uma nova luz, uma vez que as coisas tinham sido construídas com esse poder, trabalhadas de uma maneira que nenhum ser humano conseguia entender. Ela sentia-se realizada, de alguma forma. Completa.

Alguma da felicidade pareceu desaparecer da expressão da sua mãe. Ceres ouvia-a suspirar.

"O que foi?", perguntou Ceres.

"Eu só queria que tivéssemos mais tempo juntas", disse Lycine. "Eu gostaria de levar-te pelas torres aqui e contar-te a história do meu povo. Gostaria muito de ouvir tudo sobre esse Thanos que tu tanto amavas, e mostrar-te os jardins onde o sol nunca tocou as árvores."

"Então fá-lo", disse Ceres. Ela sentia-se como se pudesse ficar ali para sempre. "Mostra-me tudo. Fala-me sobre o passado. Fala-me sobre o meu pai e o que aconteceu quando eu nasci."

Porém, a sua mãe abanou a cabeça.

"Isso é uma coisa para a qual ainda não estás pronta. Quanto ao tempo, eu disse-te antes que o destino pode ser uma prisão, querida, e tu tens um destino maior do que a maioria."

"Eu vi instantes dele", admitiu Ceres, pensando nos sonhos que tinha tido consecutivamente no barco".

"Então tu sabes porque é que nós não podemos ficar aqui e ser uma família, independentemente do quanto qualquer uma de nós o deseje", disse a mãe.

"Embora talvez o futuro reserve tempo para isso. Para isso e para muito mais."

"Primeiro, porém, eu tenho de voltar, não é?", perguntou Ceres.

A sua mãe concordou.

"Sim, tens", disse ela. "Tu tens de regressar, Ceres. Regressa e liberta Delos do Império, como tu sempre quiseste fazer."

CAPÍTULO SETE

Era difícil para Stephania acreditar que já tinha casado com Thanos há seis semanas. No entanto, com a festa da Lua de Sangue ali, era esse o tempo que já tinha passado. Seis semanas de felicidade, todas tão maravilhosas quanto ela poderia ter desejado.

"Estás fantástico", disse ela, olhando para Thanos, enquanto estavam nas salas que eles agora compartilhavam no castelo. Ele estava de seda vermelha escura, com ouro vermelho e rubis. Às vezes ela mal podia acreditar que ele era dela. "O

vermelho combina contigo."

"Faz-me parecer como se eu estivesse coberto de sangue", respondeu Thanos.

"É exatamente essa a ideia já que se trata da Lua de Sangue", salientou Stephania. Ela inclinou-se para beijá-lo. Ela gostava de o poder fazer quando queria. Se houvesse mais tempo, ela poderia ter aproveitado o momento para fazer muito mais.

"Porém, pouco importa o que eu visto", disse Thanos. "Não vai estar ninguém na sala a olhar para mim quando tu estás ali ao meu lado."

Talvez outro homem conseguisse ter feito aquele elogio de uma forma mais elegante, mas havia algo na maneira sincera com que Thanos o tinha dito que significava mais para Stephania do que todos os poemas perfeitamente apreciados no mundo.

Além disso, ela *tinha* tido bastante trabalho a escolher o vestido mais bonito em Delos. Ele brilhava em tons de vermelho como uma chama à volta dela. Ela tinha até subornado a costureira para garantir que o original, destinado a uma nobre menor mais abaixo na cidade, se atrasasse irremediavelmente.

Stephania deu o braço a Thanos que a acompanhou em direção ao grande salão de festas, onde eles tinham tido o seu casamento. Já se tinham passado seis semanas desde que eles se tinham casado? Seis semanas de uma felicidade maior do que Stephania poderia ter imaginado, a viverem juntos em aposentos reservados para eles pela rainha, dentro do castelo. Havia até rumores de que o rei estava a planear conceder uma nova propriedade a Thanos, um pouco afastada da cidade. Durante seis semanas, tinham sido o casal mais visto na cidade, louvados onde quer que fossem. Stephania tinha gostado disso.

"Lembra-te de não esmurrar Lucious quando o vires esta noite", disse Stephania.

"Eu consegui evitar fazê-lo até agora", respondeu Thanos. "Não te preocupes."

Mas Stephania preocupava-se. Ela não queria arriscar perder Thanos agora que ela o tinha como seu marido. Ela não queria que ele fosse executado por atacar o herdeiro do trono, e não apenas pela posição

em isso a iria colocar. Ela podia ter tido a intenção de adquiri-lo para marido pelo prestígio que isso traria, mas agora... agora ela estava surpreendida por descobrir que o amava.

"Príncipe Thanos e a sua esposa, Lady Stephania!", anunciou o arauto na porta. Stephania sorriu, encostando a cabeça no ombro de Thanos. Ela sempre adorava ouvir aquilo.

Ela olhou ao redor da sala. Para o seu casamento a sala tinha sido preparada em tons de branco, mas agora aquela brilhava em tons de vermelho e preto. O

vinho nos copos era de um espesso vermelho sangue, as mesas do banquete tinham carne quase em sangue e todos os nobres ali vestiam as cores da lua em mutação.

Stephania caminhava de braço dado com Thanos, analisando as relações ali, mantendo-se a par das últimas intrigas mesmo quando ela simplesmente gostava de ser vista. Seria aquela Lady Christina, a escapar-se para as sombras para conversar com um príncipe mercante das Ilhas Longínquas? Estava a filha de Isolde a usar menos jóias do que o habitual?

Claro, ela viu Lucious a beber demasiado, a comer demasiado e a olhar para as mulheres. Por breves momentos, pareceu-lhe a ela que os olhos dele se viraram para os seus, sendo o olhar dele um que teria garantido uma luta se Thanos tivesse visto. Era uma pena, na verdade, que a sua tentativa de envenená-

lo na festa de casamento tivesse corrido tão mal. Se Thanos não o tivesse feito ficar com tanta raiva ao ponto de ele partir o seu copo de vinho, então Lucious teria adormecido naquela noite e não teria acordado. E acabaria por ali.

Desde então, não tinha havido oportunidade de lidar com ele. As pessoas habituais a quem ela poderia ter dado emprego estavam a ser mais cautelosas agora uma vez que o que ela tinha usado para lidar com Thanos havia desaparecido, e o truque com a morte nunca era o ato em si; era sempre fazê-lo de tal forma que as pessoas não suspeitassem. Simplesmente nunca tinha havido oportunidade de chegar perto de Lucious sem que tal fosse óbvio.

"Ah, Príncipe Thanos", disse um homem com um bigode branco, aproximando-se dos dois, "Lady Stephania. Fazem um casal maravilhoso!"

Stephania tentou lembrar-se daquele homem, chegando à resposta sem esforço. "General Haven, és muito gentil. Como é que está a tua esposa?"

"Feliz o suficiente para gastar o meu ouro em novos colares. Presumo que vás manter o príncipe Thanos afastado da nova expedição para Haylon?"

"Há uma nova expedição?", perguntou Thanos. Stephania sentiu ali alguma curiosidade. Era, obviamente, a primeira vez que o seu marido ouvia falar

naquilo.

"Vamos amanhã", disse o general Haven. "Eu tentei persuadir sua Majestade a deixar-me comandar esta, mas ele decidiu-se antes por Olliant."

Provavelmente porque o homem era capaz de organizar algo mais do que um discurso moroso. Stephania

tinha ouvido dizer que Haven tinha sido em tempos um general competente, mas agora ele mantinha-se com a sua função apenas através das suas conexões.

"Bem", disse Stephania, "Tenho a certeza de que a tua esposa vai ficar feliz por te ter em casa. Eu sei que estou contente por Thanos não ir a lado nenhum."

O velho afastou-se e Stephania virou-se para Thanos.

"Devíamos ir e misturarmo-nos com as pessoas", disse Stephania. "Eu deveria ir ouvir todas as fofocas que as mulheres da corte têm a dizer, e dizer-lhes o quão gloriosos são os vestidos que escolheram. *Tu* devias ir prestar os teus cumprimentos ao rei. As pessoas têm resmungado sobre o quão pouco tu tens estado ali ultimamente para as audiências formais."

"Tenho estado simplesmente ocupado", disse Thanos. "A desfrutar da vida de casado, para começar."

Stephania conhecia o seu marido melhor do que isso. No entanto, ela ainda se riu. "Eu também tenho estado a desfrutar muito, mas tu sabes que não te podes dar ao luxo de ofender o rei. Pensa nisto como um jogo, Thanos. Um grande jogo, onde o prémio é conseguir viver feliz, e onde tu não tens hipótese se não jogares."

"É isso que tu fazes?", perguntou Thanos.

Stephania estendeu as mãos. "Porque é que achas que eu estou prestes a ir e dizer à esposa do general Haven o quão adorável o seu novo colar é?". Ela beijou-o na cara. "Por favor, Thanos. Eu adoro toda a tua honestidade, mas independentemente do que tenha acontecido quando falaste com o rei, não podes ficar de mal com ele."

"Eu vou tentar", disse Thanos, dirigindo-se para o rei e para a rainha.

Stephania viu-o a ir. Ela adorava vê-lo. Mesmo depois de começar a caminhar pela sala, ela não parava de olhar para trás para ver para onde Thanos tinha ido. Ela nunca tinha pensado que o iria admirar tanto. Mas isso era amor e Stephania não ia permitir que nada compromettesse as coisas.

"Já temos alguma informação sobre o rapaz, Sartes?", perguntou a sussurrar Stephania a uma das suas servas. Ela certificava-se que nenhuma delas jamais soubesse de todos os seus assuntos, mas ela também se certificava de escolher miúdas inteligentes, da extremidade inferior das classes aceitáveis. Miúdas que lhe ficariam a dever tudo, por outras palavras.

"Sabemos que depois da sua fuga do exército, ele juntou-se à rebelião", disse a criada. "Acho que sei qual é o grupo, minha senhora."

"Muito bem", disse Stephania, com um breve toque da sua mão concedido como uma bênção. "Vai ter com o capitão Var e diz-lhe que eu quero o rapaz amarrado com correntes."

"Sim minha senhora."

A miúda saiu a correr. O Capitão Var era um mal necessário. O mercenário era um libertino e um torturador, mas curiosamente, ele era surpreendentemente leal, e ele era bom nos... trabalhos especializados que Stephania o tinha mandado executar. Provavelmente ajudava o facto de Stephania

poder pagar mais do que os outros pelos seus serviços. Pelo menos uma candidata a rival tinha desaparecido nos fossos dos escravos graças ao bom capitão.

Stephania continuou a sua sorridente caminhada pela festa, petiscando aqui, bebendo um gole de vinho ali enquanto se movimentava entre as rivais que conhecia e as candidatas a amigas, nunca ficando muito tempo no mesmo lugar, nunca deixando os seus olhos desviarem-se de Thanos por muito tempo.

Talvez ela não devesse dar tanta importância ao assunto do irmão mais novo de Ceres. Se ele ainda não tivesse morrido num dos ataques da rebelião, ele certamente morreria em breve. Mesmo se ele não morresse, será que isso era assim tão importante?

Era. Só pensar nisso era o suficiente para fazer Stephania cravar as unhas nas palmas das mãos, causando-lhe uma pontada de dor. O rapaz não era uma ameaça em si mesmo. Stephania não lhe desejava nada de mal, mas apenas o fato de ele existir era uma conexão com a memória de Ceres. Stephania *não* poderia permitir que ela se intrometesse no seu casamento. Não em vida e não na morte. Não, ela tinha de ter a certeza, custasse o que custasse.

Stephania olhou para Thanos novamente. Ele parecia já se ter despachado com o rei, e ela agora queria dançar com ele. Ela queria atraí-lo para perto e sentir a força dele pressionada contra si. Ela queria lembrar todos aqueles ali presentes que ela tinha ganhado o maior prémio. Acima de tudo, ela queria que os pensamentos dele ficassem preenchidos com ela para que nunca mais pudesse haver qualquer espaço para Ceres.

Ela começou a andar na direção dele, mas demorou pouco até se começar a sentir mal, tanto que a sua cabeça começou a andar à roda. Teria ela sido envenenada? Não, ela não podia ter sido. Ela tinha sempre cuidado com o que comia e com quem lhe dava a comida. Ela consumia antídotos todas as manhãs, e ela sabia melhor do que ninguém o que provar e cheirar.

Mesmo assim, ela cambaleava enquanto se dirigia ao pátio. Uma das suas criadas ajudou-a. Stephania encostou-se à miúda mais do que ela teria gostado. O

ar da noite estava frio, mas isso não ajudava propriamente.

"Está tudo bem, minha senhora?", perguntou a criada quando elas saíram.

Stephania queria deixar claro que estava, mas o seu corpo escolheu aquele momento para traí-la e ela vomitou. Sabia mal, mas Stephania ficou aliviada principalmente por ter saído da sala antes que alguém a visse. A sua criada segurou-lhe o cabelo para trás.

"Eu não sei o que está a acontecer", disse Stephania. "Não pode ser veneno.

Não pode. "

"Minha senhora", disse a criada, "é... é possível que estejas grávida?"

Stephania queria dizer à miúda para não ser estúpida, mas podia ser isso, não podia? Poderia ela estar grávida? Era possível? Ela ficou ali em estado de choque, tentando pensar enquanto se limpava com a ajuda da sua criada. Nunca lhe tinha ocorrido que pudesse estar grávida. No mundo dela, era mais óbvio que ela pudesse ter sido atacada por um inimigo qualquer.

"Não contes a ninguém sobre isto", disse Stephania. "Volta para a festa. Se alguém perguntar onde estou, diz que me senti indisposta e que fui para os meus aposentos. Se falhares eu mando-te esfolar, entendes?"

"Sim, minha senhora", disse a miúda, parecendo assustada.

Stephania compensou aquilo com um abraço. "Obrigada. Eu própria devia ter pensado que poderia estar grávida."

Ela apressou-se pelo castelo, mas mesmo assim, levou algum tempo até encontrar os aposentos do boticário da realeza. Habitualmente, quando Stephania precisava de uma poção ou de um cataplasma, ela era mais do que capaz de o preparar sozinha. No entanto, ela não tinha os materiais para isto, e ela não queria desperdiçar o seu tempo com os sapos e coelhos das chamadas mulheres sábias.

Claro que, quando Stephania chegou ali, a porta estava trancada. O boticário não estava. Felizmente, a tranca era fraca e fácil de abrir à força, embora Stephania raramente fizesse ela própria aquele tipo de coisas.

Ela entrou, olhando para os frascos de pó e ervas. Era perigoso, trabalhar com produtos de outros, mas Stephania pensou que conseguia reconhecer o que precisava. Havia suficientes senhoras da corte a ter casos amorosos para ser preciso saber aquelas coisas, e parecia que o boticário mantinha frascos já preparados.

Stephania encontrou um e usou-o, ignorando o embaraço de fazê-lo no meio do lugar. Ela olhou para a solução transparente, com impaciência, à espera para ver o que iria acontecer.

Quando lentamente mudou para azul, Stephania sentiu uma onda de sentimentos a espalharem-se através de si. Choque, porque ela não estava à espera daquilo. Apreensão por tudo o que poderia acontecer a seguir. Acima de tudo, porém, havia alegria. Alegria devido a um simples fato: Ela ia ter um filho de Thanos.

CAPÍTULO OITO

Na manhã a seguir à festa, Thanos levantou-se silenciosamente e percorreu furtivamente os quartos que partilhava com Stephania. Ele tinha aprendido a ter cuidado depois de ela o ter seguido para perseguir Lucious.

"Deixa-a dormir", disse Thanos ao passar por uma das criadas de Stephania.

"Vou só ao campo de treinos antes das Matanças de mais logo e Stephania parecia um pouco cansada depois da festa da noite passada."

"Sim, Príncipe Thanos", disse a criada.

Thanos partiu na direção dos campos de treino, porque era um lugar credível para ele ir tão cedo. Ele não precisava de se ter preocupado. O castelo estava tranquilo. Os servos apressavam-se com o seu trabalho, mas os nobres que poderiam estar em posição de interrogá-lo ainda estavam na cama. Depois da festa na noite anterior, era exatamente o que Thanos tinha esperado.

Por causa do que ele tinha ouvido na noite anterior. O que o general Haven tinha dito era apenas o começo. Com o vinho a fluir e tantos nobres reunidos num só lugar, Stephania não tinha sido a única a ouvir mexericos. A única diferença foi que Thanos tinha estado a ouvir com um objetivo, assimilando qualquer coisa que pudesse ajudar os rebeldes.

Ele correu pelos corredores do castelo, indo para os gabinetes do camareiro real. Eles provavelmente tinham sido grandes em tempos, mas agora tinham pilhas enormes de registros e missivas cujo único efeito era o caos. Havia um oficial inferior sentado a uma mesa ali, mas nenhum sinal do homem em si. Ele provavelmente estava a dormir em consequência da festa como todos os outros.

"Posso ajudá-lo, príncipe Thanos?", perguntou o oficial.

Thanos silenciosamente pediu desculpas por estar prestes a tornar tão difícil o dia do homem. Era a única maneira que ele se conseguia lembrar.

"Onde está o Camareiro-Mor?", quis saber Thanos com a sua melhor voz de

"nobre mimado". Ele tinha-a modelado à voz de Lucious.

"Perdoa-me, mas a sua senhoria está a sentir-se um pouco doente esta..."

"Eu não te perguntei como é que ele estava", disse Thanos de rompante. "Eu perguntei *onde* é que ele estava. Eu preciso discutir os detalhes das propriedades que o rei está a considerar dar-me a mim e à minha esposa, porque eu quero ter certeza de que é adequado para Stephania. "

"Talvez eu pudesse..."

"És o Camareiro-Mor?", perguntou Thanos, parando de seguida. "Sinto muito.

É só porque eu quero que isto seja perfeito antes de Stephania ouvir os detalhes.

Poderias, por favor, ir buscá-lo?"

O funcionário apressou-se. Thanos fechou a porta atrás dele e trancou-a, esperando que ele não se apressasse demasiado porque precisava de tempo.

Tão rápido quanto conseguiu, ele encontrou caneta, tinta e pergaminho, tentando lembrar-se do que conseguia das formas habituais. Sua Majestade, Rei de Delos, governante do Império... Thanos fez o seu melhor para manter as letras nítidas e com aspeto oficial. Quanto tempo é que ele teria para escrever tudo o que precisava?

Ele encontrou a cópia do selo real do camareiro e pôs cera a derreter. Thanos poderia imaginar o oficial a correr, o Camareiro-Mor a vestir-se apressadamente.

Mesmo assim, ele não conseguia apressar mais a letra. Tinha simplesmente de ficar bem. O rei não se apressava a comandos como aquele. Ele enviava-os com plena majestade, sabendo que os outros esperariam por ele.

Thanos ouvia passos agora, juntamente com vozes a discutir. Ele agarrou no selo, fazendo gotejar cera

sobre o pergaminho.

"Não podias tratar disto tu sozinho?"

"O príncipe insistiu!"

"Mesmo assim, tu podias ter encontrado uma maneira! E agora a porta está fechada. A chave."

Thanos pressionou o selo na cera mole, colocando-o de volta no lugar tão rapidamente quanto se atreveu. Não havia tempo para fazer mais. Ele só teve tempo de esconder o pergaminho no qual tinha trabalhado, antes do Camareiro-Mor entrar numa algazarra e a sorrir com a falta de calor de um homem que tinha acabado de ser despertado da sua cama demasiado cedo.

"Príncipe Thanos, é uma honra. O que posso fazer por ti nesta bela manhã?"

A parte mais difícil foi passar longos quinze minutos a discutir detalhes de propriedades e estábulos, fazendas e direitos fluviais, quando Thanos sabia o quão pouco tempo ele poderia ter antes que fosse tarde demais. Finalmente, parecia que ele era capaz de sorrir e ir-se embora.

"Obrigado por tudo isto", disse ele. "Agora que já vimos tudo, vejo que não havia nenhuma razão para me preocupar. Vou deixar-te trabalhar."

Ele obrigou-se a ir através do castelo, indo para a torre onde eles mantinham as suas aves mensageiras: pombas de rocha e pombos-correio, corvos e pássaros maiores ocasionais. Cada posto avançado do Império enviava regularmente os seus pássaros, bem treinados para saber onde eram as suas casas. Não havia ninguém a tomar conta da entrada ainda, mas Thanos ainda assim estava com cautela. Podia já haver alguém lá em cima.

Ele esgueirou-se por entre as aves, movendo-se em silêncio. Cada rangido das tábuas por baixo dos seus pés fazia-o parar. Thanos esperava que não

estivesse ninguém ali em cima a alimentar os pássaros, porque ele não tinha certeza de que mentira lhes seria capaz de contar. Porém, não estava ali ninguém.

Thanos foi até às gaiolas onde eram mantidos os pássaros para Haylon, grandes corvos negros. Eles pareciam como se não voassem já há algum tempo.

Thanos agarrou um e atalhou-lhe uma mensagem à perna. Não era muito mais do que um aviso apressado, juntamente com uma promessa de que ele faria o que conseguisse. Ele não se atreveu a assiná-lo, mas com sorte, Akila e os outros rebeldes saberiam de quem era e confiariam na mensagem.

Agora, a parte mais perigosa do seu plano, e aquela em que ele tinha de se apressar ao máximo. Thanos correu na direção dos estábulos, selou o seu cavalo e dirigiu-se para as docas a todo o galope. À sua volta, a cidade já estava a acordar. Servos e esposas estavam a esvaziar penicos para as ruas, vendedores ambulantes estavam a apregoar as suas mercadorias, enquanto carroças percorriam as ruas.

Thanos teve de se desviar de todos eles, enquanto corria pela calçada abaixo, seguindo o cheiro da maresia. As docas estavam mais agitadas do que o resto da cidade junta. Os pescadores estavam a descarregar as suas capturas ou a sair para o mar. Um navio mercante estava a descarregar com a ajuda

de uma série de carregadores.

E o resto da armada do Império estava na água, carregado de tropas. Era uma coleção heterogénea de navios em comparação com a primeira força de invasão, embarcações de recreio e navios de carga obviamente reaproveitados às pressas entre as galeras de guerra. Thanos correu com o seu cavalo até a beira da água.

Era mais público do que ele queria, mas ele não podia evitar.

"Onde está o General Olliant?", perguntou ele a um grupo de soldados.

Quando eles apontaram para um navio que ainda estava a ser carregado nas docas, ele entregou as rédeas a um deles e correu até à prancha de embarque.

Marinheiros começaram a colocar-se à frente dele, mas, obviamente, reconheceram-no, porque rapidamente recuaram.

Thanos viu o general na sua armadura dourada e correu até ele no convés superior. O general fez uma saudação.

"Príncipe Thanos", disse o general. "Não sabia que ias viajar connosco."

"Eu não vou", disse Thanos. "Mas parece que tu também não vais a lado nenhum, General."

Ele entregou-lhe o pergaminho que havia preparado. Ele só desejava ter tido mais tempo para o fazer. A tinta já teria secado?

"O que é isto?", perguntou o General Olliant.

"Novas ordens", disse Thanos. "O General Haven é que vai ficar aos comandos desta expedição."

"Haven?" O choque na voz do general era óbvio. Thanos conseguia compreendê-lo. Haven estava longe de ser um general dinâmico e cruel, o que seria necessário para destruir Haylon. Esse era o ponto. "Esta é a minha expedição!"

"O rei exige-te noutra lugar, General."

O general rasgou as ordens que Thanos tinha falsificado, olhando para elas. O

coração de Thanos acelerou enquanto ele o fazia, seguindo cada movimento dos olhos do homem. Thanos viu-o a rastrear o contorno do selo.

"Isso ainda está quente", disse General Olliant, "e porque é que o rei te envia com mensagens, sua alteza?"

Thanos percebeu que ele estava desconfiado. A qualquer momento, o homem podia decidir enviar um mensageiro ao castelo para descobrir o que estava a acontecer. Thanos não podia deixar que isso acontecesse.

"Isso só mostra como é urgente", disse Thanos. Ele baixou a voz. "E ainda há mais. Confias nos homens que te rodeiam?"

O general olhou ao redor e, em seguida, deu um passo para trás dos seus homens antes de baixar a sua voz nivelando-a com a de Thanos. "O que é que se passa?", perguntou ele. "O que é que se está aqui a passar?"

"Tu não vais para Haylon porque o rei tem uma tarefa crucial para ti", disse Thanos. "Nós achamos que sabemos onde é que os líderes da rebelião se vão encontrar, mas precisamos de um general apto para lidar com a tarefa."

Ele viu os olhos do general Olliant a brilhar com interesse. "Vou então voltar para o castelo e juntar..."

"Não há tempo", disse Thanos rapidamente. "Se tu tens homens aqui em que podes confiar, levá-los, mas se não agirmos agora, eles vão-nos escapar. Há uma força à espera das tuas ordens na passagem da Espora de Vidro, mas se tu não cavalgares rapidamente para lá, nunca vais lá conseguir chegar antes dos líderes avançarem a seguir ao seu encontro."

"Eu vou imediatamente", prometeu o General Olliant. Ele foi mais rápido pela prancha de embarque do que Thanos. Thanos sabia que era o desejo de glória que o fazia mover-se tão rapidamente e não propriamente as novas ordens, mas era o suficiente.

Thanos cavalgou de volta para o castelo. Agora ele só tinha de contar ao General Haven sobre a sua nova posição, mas ele suspeitava que isso não seria um problema. Afinal, o homem já tinha dado a entender que era isso que ele queria. Iria apenas parecer como se Thanos tivesse intercedido.

Enquanto cavalgava ele pensava nos riscos que tinha corrido naquela manhã.

Poderia ele garantir que ninguém ia descobrir? O exército estava prestes a partir na direção de Haylon, e, portanto, aqueles que o tinham visto nas docas não

conseguiriam falar sobre o que ele tinha feito. Claro, havia o problema do que poderia acontecer quando o General Olliant descobrisse que não havia nenhuma força de soldados à sua espera, mas talvez Thanos conseguisse com isso matar dois coelhos de uma cajadada só. Talvez ele conseguisse enviar a notícia à rebelião sobre onde um dos generais do Império ia estar relativamente desprotegido. Ele estava quase de volta ao castelo. Agora ele...

"Thanos? És tu?"

Thanos amaldiçoou em silêncio ao virar-se na sela e ver Lucious a sair de uma das ruas laterais perto da entrada, juntamente com um pequeno grupo de parasitas.

"Lucious", disse Thanos, forçando um sorriso. "Acordaste cedo."

"Acordei cedo?", rebateu Lucious, e, naquele momento Thanos conseguiu ouvir o fraco insulto às suas palavras. "Um verdadeiro homem não dorme numa noite de festividades! Pelo menos, não na sua própria cama. Falando de camas, já te fartaste da encantadora Stephania? Ou talvez ela já se tenha fartado de ti?"

Talvez ela já tenha ido à procura de um homem de verdade, e tu vais atrás dela?"

Os seus comparsas riram-se juntamente com ele, é claro.

"Saí apenas para um passeio matinal, Lucious", disse Thanos. "Tu deverias experimentar."

"Pelo que me lembro", disse Lucious, "a última vez que saíste para um passeio matinal, acabaste por trair o Império por causa de alguns camponeses. O

que é que estás a tramar agora?"

"Oh, vai dormir um pouco", ripostou Thanos, mas por dentro o seu estômago deu um nó. "Tu estás demasiado bêbado para valer a pena falar contigo."

"Tu está a esconder alguma coisa, e eu vou descobrir o que é", prometeu Lucious.

Thanos enxotou-o, mas ainda bem que provavelmente Lucious estava bêbado, ou então ele teria visto a forma como Thanos tinha empaldecido.

"Vejo-te mais tarde nas Matanças, Lucious. Por agora, eu tenho coisas melhores para fazer."

Como convencer um general incompetente a assumir a maior operação militar do Império, contar aos rebeldes sobre o General Olliant e encontrar uma maneira de fazer tudo isso sem Lucious descobrir mais do que devia.

CAPÍTULO NOVE

Anka forçou-se a ficar parada e a assistir, enquanto abaixo, no Stade, morriam homens em honra da Lua de Sangue. Dois sulistas musculados lutavam, com as suas espadas a cintilar, enquanto a multidão uivava a cada pulverização de vermelho que manchava as areias.

Havia mais vermelho espalhado ao longo dos terraços. As pessoas vestiam qualquer coisa que tivessem com as cores da Lua de Sangue, e algumas lançavam pó vermelho e tinta para o ar, cobrindo até mesmo aqueles que iam com roupas normais. Anka tinha muita sobre ela, mas ela já estava vestida com um traje vermelho elaborado, completa com uma máscara de nariz comprido.

Isso tornava mais fácil esconder as armas.

Abaixo dela, a luta continuava nas areias, com o ressoar e choque das espadas perdidas nos gritos das pessoas ao seu redor. Havia apenas alguns nobres no recinto real naquele dia, vestidos de uma maneira que faziam as túnicas vermelhas simples da maioria da multidão parecerem crianças a copiar os seus pais. Eles usavam seda e rubis, reclinados em sofás fundos vermelhos e bebiam vinho tinto em cálices de cristal. Era uma pena não haver mais. Se o rei tivesse estado ali, eles poderiam ter derrubado o Império.

Anka fez sinal a outras figuras fantasiadas com as cores da Lua de Sangue, vendo-os começar a deslizar por entre a multidão ao seu redor. Todos eles tinham as suas tarefas. Anka tinha planeado cada passo, mas havia algumas coisas que não se conseguiam prever, especialmente num lugar como aquele.

"Ei, cuidado!", disse um homem quando Anka tentava passar por entre a multidão. Anka sentiu-o a puxá-la para trás e ela sacou de uma faca. Não havia nenhum tempo para ter problemas. Ela tinha de continuar a andar.

"Desculpe, com licença", dizia Anka, fazendo o seu caminho. Ela via os outros a moverem-se e identificava os comportamentos. Ela só esperava que nenhum dos guardas no Stade conseguisse.

À frente, ela podia ver as portas que iam dar abaixo do Stade, na direção dos espaços onde os lordes de combate eram mantidos. Havia guardas grandes na porta, ali para não deixarem as multidões entrarem. Um levantou uma mão quando Anka se aproximou.

"Volta para trás", disse ele. "Se queres ver os lordes de combate, vais ter de esperar como as outras pessoas."

"Sai do meu caminho e não te magoarei", disse Anka.

"Não me magoarás?", perguntou o guarda com uma gargalhada. "O que é que achas que vais fazer?"

"Isto", disse Anka, afastando o seu traje e revelando a armadura por baixo dele. "Pela rebelião!"

"Pela rebelião!", ouviram-se vozes ao seu redor. "Abaixo o Império!"

Outras figuras aproximaram-se a correr, abandonando os seus disfarces, desembainhando os seus punhais e tacos. Eles dominaram os guardas que estavam no portão em segundos. Berin estava ali com Sartes, partindo as trancas com martelos de forja e, depois, correndo para dentro. Anka foi com eles, para dentro do espaço sob o Stade, apressando-se na direção do conjunto de portas seguinte, do grupo de guardas seguinte.

Aqueles estavam um pouco depois de um outro conjunto de portas de ferro, armados com tacos, chicotes e espadas que eles precisavam para controlar lordes de combate indisciplinados. Anka conseguiu ver as condições cruéis e a humidade a seguir e imaginou alguns dos horrores que ali se deviam passar.

Aquilo deu-lhe a força que ela precisava para levantar uma besta e disparar através das grades.

Outros dispararam com ela, e os guardas caíram. Ela viu Oreth a trabalhar nas trancas, e, a seguir, eles entraram. Agora, eles tinham de lutar, porque o Império não ia deixar apenas alguns guardas para controlar tantos escravos perigosos. Um guarda correu para ela, golpeando com a espada de cima para baixo. Anka conseguiu desviar-se por pouco.

Ele golpeou novamente e Anka conseguiu colocar o corpo da sua besta no caminho. Ela golpeou com a faca na outra mão, aproximando-se e atacando uma e outra vez. Ela sentiu a lâmina a perfurar o seu atacante e ele caiu. Ela viu Sartes e Berin a lutarem com outro guarda, atirando-o ao chão com golpes de martelo.

À volta dela, os guardas estavam a morrer. O espaço sob o Stade era formidável. Os guardas eram fortes e corpulentos, mas todo o seu sistema estava projetado para controlar as ameaças vindas de dentro, e não para não manter afastados os atacantes do mundo exterior. Quem quieria atacar um espaço cheio de lordes de combate? Quem quieria libertar escravos?

Anka quieria.

Ela entrou no espaço sob o Stade e olhou em volta para os lordes de combate ali com os seus portadores de armas e treinadores. Alguns estavam com as suas armaduras, outros estavam acorrentados, enquanto

outros estavam a receber massagens enquanto os seus treinadores tentavam prepará-los. Eles eram mimados em alguns aspectos. Anka estava apenas à espera que eles entendessem que a liberdade ainda importava mais.

Berin falou primeiro. Foi o que eles tinham acordado; a única maneira daquilo poder funcionar. "Oiçam, rapazes. Vocês todos me conhecem. Fiz armas para vocês durante muito tempo. Agora, eu estou a trazer-lhes algo melhor: a hipótese de liberdade. Tudo que vocês têm de fazer é ouvir."

Ele deu um passo para o lado. Era o momento de Anka dar um passo adiante.

"Eu sou Anka, a líder da rebelião", Anka disse ao se colocar no meio deles.

Ela podia vê-los a tirarem-lhe as medidas. Ela amedrontou-se ao pensar no que poderia acontecer se aqueles homens decidissem que ela era de alguma forma indigna.

"O que é que estás a fazer aqui?" perguntou um deles. Ele era um homem gigante de barba preta, musculado.

"Estamos aqui para vos libertar", disse Anka.

"Libertar-nos?", contrapôs o lorde de combate. " *Estás aqui para nos libertar?*"

Ele riu-se. Anka sabia que tinha de agir rápido.

"Talvez tu não queiras ser livre", disse ela, levantando a voz. "Talvez gostes do tempo que passas aqui. Talvez gostes que te dêem tudo o que queres, sem nada que fazer a não ser treinar e lutar...". Ela parou por um segundo. "E morrer, é claro."

Ela olhou para eles. Para todos eles ali ao frio e na penumbra. "Isso é o que significa ser um lorde de combate. Vocês lutam e dizem-vos que é pela honra ou glória, mas no fundo, vocês sabem a verdade. Vocês lutam porque não vos é dada uma escolha. Mesmo aqueles de vocês que são livres, não têm, na verdade, a opção de se irem embora, porque se cavalga muito em cada jogo."

"E tu vais dar-nos mais?", perguntou o lorde de combate barbudo.

Anka abanou a cabeça. "Vocês é que sabem. Os nobres lá em cima tratam-vos como brinquedos. Eles apostam em vocês e vendem-vos, aplaudem quando vocês ganham e lançam-vos para o lado no momento em que perdem. Eles podem dar-vos alguns luxos, mas não vamos fingir que se preocupam com vocês."

"Então o que é que queres que façamos?", perguntou outro lorde de combate.

Anka sorriu, porque sabia que já os tinha. "Ergam-se. Lutem por *todos*. É o que eles vos têm treinado para fazer, mas eles nunca vos deram nada pelo qual valesse a pena lutar. Lutem connosco e é isso que vão ter. Vocês podem lutar para serem livres. Vocês podem lutar por todas as pessoas lá fora. Connosco, vocês podem lutar para derrubar o Império!"

Isso provocou uma aclamação dos homens ali. Vários já estavam a ir buscar as armas que iriam usar no Stade.

"Estão a chegar mais guardas", gritou Oreth de perto das portas. "Parece que eles sabem o que está a acontecer."

"Deixa-os vir", disse um dos lordes de combate, mas Anka não queria lutar ali. Aquele espaço todo estava projetado para colocar aqueles lá dentro em desvantagem.

"Para cima!", ordenou ela. "Até ao Stade!"

Para sua surpresa, até mesmo os lordes de combate fizeram o que ela disse, indo juntos para as areias. Eles surgiram repentinamente no chão do Stade, mas Anka não perdeu tempo a pestanejar à luz do sol. Em vez disso, ela levantou a adaga, esperando que aquela captasse a luz solar.

"Povo de Delos! Nós somos a rebelião e nós estamos aqui para vos libertar!"

Não houve tempo para dizer mais do que isso, porque os guardas já estavam a surgir nas areias do Stade do outro lado. Havia tantos que Anka mal os conseguia contar a todos; muito mais do que a sua própria pequena força. Podia ter sido alguma disputa terrivelmente incompatível nas Matanças, exceto que aquele era mais do que o entretenimento da multidão. Muito mais.

Não houve tempo para planear de forma inteligente e eles não podiam ficar ali à espera que os soldados os atacassem em perfeita formação, de modo que Anka fez a única coisa que podia fazer.

"Avançar!"

Ela correu à frente do grupo, sem saber se alguém a iria seguir. Aproximou-se dos guardas, que estavam com os escudos erguidos e as lanças estendidas. Anka conseguia imaginar-se empalada naquelas lanças com demasiada facilidade.

Em seguida, os lordes de combate surgiram ao pé dela, e ela viu em primeira-mão que Sartes tinha razão. Eles eram melhores do que qualquer soldado poderia ter sido. Anka já os tinha visto lutar entre si antes, e o equilíbrio das lutas disfarçava quão perigosos eles eram. Contra qualquer pessoa normal, eles mal pareciam humanos.

Ela viu um a saltar por cima do muro de escudos, apunhalando para baixo ao passar por um guarda. Outro fez girar correntes perfurantes, arrancando lanças das mãos dos seus detentores. O lutador barbudo atacou com um tridente empurrando-o através de um soldado antes de atirar outro ao chão com o punho.

Anka viu-se mergulhada no meio da luta. Era o caos. Um soldado aproximou-se dela. Ela apunhalou-o, mas a luta separou-os novamente. Uma espada veio na direção da cabeça dela, e ela encontrou uma espada interposta. Sartes acenou para si e Anka esfaqueou o soldado que a tinha atingido.

Os lordes de combate eram como turbilhões no meio da luta. Cada um deles lutava sozinho, uma ilha de violência rodeada por adversários, mas tal não parecia fazer qualquer diferença. Os rebeldes lutavam como peixe pequeno na esteira de tubarões, entrando e saindo da luta, preenchendo as lacunas deixadas pelo seu caos. Eles estavam mais equilibrados com os soldados, mas com os lordes de combate ali, parecia ser suficiente.

Por enquanto, pelo menos. Anka sabia que viriam mais. Ela afastou-se da luta, ficando nas areias a olhar

para a multidão.

"Nós somos a rebelião, mas vocês também!", gritou Anka. "Se vocês querem ser livres, devem conquistar essa liberdade!" Ela apontou para a varanda, onde os nobres já estavam a começar a fugir. "Olhem para eles! O Império tem vindo a oprimir-vos há demasiado tempo! Ajudem a combatê-lo agora!"

Muitas pessoas continuavam a olhar para baixo como se fosse tudo um espetáculo, mas muitas mais responderam. A multidão avançou quando as pessoas se dirigiram para os guardas das portas, ou se esforçaram para chegar aos nobres acima. Anka viu as pessoas começarem a lutar; contra guardas, contra aqueles que queriam que o Império se aguentasse, ou simplesmente fugisse.

Ela atirou-se de volta para a luta no Stade quando viu Edrin a lutar com um soldado. Ela pontapeou, fazendo com que o homem se desequilibrasse, e Edrin atacou com a sua espada. Anka viu um grupo de guardas a tentarem reformar a sua parede de escudos, e ela não tinha forças para fazer mais do que apontar, atacando novamente e sabendo desta vez que os outros os seguiriam.

A batalha girava em torno de Anka como uma coisa viva. Ela fazia o que conseguia, procurando por aberturas para atacar, embora ela soubesse que nunca conseguiria manter-se ao nível das capacidades dos lordes de combate. Ela via pessoas a lutar e a morrer em todas as direções, homens e mulheres, lordes de combate e soldados, rebeldes e as pessoas que se tinham juntado a eles da multidão.

Acima de tudo, Anka ouviu um barulho que ela esperava não ouvir quando ela chegou: o som de cornetas. Isso significava que o tempo deles se tinha esgotado.

Eles tinham feito o que tinham ido ali fazer, mas agora precisavam de encontrar uma maneira de sair dali antes que tudo ao redor deles ficasse destruído.

O Stade estava em alvoroço agora, com as pessoas ali em plena revolta. Tal devia encher Anka de esperança.

Ainda assim, o som das cornetas só trazia temor.

Estavam a chegar mais soldados para a batalha, mais do que alguma vez eles conseguiriam sonhar combater.

E eles não tinham saída.

CAPÍTULO DEZ

Ceres deixou para trás a Ilha Para Além da Névoa com o coração pesado. Ela não queria ir, por muito que fosse necessário, por muito que o seu destino pudesse estar no continente. A sua mãe estava na ilha.

Mas tinha sido a sua mãe a insistir para Ceres se ir embora, mesmo tendo havido lágrimas nos seus olhos ao fazê-lo. Tinha sido ela a carregar novas provisões para o barco de Ceres, e a apontar-lhe o rumo que ela precisava tomar para retornar ao continente. Ela estava na praia, sem acenar, mas a observar, enquanto Ceres partia. Ela ficou ali como uma pequena figura na praia até que, por fim, Ceres ficou muito longe para conseguir distingui-la. Possivelmente, ela ainda ali estava, mesmo quando a névoa se fechou à sua volta.

A viagem de volta através da névoa era menos assustadora do que tinha sido quando estava a ir para lá, mas daquela vez, Ceres sentia o poder na névoa à sua volta. Eoin tinha dito que aquele era um lugar para ela ir sozinha. *Poderia* qualquer outra pessoa ter consigo com ela? Quantas pessoas tinham avançado às cegas para aquela barreira e não tinham saído?

Quando ela o fez, era de dia, mas, de alguma forma, o mundo não parecia tão vibrante como parecia no outro lado. Era como entrar num noutra realidade, um pouco mais pesada, onde as casas gloriosas dos Anciãos não poderiam ser imaginadas, exceto enquanto histórias.

Ela continuava a navegar, mantendo o leme do seu pequeno barco amarrado à rota que a sua mãe tinha definido e concentrando-se em apanhar o vento com a vela do barco. Havia uma brisa fresca atrás dela, empurrando-a junto, mas, mesmo assim, Ceres não sabia quanto tempo lhe levaria a regressar.

Ela pensou em tudo o que podia estar ali à sua espera. A rebelião estava ali, e ela não sabia como é que ela se estava a sair. Talvez já tivesse vencido ou já tivesse sido eliminada. Aquele pensamento apertou-lhe o peito, porque o seu pai e o seu irmão estariam com a rebelião, se estivessem em algum lugar. Não, ela tinha de acreditar que eles estavam bem.

Ceres não sabia o que ia conseguir fazer quando lá chegasse. Agora ela sabia mais quem ela era, mas não sabia tudo. Ela tinha mais controlo dos poderes dentro de si. Seria o suficiente? Ceres pensava em Thanos, morto nas praias de Haylon, e de todas as pessoas que sofriam sob o Império. Ela iria *acabar* com aquilo, mesmo que tivesse de entrar no salão do trono do Império e transformar o rei em pedra à frente de todos.

Ceres observava as ondas em torno do seu barco há algum tempo, e ela percebeu que elas estavam a crescer, formando uma onda que fustigava a pequena embarcação, apesar da sua construção. O barco estava a mover-se mais depressa também, e Ceres sentia o vento a lacerar as velas, empurrando duramente a sua embarcação adiante através dos altos e baixos da água.

Ela olhou para a frente e o seu coração acelerou ao ver uma tempestade a formar-se.

Começava como um pedaço de céu ferido no horizonte. Espalhava-se, parecendo preencher tudo pela frente. Ceres sabia que não havia nenhuma maneira de navegar em torno dela, mesmo se se atrevesse a desviar do rumo que a sua mãe tinha definido. A tempestade parecia encher o mundo.

Passado pouco tempo, o vento fervilhava nos seus ouvidos. Ela agarrou-se à madeira, sabendo que a única coisa a fazer era segurar-se e esperar que a tempestade não fosse demasiado má.

Mas foi.

A primeira banda de chuva atingiu Ceres tão solidamente como um rio. Ela agrediu-a de cima, enquanto em torno dela o vento crescente uivava. Os primeiros trovões soaram, ensurdecadores contra o silêncio do mar, e relâmpagos piscaram entre as nuvens, formando um arco para baixo. Ceres viu o vapor de água, onde os relâmpagos a atingiam.

As velas do seu barco ondulavam loucamente e Ceres lutava para as descer antes que elas ficassem rasgadas em pedaços. Ela deveria tê-lo feito assim que ela viu a tempestade, mas de alguma forma tinha-lhe parecido certo tentar apesar do perigo. Ela puxou as cordas, usando toda a força que o sangue dela

lhe dava e, mesmo assim, foi uma luta para ela conseguir não largar a retranca.

À distância, ela pensou ter visto uma tromba-d'água a erguer-se. Girava descontroladamente. Ceres desejava desesperadamente que ela não se aproximasse. A cabeça dela dava chicotadas de um lado para o outro à medida que a tromba-d'água caminhava adiante como uma coisa viva, passando perto o suficiente para que Ceres sentisse a força maciça do ar.

Apenas aquele momento de distração foi o suficiente. Ceres sentiu as cordas na sua mão a libertarem-se, suficientemente depressa para a queimar, e ela gritou quando elas lhe rasgaram a palma da mão. Ela ouviu um estrondo que abafou até mesmo o trovão, e, lentamente, tão lentamente que poderia ter sido uma enorme árvore a cair, o seu mastro caiu nas ondas.

Ceres olhou para ele em desespero. O seu barco não tinha remos, nenhuma maneira de controlá-lo sem a vela, mas não havia nada que pudesse fazer para recuperá-lo. Sacudido pelas ondas, sem sequer agora ter um mastro, tudo o que podia fazer era segurar-se – e as ondas estavam a ficar cada vez maiores.

Uma onda enorme, de repente, levantou-a cinquenta, cem pés de altura. Ela olhou por cima do precipício e gritou quando o seu mundo inteiro desabou.

Mãe, pensou ela. *Como é que me podes deixar morrer assim?*

A nitidez apoderou-se do limiar da consciência de Ceres, e ela acordou lentamente, lutando para sair das profundezas da exaustão na qual ela tinha caído.

Quantos dias já tinham passado? Quanto tempo é que ela tinha andado à deriva? O

calor e a falta de água fresca tinham colado a sua língua ao céu-da-boca, enquanto os seus olhos se sentiam tão pesados que parecia ser uma tarefa impossível abri-los.

Algo a picou novamente. Ceres conseguiu abrir os olhos desta vez. Ela deu por si a olhar para as feições de um homem cujo cabelo estava espetado provavelmente para fazê-lo parecer mais aterrorizante. Ele usava uma espécie de meia armadura de restos de couro e a espada curva na sua mão explicava a dor aguda que tinha feito com que Ceres acordasse.

Havia mais meia dúzia como ele no seu pequeno barco, a vasculhar por quaisquer resquícios que pudessem ser de valor. Eram homens de aparência selvagem, cobertos de tatuagens e braceletes, com roupas vistosas onde não tinham armadura. A estibordo do barco de Ceres, o casco de uma galera muito maior erguia-se como uma parede pontuada por remos a bombordo. Os símbolos que prometiam a dor e a morte estavam pintados de lado com a cor do sangue, não deixando em Ceres qualquer dúvida sobre o tipo de homens que a tinham acordado.

Piratas.

"Ela está acordada", disse o que a tinha cutucado. "Parece que pode valer a pena transportá-la para fora deste barco afinal de contas."

"Poderia ser divertido por um tempo", concordou outro. "Já está há muito tempo no mar."

"Vai ser um período mais longo para ela", disse um terceiro pirata com uma gargalhada que fez Ceres arrepiar-se.

Ceres olhou para cima e viu mais homens a olhar maliciosamente sobre o lado do navio. Alguns deles assobiavam e faziam gestos obscenos. Ela estremeceu.

"No fim, vamos vender-te a um traficante de escravas", disse o primeiro pirata com uma gargalhada. "No fim. Até lá, vamos manter-te acorrentada na galera para qualquer homem que te queira."

"Eu vou... matar-te", conseguiu dizer Ceres através dos seus lábios rachados.

Isso apenas arrancou mais outra gargalhada dele. "Oh, é divertido quando elas

têm garra para lutar. Ei, Nim, lembras-te daquela mulher bárbara que apanhámos?

Tínhamos de amarrá-la à proa como uma figura de proa numa tempestade para ela deixar de resistir. Ainda assim, duvido que seja preciso tanto com esta.

Provavelmente apenas uma ou duas boas chicotadas."

Ele baixou-se na direção de Ceres. Ela sentiu a sua mão a agarrar-lhe com força o seu braço, erguendo-a de pé. Ela ficou rija para lutar, apesar de, provavelmente, eles serem muitos para combater de uma só vez, dado o quão fraca ela se sentia.

"Não estás tão valente agora, pois não?", perguntou o pirata, dando-lhe descontraidamente um estalo com as costas da mão. Ceres sentiu o sabor do sangue.

Ela também sentiu o poder dentro de si a erguer-se, como um chicote através dela. Ela lembrou-se da maneira como ela lhe tinha dado forma antes, com a sua mãe no prado. Ela sentiu o seu poder a saltar para fora através do contacto entre ela e o pirata, e viu a pedra a arrastar-se para cima dele.

A pedra ondulou através da sua carne como uma das ondas ao redor dela, e ele quase não teve tempo suficiente para parecer surpreendido antes do fluxo da pedra passar pelo seu rosto. Em pouco tempo, Ceres foi confrontada com um pirata que queria atacá-la; a seguir ficou ali uma estátua que parecia uma réplica perfeita do homem.

Não parecia diferente do momento em que ela o tinha feito com a flor, mas *era* diferente, porque até um segundo antes aquilo tinha sido um ser humano. Ceres tinha estado a olhar para os olhos do homem quando a pedra se apoderou dele e agora ele era uma esfera de mármore branco, raiado de vermelho e parecendo como se pudesse ter sido esculpido pelo maior escultor que alguma vez já tivesse vivido.

Um breve e puro sentido de horror passou por Ceres pelo que ela tinha acabado de fazer. Mas, ainda assim, não tinha aquele homem merecendo-o? Ela obrigou-se ficar calma, e olhou para o trilho do navio dos piratas enquanto desprendia a sua túnica da estátua fria e mortal.

Os homens lá em cima estavam a olhar de boca aberta, em silêncio agora, de onde antes tinham dito obscenidades lá para baixo. Ceres olhou em volta até que encontrou a rede de carga que os homens tinham usado para trepar para o seu barco mais pequeno, subindo em menos de nada. Ela ainda sentia fome e sede para além da sua resistência, mas com o seu poder a fluir através de si, ela tinha a força mais

do que necessária para subir.

Ela pulou para o convés da galera pirata, ficando no meio de um círculo que se expandia de bandidos. Nenhum deles parecia querer ser o primeiro a dar um passo em direção a ela.

"Quem manda aqui?", perguntou Ceres, encontrando a força para fazer as suas palavras parecerem poderosas.

"Eu mando!", disse um homem, dando um passo à frente com uma espada na mão. "E os outros podem ter medo da tua feitiçaria, mas eu não tenho."

Ele deu um passo para a frente, erguendo a espada como se para atacar Ceres.

As habilidades que o povo da floresta lhe tinham ensinado tornavam fácil para si dar um passo para o lado e pontapeá-lo retirando-lhe os pés do chão.

"Eu vou matar-te", prometeu ele. "Eu vou fazer isso tão lentamente que tu vais implorar pela tua morte."

"Quantas pessoas já magoaste?", perguntou Ceres. "Quantos barcos já atacaste? Quantas pessoas já vendeste para a escravatura?"

Ela desviou-se de mais um golpe, erguendo a sua mão. Desta vez, ela convocou o poder e a pedra fluiu sobre o líder pirata, espalhando-se da mão dela em ondas. Antes, ela tinha ficado horrorizada com aquilo, mas todas as coisas más que os outros ali tinham feito, tinha sido aquele homem que tinha ordenado.

Havia algumas pessoas que nem mesmo Ceres conseguia sentir pena.

"Quem manda aqui?", perguntou de novo Ceres, e o silêncio entre os piratas foi resposta suficiente. O primeiro deles a ajoelhar-se era relativamente jovem.

Os outros, logo em seguida, seguiram-no, caindo para o convés num medo óbvio.

"Tu mandas", disse um dos piratas. "Nós faremos tudo o que quiseres."

Tudo o que ela quisesse. Isso estava muito distante daquilo que eles tinham ameaçado apenas um minuto ou dois antes. Uma parte de Ceres queria punir aqueles homens por aquilo que eles eram e por aquilo que eles tinham feito, mas ela reprimiu esse impulso. Ela não ia fazer isso, mesmo sabendo que eles o mereciam

Além disso, o seu navio estava destruído.

"Levem-me para Delos."

CAPÍTULO ONZE

Thanos tinha decidido não comparecer no Stade para o festival da Lua de Sangue. A visão das Matanças apenas lhe iria trazer de volta muitas memórias de Ceres, e isso não teria justo para com Stephania. Um homem devia concentrar-se na sua esposa, e não nos mortos.

Além disso, havia uma grande probabilidade de Lucius estar ali, e depois daquela manhã, Thanos queria evitar o seu meio-irmão ainda mais do que habitualmente.

Foi por isso que ele estava no castelo quando os guardas começaram a correria. Thanos conhecia os lutadores. Ele conhecia a diferença entre a velocidade que vinha com uma ordem apressada de um superior e a que vinha com uma verdadeira urgência. Um olhar para os guardas que se apressavam para por as suas armas em ordem, olhando em volta como se não soubessem o que fazer, disse-lhe qual delas aquela era.

"O que é que se passa?", perguntou Thanos, parando um deles. O homem tinha a aparência de um guarda da cidade e não de um do contingente do castelo. O seu uniforme estava menos preservado, e não havia o reluzir de uma insígnia real no seu ombro. "Acalma-te. Diz-me o que está a acontecer."

"Príncipe Thanos", disse o homem a arfar, como se tivesse vindo a correr desde a cidade. "Graças aos deuses que tu estás aqui. Temos estado a tentar encontrar alguém sénior para assumir o comando, mas o príncipe Lucius não está aqui e na sequência das festividades da Lua de Sangue..."

Todos os outros que poderiam fazer aquilo estavam provavelmente muito ressacados para serem úteis, pensou Thanos. Ele tinha mandado embora os dois generais que tinham estado ali.

"Agora encontraste-me", disse Thanos. "Qual é a emergência?"

"É o Stade, sua alteza", disse o guarda. "A rebelião atacou o Stade!"

Um lampejo de interesse e esperança resplandeceu em Thanos, mas ele fez o seu melhor para disfarçar.

"O que é que isso quer dizer, soldado?"

"No meio das Matanças, sua alteza", disse o guarda. "Eles atacaram o Stade e libertaram os lordes de combate. Agora... agora toda a área em torno do Stade está em tumultos! Eles estão em rebelião aberta, e nós não sabemos o que fazer!"

Interiormente, Thanos aplaudiu com alegria perante a audácia do movimento.

Era brilhante, de certo modo, atacar o coração do Império e simultaneamente adquirir para a rebelião lutadores realmente perigosos. Os tumultos em todo o

resto... adequadamente tratados, podiam-se transformar em rebelião completa na cidade.

Tinha acabado de lhe ser dada a oportunidade de o fazer.

"Certo", disse ele. "A partir deste momento, estou no comando. Qual o teu nome?"

"Gil, sua alteza".

"Bem, Gil, tu estás comigo. Espero que saibas montar."

Thanos correu para os estábulos, selando o seu cavalo o mais rápido que pôde e ordenando aos trabalhadores do estábulo que preparassem um cavalo para o soldado enquanto ele ia buscar as suas

armas. Juntos, eles desceram para a cidade. Provavelmente parecia ao guarda que Thanos estava a correr para tentar derrubar a rebelião. Em vez disso, Thanos queria lá chegar para que pudesse ver por si próprio e procurar maneiras para atizar as chamas.

Havia chamas *reais* e os dois desciam para a cidade. As pessoas tinham incendiado algumas das áreas mais pobres, e Thanos podia ver fumo a subir em canudos, enquanto guardas, saqueadores e manifestantes lutavam nas ruas.

"Escória Nobre!", disse um homem enquanto corria para Thanos com uma faca na mão. Thanos pontapeou-o para longe e continuou a cavalgar.

"Não queres parar e acabar com ele, sua alteza?", perguntou Gil. "O Príncipe Lucious faria isso"

"Não há tempo", disse Thanos, interrompendo-o. Não era o verdadeiro motivo, mas era um que o guarda podia acreditar. "Onde estão os guardas que estão atualmente no comando?"

"Não temos certeza de *quem está* no comando, sua alteza, mas alguns dos oficiais encontraram um lugar numa das antigas torres com vista para o Stade."

"Então é para aí que temos de ir", disse Thanos, esporeando o seu cavalo para a frente. As ruas estavam a aproximar-se agora, e nas ruas laterais, ele via grupos de pessoas reunidas. A maioria parecia que estava ali apenas para saber o que estava a acontecer.

Se tivesse tido mais tempo, Thanos poderia ter ido ter com eles para incentivá-los a revoltarem-se com os outros. Assim como era, ele cavalgava na direção do Stade, e até mesmo a partir dali, ele podia ver os sinais de violência.

Havia grupos de guardas nas ruas, e até mesmo enquanto observava, um aglomerado deles partiu atrás de um homem que fugia.

"Deixem-no!", ordenou Thanos. "Eu preciso de vocês comigo."

Ele e o seu grupo de guardas avançaram pelas ruas. Numa delas, ele viu um grupo, do que eram claramente saqueadores, a forçar a sua entrada em casas. Viu-os a arrastarem para fora de uma casa um homem e uma mulher. Era óbvio que

tinham a intenção de roubá-los, e, provavelmente, de matá-los, aproveitando-se do apelo à rebelião para roubar ou ajustar contas com o passado.

"Comigo!", disse Thanos, avançando para atacar. Ele desembainhou uma espada e atacou, fazendo com que um homem caísse para trás enquanto ele segurava um coto ensanguentado de um braço. Ele aparou um golpe de um taco, depois pontapeou outro homem para trás. Os guardas estavam ali naquele momento, a lutar contra os outros e atirando-os pelo ar.

"Estão bem?", perguntou Thanos ao homem e mulher que tinham sido arrastados da sua casa.

"Eu...", começou o homem, "eles iam matar-nos. Obrigado."

Thanos apontou para os guardas que o acompanhavam. Se ele tinha de os comandar, ele devia pelo menos

usá-los de uma forma que protegesse as pessoas da cidade. "Estes homens vão ficar aqui e vão certificar-se de que eles não voltam. Fiquem dentro de casa. Isto vai passar em breve."

Só que Thanos estava à espera que não passasse. Ele estava à espera que aquilo se transformasse em algo maior quando ele partiu em direção ao Stade novamente. Muito maior.

O Stade estava diante de si, assim como as antigas torres. Elas eram tão antigas que provavelmente estavam ali há tanto tempo quanto a cidade, erguidas num mármore branco puro tão altas que quase rivalizavam com os bastiões do castelo ou com os pináculos de alguns dos templos da cidade. Habitualmente, elas estavam vazias, mas agora Thanos conseguia ver os guardas de pé em torno da base, obviamente, sem saber o que fazer a seguir.

Dentro, havia uma escada em espiral que contornava a parede da torre, conduzindo a um nível muito mais acima. Thanos corria, ignorando a dor nos seus músculos enquanto subia para o nível superior. Ali, ele encontrou meia dúzia de homens com os uniformes dos capitães da guarda, soldados e guardas reais, todos a discutir e a baralhar ordens.

"E eu digo que precisamos de nos mover agora, Maximus", disse um deles.

"Sem esperar por ordens."

"E arriscar irritar o rei, Pullo?", contra-argumentou outro.

Thanos decidiu assumir o comando. "Que movimento estavam a pensar fazer?"

Os homens olharam para ele. O que se chamava Pullo fez uma vénia.

"Príncipe Thanos. Não esperávamos que *tu* viesses".

"Eu não esperava estar aqui", disse Thanos. Do topo da torre havia uma boa vista sobre o Stade e sobre o resto da cidade. Dali, ele conseguia ver a violência no Stade, e estava o caos.

Havia lutas em todos os cantos do mesmo. Thanos conseguia ver nós de guardas nas cores da cidade, envolvidos na batalha definitiva com os rebeldes, com lordes de combate, ou simplesmente com as pessoas nas bancadas. Mesmo dali de cima era fácil de distinguir os lordes de combate, que estavam orgulhosamente no caos, a rodopiar e a saltar, matando quase sem esforço.

Também havia chamas no Stade, a arder nas bancadas onde as pessoas tinham posto fogo a tudo o que tinham conseguido.

"Olhem para eles", disse Maximus. "Animais".

Thanos abanou a cabeça. "Apenas pessoas desesperadas. Quão grave é?"

"Há motins no Stade e em todas as ruas vizinhas", explicou Maximus. "Nós perdemos..."

"Temporariamente", disse, interrompendo, outro dos soldados.

"Nós perdemos temporariamente o controlo de metade do distrito inferior ao lado do Stade."

Thanos tentava pensar. Poderia aquilo transformar-se na perda de toda a cidade? Poderia ser aquele o momento em que as coisas mudavam no Império?

Abaixo, a violência certamente parecia como se nunca fosse acabar. Havia guardas lá em baixo, mas muito poucos para alguma vez sequer conseguirem conter totalmente o caos. Thanos sentia-se como se estivesse ali em cima a flutuar por cima daquilo, mas, mesmo assim, a violência parecia perto o suficiente para lhe tocar. Numa rua próxima, ele via homens e mulheres a arrancar as pedras da calçada com as mãos, lançando-as na direção de um grupo de guardas que avançava.

"O que estão a fazer para recuperar o controlo?", perguntou Thanos.

"*Conseguem* recuperar o controlo, ou preciso de evacuar a minha esposa do castelo?"

A sua garganta ficou apertada com aquele pensamento. Ele queria que os rebeldes fossem bem-sucedidos, mas ele também sabia o tipo de violência que poderia acompanhar uma revolução. Ele não iria permitir que Stephania fosse apanhada naquilo. Ele precisava encontrar maneiras de ajudar os rebeldes, mas se eles já estavam a vencer, ele iria voltar para se certificar de que Stephania e quaisquer outros inocentes no castelo abandonavam a cidade em segurança. Ele já tinha visto como a multidão na cidade conseguia ser.

"Não deve ser preciso, sua alteza", disse Pullo. "Nós temos mais de mil bons soldados colocados fora dos portões da cidade, prontos para avançar ao teu comando."

"O nosso pensamento era avançar e cercar o Stade", disse Maximus. Thanos conseguia praticamente ouvir a necessidade de aprovação real. "Nós podemos prender os rebeldes e os lordes de combate ali e, em seguida, apertar o anel como

um laço. Podemos atacá-los de todos os lados e acabar com isto. Talvez possamos até mesmo capturar alguns dos líderes da rebelião."

Thanos tinha de admitir que era um bom plano. Era simples, mas havia uma espécie de força nisso. Não havia nada para correr mal, apenas uma espécie de pressão constante que iria esmagar os rebeldes sob o peso dos números.

Thanos tinha de encontrar uma maneira de pará-lo.

"Não", disse ele. "Nós não podemos fazer isso."

"Porque não?", exigiu saber Maximus, parecendo então perceber o que estava a dizer. "Perdoa-me, sua alteza. Eu não quero parecer inconveniente, mas não tenho certeza que entendas tudo o que pode estar em jogo."

Thanos tentou pensar, e uma dura e violenta verdade cresceu dentro dele como bílico: isto não ia ser o momento em que a rebelião derrubava o Império, ou mesmo a cidade. Havia muitos soldados à espera. Mesmo se aquele milhar não conseguisse acabar com a revolta, mais se seguiriam.

Tudo o que ele podia fazer agora era tentar salvar algum tipo de vitória para os rebeldes, embora o pensamento do que ele teria de fazer fosse pura dor. Ele tinha de escolher, naquele preciso momento, qual poupar e qual conquistar.

"És tu quem não entende o que está em jogo", disse Thanos, tentando colocar o máximo de autoridade possível no seu tom de voz. "Achas que o Stade importa neste momento?"

"Sua alteza", disse Pullo, "é onde os rebeldes *estão*."

"Há rebeldes em todos os cantos da cidade", retrucou Thanos. "Tu, Gil, não tivemos de lutar contra um grupo deles no caminho até aqui?"

"Bem, acho que sim", disse o guarda que o havia trazido.

Thanos continuou antes que alguém pudesse discutir ou contradizer. Ele mudou para o tom de um general a discursar antes de uma batalha.

"A verdade é que os rebeldes estão na cidade. Há incêndios a espalharem-se e motins em crescimento em todos os distritos. Mil homens parece muito, mas mal serão suficientes para controlar toda a cidade. Eu quero os soldados divididos, com guardas da cidade a comandar cada grupo. Quero patrulhas em cada rua principal. Quero os fogos controlados e todos os saques detidos. Nós vamos sair e mostrar às pessoas que controlamos todas as ruas. Onde há rebeldes, nós lidamos com eles, mas a prioridade é mostrar que a cidade nos pertence."

Maximus ainda parecia cético. "E o Stade?"

"Nós montamos uma barreira em torno do Stade", disse Thanos. "Duzentos homens".

"Duzentos? Isso..."

"Tu vais fazer o que eu mandar", disse Thanos. Duzentos homens eram muito poucos para impedir que os rebeldes escapassem. Haveria furos na linha. Haveria

caminhos de fuga. "Eu não vou tomar o Stade enquanto hordas de rebeldes caminham no castelo para matar a minha família e a minha esposa! Vamos manter a cidade até a batalha no Stade acabar, e então entramos para apanhar o que sobrar."

E, enquanto isso, os soldados abateriam a rebelião em todos os restantes lugares. Teria acontecido de qualquer maneira, mas agora que Thanos tinha dado a ordem, tudo o que os soldados fizessem seria da sua responsabilidade. Cada morte, cada derrota, seria porque ele tinha dado aquela ordem. Ali, no topo da torre, ele não veria as execuções, mas ele saberia que estavam a acontecer.

Ele só tinha de esperar que os rebeldes no Stade conseguissem.

CAPÍTULO DOZE

Lucious vagueava pelo rescaldo da revolta na cidade, enquanto os soldados aniquilavam os desordeiros. Ninguém o desafiava. Eles sabiam quem ele era, e os homens ao seu redor eram homens duros, homens valentes, a quem era melhor não fazer perguntas.

Porém, não era o mesmo que os seus ataques tinham sido, porque, em comparação, os guardas estavam a ser demasiado contidos. Sem forcas, sem chicotadas na rua. Nem mesmo sem execuções. Era quase como

se eles não quisessem reprimir a cidade onde os seus amigos e famílias viviam. Ele fez uma anotação mental para analisar trazer mercenários dos outros cantos do Império.

Homens que não iriam recuar.

Noutro dia, ele teria assegurado que tal acontecia em Delos. Ele e os seus homens teriam ido num frenesi de violência pela cidade, vingando-se dos desordeiros e dos rebeldes por se atreverem a erguerem-se. Noutro dia, teria sido ele que estaria ali quando eles quisessem um comandante para as suas forças, em vez do seu irmão, Thanos.

O seu irmão. Pensar naquilo fazia com que Lucious enrolasse os lábios com raiva. Ele era o herdeiro. Delos era *sua*, independentemente do que os livros dissessem.

"Por aqui, sua alteza", disse Vrek.

Lucious tinha trazido um quarteto de guardas com ele, substitutos para os que ele tinha perdido para Thanos. Vrek era um ex-bandido, que tinha entrado para o exército porque oferecia melhores coletas. Quellon e Fen eram ambos igualmente enormes. Parecia que eram irmãos, apesar de isso não ser propriamente um pensamento que acalmasse Lucious naquele momento. Justino era esguio com o chicote e bom com facas.

"Tens a certeza de que este é o lugar onde as pessoas que eu quero se reunirão?"

O ex-bandido encolheu os ombros. "Aqui é Delos. Esse tipo de pessoas não é difícil de encontrar."

A taberna era longe de qualquer lugar que Lucious teria normalmente escolhido para beber, mesmo em uma das suas incursões na cidade com os outros jovens nobres. Havia locais que tinham o arrojo do perigo e depois havia lugares como aquele.

Era de pedra, mas provavelmente apenas porque os fregueses teriam incendiado qualquer coisa que fosse de madeira. As portas estavam presas com

ferro e as janelas tinham grades, tornando o local mais parecido com uma fortaleza do que apenas com um lugar para beber. Em vez de um letreiro havia um crânio de carneiro pendurado acima da porta. De dentro, Lucious conseguia ouvir os sons de pessoas a beber e a gritar umas com as outras, ali fechados enquanto o resto da cidade lutava.

"Eu teria pensado que as pessoas que frequentam lugares como este estariam lá fora a saquear", disse Lucious.

"Peço perdão, sua alteza", disse Vrek, "mas o saque é inútil num momento como este, e as pessoas aqui vão sabê-lo. Coisas que tu poderias roubar em qualquer dia da semana, com um exército inteiro de soldados aí fora para te matar se te vissem por aí."

Lucious minimizou a familiaridade por agora. "Eu não preciso de uma palestra sobre o melhor da etiqueta do saque. Põe-me lá *dentro*."

Foi preciso os seus homens darem talvez uma dúzia de golpes antes da fechadura da porta se abrir. Lucious entrou numa sala que há muito se havia calado. Homens de aparência rude estavam congelados,

quase de pé, obviamente, apanhados de surpresa ao verem o seu príncipe entrar na sala. Muitos deles usavam capas, com as suas feições escondidas sob os capuzes. Lucious questionava-se se eles tinham feito aquilo quando os seus homens começaram a bater na porta ou se eles realmente bebiam ali assim. Ele caminhou até ao bar da taberna e pousou uma moeda, girando-a para que o ouro brilhasse à luz do sol.

"Vinho", Lucious disse, "e isto vai pagar a porta."

O taberneiro agarrou na moeda quando Lucious a largou, voltando com uma meada de vinho. Lucious segurou-a, mas não bebeu. Atrás dele, ele ouviu o som de homens a sentarem-se novamente nos seus lugares. Ele não olhou à volta.

Aqueles camponeses não se atreveriam a atacá-lo.

"Estou à procura de informação", disse Lucious. Ele pegou noutra moeda e girou-a. "Os meus homens disseram-me que este podia ser o lugar certo para vir."

"Talvez os teus homens não tivessem ouvido bem", gritou uma voz vinda de trás.

Lucious virou-se e acenou com a cabeça. Vrek e Justino avançaram e arrastaram para fora uma das figuras encapuzadas, enquanto os dois irmãos vigiavam o resto. Alguns pareciam animais em tensão para saltar, mas não o fizeram. Talvez eles conseguissem adivinhar o que aconteceria se eles atacassem o herdeiro do trono.

Lucious levantou-se e puxou o capuz da cabeça do homem. Ele provavelmente tinha sido um homem forte em tempos, mas agora os anos já pesavam.

"Os meus homens ouvem muito bem", disse Lucious. Ele bateu-lhe, atingindo o homem no estômago com o punho, com força suficiente para lhe tirar a

respiração. "Principalmente porque eles sabem quando devem ficar quietos e ouvir."

Lucious foi e sentou-se novamente. Ele voltou a girar a sua moeda.

"Eu tenho visto coisas", disse ele para a sala. "Eu quero saber o que elas significam, e isso significa perguntar-te. Acredita em mim, eu não estaria aqui se eu não tivesse de estar. "

Dada a escolha, ele teria incendiado aquele lugar com todos ainda ali dentro, mas às vezes era preciso fazer coisas desagradáveis como associar-se àquela escória.

"Eu vi o príncipe Thanos esta manhã", disse Lucious.

"A maioria de nós viu", disse outro dos fregueses da taberna. "Foi ele que derrubou os motins."

"Antes disso", disse Lucious, controlando a sua ira de momento. "Eu vi-o a cavalgar de volta para o castelo ao início desta manhã. Ele tem vindo a esgueirar-se. Eu quero saber porquê."

"Então porque não lhe perguntas a ele em vez de interromperes a nossa bebida?", perguntou outro dos homens.

Lucious suspirou e sacou da espada, colocando-a no bar. Ele olhou para os seus homens. "Vêem o que acontece?", perguntou. "Eu tento ser razoável, e as pessoas simplesmente atiram-me isso à cara."

Ele saltou para a frente, pegando a sua espada e balançando-a num movimento. O sangue jorrou da garganta do freguês quando Lucious a cortou. Ele morreu tão facilmente como qualquer outro camponês. Estranho; Lucious tinha esperado mais.

Agora, os outros clientes reagiram, e por um momento Lucious sentiu medo real. Eles saltaram dos seus assentos, com facas e tacos a serem desembainhados.

Os seus homens moveram-se colocando-se em formação em torno dele, e, apenas por um segundo, Lucious pensou que talvez ele tivesse calculado mal. Então ele lembrou-se quem ele era.

"Magoem-me e vocês vão ver os vossos familiares esfolados antes de eles por fim vos empalarem", disse Lucious. Ele sacou de uma bolsa de trás das suas costas. "Por outro lado, se vocês me ajudarem, tal pode ser muito rentável para todos vocês."

Ele lançou-a no sangue na mesa e o seu tilintar cortou o silêncio. Lentamente, Lucious sentiu a tensão na sala a dissipar-se.

"Nunca gostei muito de Eskrin de qualquer maneira", murmurou um homem, e isso pareceu ser a deixa para os outros se sentarem novamente, mesmo mantendo as suas armas nas mesas.

"Falava demais", outro concordou.

O primeiro homem encolheu os ombros. "Já não é um problema."

Lucious voltou para o seu lugar. Agora, ele deu *efetivamente* um gole *no* vinho. Ele precisava disso depois de ter estado tão perto de tal. Era um material vil, aguado e azedo por ficado de fora demasiado tempo.

"Thanos", disse ele, deixando as palavras assentar. "Eu quero saber qualquer coisa que já tenham ouvido falar sobre ele. Eu quero saber porque é que ele se anda a esgueirar. E não me digam que não ouviram nada. Há sempre alguma coisa.

Em todo o caso, é melhor que haja, se vocês quiserem que os soldados dêem a esta pocilga uma senhorita."

Os homens entreolharam-se antes de olharem para um deles num canto, um homem pequeno que tomava conta de um copo com as duas mãos. Lucious viu-o engolir quando os olhos se voltaram para si, e, quando Lucious assentiu, os seus homens levaram-no para fora.

"Os teus amigos parecem pensar que tu sabes alguma coisa", disse Lucious.

"Agora, como já deves ter notado, eu não tenho muita paciência, pelo que te aconselho a dizer o que é."

O homem ficou ali, abrindo e fechando a boca. Para Lucious, ele parecia um peixe.

"O Justino aqui é muito bom em conseguir informações de pessoas, ouvi dizer", disse Lucious. "Ele

consegue fazer coisas com facas que..."

"Há rumores", disse o homem.

"Há sempre rumores", disse Lucious.

"Estes são acerca de Haylon."

Isso foi o suficiente para agarrar o interesse de Lucious.

Despreocupadamente, ele limpava o sangue ainda molhado da lâmina da sua espada.

"Qual é o teu nome?", perguntou Lucious.

"Alexander, sua alteza".

"Bem, Alexander, e o que me contas sobre Haylon?"

"Eu... eu não sei muito", admitiu o homem. "Eu só... conheço pessoas que conhecem pessoas. Pessoas que afirmam estar na rebelião. Pessoas que estiveram em Haylon. Eu só ouvi algumas coisas.

"E o que são?", perguntou Lucious enquanto afastava a sua espada.

"Apenas que as coisas não eram o que pareciam na primeira expedição", disse Alexander. "Que a história que o príncipe Thanos contou sobre isso não era a verdadeira."

"Então, qual é a verdade?", perguntou Lucious.

"Eu não sei", admitiu Alexander. Lucious viu-o a ficar pálido. "Mas eu...

poderia descobrir. Eu conheço as pessoas certas."

Lucious sorriu lentamente. Aquele dia estava a ser mais interessante do que ele tinha esperado. "Então eu acho que tu deves perguntar-lhes, não achas?"

"S-sim, sua alteza".

Lucious viu-o a contorcer-se no lugar. "O que se passa?"

"É só que... as pessoas a quem eu vou ter de perguntar... não é o tipo de informação que seja barata."

Lucious tirou outra bolsa do seu cinto, lançando-a para o pé da primeira.

"Considera isso uma entrada", disse ele. Ele olhou ao redor da sala. "Não.

Considera-o um adiantamento, para todos vocês. A partir deste momento, vocês fazem parte dos meus homens". Ele levantou uma mão, quando alguns dos que ali estavam começaram a murmurar. "Eu sei, eu sei, vocês estão todos ocupados com os vossos 'pequenos negócios'". Não tenho nenhum interesse em interferir nisso.

Se vocês querem roubar, matar ou vender os fracos, esse é o vosso negócio. O

meu negócio é a verdade sobre Thanos. Ajudem-me com o meu negócio e vão achar mais fácil cuidar do vosso negócio."

"Estás a oferecer-nos proteção?", perguntou um dos fregueses.

Lucious fez um gesto para os bandidos que havia trazido com ele. "Eu cuido dos meus homens", disse ele. "Perguntem-lhes se quiserem. Perguntem-lhes o quão boas são as coletas e quanta liberdade há para eles fazerem o que gostam.

Desde que vocês também façam o que *eu* gostar, vocês nunca terão de te preocupar com os guardas novamente."

"E haverá ouro?", perguntou um dos outros fregueses. "Ainda nos estás a oferecer ouro, certo?"

"Eu estou a oferecer-vos uma escolha", contrapôs Lucious. "Eu vou pagar-vos pelo que fizerem. Se precisarem de subornar informadores ou comprar segredos, eu pagarei. Se me derem informação, eu pagarei. Se me derem o suficiente para ter a cabeça de Thanos... eu dar-vos-ei o vosso peso em ouro. Claro, vocês poderiam optar por ignorar tudo isto. Vocês poderiam tentar irem-se embora ou enfrentar-me."

Ele aproximou-se e passou o dedo pelo sangue do homem que ele tinha matado. Sangue camponês, mas ele já se tinha acostumado a senti-lo.

"Se um homem escolher isso, ele torna-se meu inimigo. Eu vou caçá-lo. Todos vocês vão receber moedas por quaisquer traidores que encontrem para mim.

Portanto... bem, há torturadores no castelo que conseguem manter um homem vivo durante semanas, se quiserem. Tempo suficiente para ele ver todos os que ele ama a serem executados, pelo menos."

Lucious limpou a mão na túnica do freguês morto.

"Mas a escolha é vossa, é claro. Eu não vos quero pressionar. Agora, se me derem licença, eu vou desfrutar da Lua de Sangue, enquanto ainda restam algumas festividades."

Ele saiu da taberna, com os seus homens atrás de si. Lucious não tinha de esperar para saber qual a decisão que aqueles camponeses tomariam. Ele iria voltar para o castelo, e, em breve, um daqueles homens iria entregar-lhe Thanos.

Thanos morreria, Stephania imploraria a seus pés para ser dele e o mundo seria como deveria ser.

CAPÍTULO TREZE

Ceres estava na proa do navio pirata à medida que este se aproximava de um porto da aldeia a norte de Delos. Ela emocionou-se ao ver a sua terra natal. A aldeia não era grande. Tinha um porto natural, construções de madeira em torno de uma praça central e o peixe secava ao sol em suportes antes de ficar fumado.

As lágrimas vieram-lhe aos olhos. Depois de todas aquelas luas, finalmente ela estaria em casa. Ela pensou na sua família, nos rebeldes, no destino que a esperava - e o seu coração acelerou.

Na margem, ela via as pessoas a correr em resposta ao navio que se aproximava. De tão perto que estava, ela conseguiu ouvir o badalar de um sino de alarme e ver os guardas com os uniformes do Império a formarem-se, prontos para a batalha. Pelo menos algumas pessoas estavam a cavalgar vibrantemente.

Ceres não conseguiu evitar um momento de arrependimento ao ver aquilo. Ela não queria assustá-los, mas o navio pirata era a melhor maneira de ela chegar ao continente outra vez.

Ceres viu uma corrente com espigões a erguer-se da água, levantada pelos aldeões no porto. Obviamente, eles já tinham tido de lidar com piratas antes. Ela sentiu o ritmo do navio a abrandar quando os remadores se esforçaram para o parar, apanhados na corrente.

"Isto é o máximo que podemos ir", disse-lhe um dos piratas. Ceres conseguiu ouvir o tom de medo naquele momento. Ele nem sequer sugeriu serem autorizados a invadir a aldeia.

"Então vou eu até à costa", respondeu Ceres. "Vocês têm barcos pequenos?"

"Dois, minha senhora."

"Então, qualquer homem que vocês tenham levado para os remos que deseje sair está autorizado a fazê-lo."

"Mas não podemos navegar o navio a alta velocidade se... "

"Vai mover-se muito mais devagar se for pedra", respondeu Ceres num tom mais duro ao interrompê-lo. A vida no barco era difícil. A única maneira de manter o respeito era não mostrando nenhuma fraqueza. "Agora fá-lo."

Enquanto esperava que eles lhe obedecessem, ela percorreu o navio, levando o que precisava. Não havia armadura que na verdade lhe servisse, mas ela conseguiu pedaços e fragmentos de armaduras, unindo-as de uma forma que pareciam vagamente reminiscências do Stade. Ela ainda tinha a adaga de pedra que Eoin lhe dera na ilha do povo da floresta, à qual ela acrescentou uma das

espadas curvas dos piratas, e um par de protetores de pulso em aço cauterizado que terminavam em luvas de escamas de metal.

"Quando eu sair", disse Ceres, "voltem para o mar. Se tiverem algum juízo, vão parar de roubar as pessoas. Eu poupei-vos uma vez, mas se eu vos apanhar outra vez... "

Ela deixou a frase pendurada enquanto observava o barco a ir para a água com mais de uma dúzia de homens a bordo. Ceres poderia ter ido no barco, mas ela tinha uma maneira mais fácil para chegar à costa. Com a leveza e equilíbrio que os habitantes da ilha lhe tinham ensinado, ela caminhou ao longo da corrente que os aldeões tinham erguido, saltando levemente na costa.

Ela observou o contingente de soldados do Império ao se aproximar. Eram provavelmente vinte, dispostos em quadrado. Eles estavam ali como se não soubessem o que fazer. Eles provavelmente

estavam à espera de ter de lidar com um barco cheio de piratas e não com uma mulher. Ceres dirigiu-se até eles tão calmamente quanto conseguiu.

"Alto!", exclamou o líder dos soldados. "Quem és tu? O que é que estás a fazer aqui?"

"Eu não quero problemas", disse Ceres. "Eu estou apenas a passar por aqui."

"E aqueles piratas deram-te uma boleia por acaso?", quis saber o guarda.

Ceres viu um soldado ao lado dele tocar-lhe no ombro. "O que é, Rikard?"

"Senhor, é ela, senhor!"

"Quem?"

"Ceres! A insurgente! Eu vi-a no Stade quando eu estava no sul da cidade, a levar mensagens."

"Tens a certeza? Eu pensava que ela estava morta."

Ceres desembainhou a sua espada, mantendo-os para os lados, sentindo o peso deles. Ela podia ter mentido sobre quem era, mas o Império precisava entender o que vinha por aí.

"Eu não estou morta", disse ela. "E vocês deviam fugir."

"Fugir?", perguntou o guarda. "Nós somos vinte! Ninguém pode vencer vinte homens armados. Nem o maior lorde de combate que alguma vez viveu.

Certamente não uma miúda qualquer. Portanto, o que vai acontecer é o seguinte.

Tu vais render-te, senão vamos bater-te até perderes os sentidos. Depois, vamos levar-te acorrentada para a cidade."

"Não para Lorde Oeste?", perguntou o soldado que tinha falado antes.

"Lorde Oeste?", contrapôs o guarda. "O homem está a meio caminho de ele próprio se tornar um rebelde. A única razão pela qual ele não se junta à rebelião é porque ele está preocupado com a perda das suas terras. Não, vamos levar esta onde ela pertence. Agarrem-na."

Os soldados romperam as fileiras ao avançarem e foi quando Ceres atacou. O

oficial tinha razão. O maior lorde de combate não poderia ter lutado contra vinte homens. Eles teriam sido corridos e derrubados em segundos, mas ela era mais do que apenas um lorde de combate. Ela tinha o treino do povo da floresta. Ela tinha o poder que vinha do sangue dos Anciãos. Tudo junto, era como se os seus atacantes fossem milho à espera da foice. A única razão pela qual ela não os transformava a todos em pedra era porque ela suspeitava que o esforço de o fazer seria demais para ela.

Ela golpeou um com um movimento da sua lâmina curva, atravessou a linha de homens e apunhalou outro com a sua adaga. Ela girou e pontapeou, derrubando um soldado que tentou agarrá-la, continuando em movimento.

Um taco aproximou-se da cabeça de Ceres. Ela baixou-se e respondeu com um golpe de espada e, em seguida, desviou outro ataque com os seus protetores de pulso, arrancando uma arma da mão do seu portador. Ela saltou, eliminando as cabeças de dois homens que tentaram abordá-la, pousando suavemente.

Ela continuou em movimento, porque ficar quieta era a única coisa que poderia derrubá-la naquele momento. Ainda havia soldados suficientes para se juntarem simplesmente e derrubarem-na num aglomerado de membros agitados, pelo que então Ceres não lhes deu hipótese. Ela era tão mais rápida do que eles, tão mais forte, que era fácil manter os soldados no caminho uns dos outros. Ela desviou-se de mais um ataque, esfaqueou um homem com a sua adaga e arremessou um outro soldado contra a ombreira de uma porta com força suficiente para a partir.

O mais estranho daquilo não era a velocidade ou força com que ela se movia.

Ela já o tinha feito antes, no Stade, em lampejos. A parte que agora ia mais além era a maneira como aquilo parecia parte dela. Parecia natural. Na verdade, toda a luta parecia uma dança sangrenta da qual Ceres já conhecia os passos. Ela tinha estado recetiva ao poder dentro de si, mas ela tinha aprendido mais do que isso.

Ela tinha aprendido encaixar-se no mundo ao seu redor. Ela tinha estado recetiva à batalha, deixando que esta lhe dissesse exatamente para onde ela precisava de se mover.

Ceres desviou-se de um corte balançando-se para trás, aparou um ataque e contra-atacou com um golpe que apanhou um soldado do Império na perna. Ela girava e atacava, com as suas lâminas sempre em movimento, sempre intercetando ou atacando, empurrando ou golpeando. Ela sentiu o calor da respiração atrás dela, e já se estava a baixar quando um soldado se mexeu para agarrá-la. Ceres atirou-o de rojo pelo chão.

Os momentos misturavam-se. Havia tantas espadas ao seu redor, tantos atacantes, e, ainda assim, Ceres não sentia o medo que devia sentir. Em vez disso,

ela quase se sentia serena. Havia algo bonito sobre o ato de mover-se com uma lâmina na mão, mesmo se as suas consequências fossem muito terríveis.

Os seus protetores de pulso apanhavam o sol, brilhando enquanto desviavam lâminas, refletindo os uniformes dos homens quando os punhos dela iam contra eles. Os soldados ficavam no caminho uns dos outros à medida que Ceres se continuava a mover, nunca, ainda assim, por muito tempo, não parando para os deixar recuperar a formação da qual tinham desistido.

Talvez se eles tivessem conseguido cercá-la e atacá-la de todos os lados, tivessem tido uma hipótese. Talvez se eles tivessem sido mais do que apenas soldados comuns, mal treinados e habituados a camponeses que não se defendiam, tivessem sido capazes de fintar o círculo rodopiante das espadas dela.

Mas assim, homem após homem atacava, e depois caía. Eles começaram a empurrar para se manterem fora do caminho de Ceres, para não serem os próximos a terem de lutar contra ela. Ceres sentia como se estivesse a atravessar árvores numa floresta, só que estas árvores estavam revestidas com lâminas, qualquer uma das quais podia ainda magoá-la ou matá-la.

De repente, Ceres estava num espaço livre, enfrentando o guarda que tinha encomendado que a levassem. Ela poderia dizer apenas pela maneira como ele estava que ele tinha tido mais treinos com uma espada do que a maioria dos seus homens. Certamente, a espada que ele segurava estava finamente trabalhada, polida como um fio de navalha.

Ele golpeava e Ceres bloqueava, mantendo a sua distância. Ela tinha de se manter em movimento, porque ainda havia outros homens ao seu redor. Nenhum deles parecia estar a atacar naquele momento e Ceres imaginou que eles estivessem à espera que o guarda lidasse com ela, onde eles não conseguiam, mas ela ainda não se podia dar ao luxo de baixar a guarda. Ela movimentava-se ao redor do guarda, continuando a golpear.

"Tu podes ser capaz de superar esta escória, mas eu era o melhor com a espada na minha unidade, lá em Delos. Eles costumavam entregar-me criminosos ainda armados, quando queriam que parecesse que tinham morrido a combater."

Ceres não respondeu. Em vez disso, ela continuou a circular. Ela tentou um corte. A resposta foi suficientemente rápida para que ela ficasse grata à velocidade que o seu poder lhe dava. Ela inclinou-se, desviando o golpe, mas tal pareceu animar o oficial.

"Olha para ti", disse ele, atacando sem parar. "Tu não és assim tão perigosa."

Tu não vales nada. Provavelmente, só entraste no Stade porque estavas a tentar seduzir..."

Ceres atacou enquanto ele ainda ia no meio da frase. A espada do guarda avançou para a atacar e ela enrolou o pulso à sua volta, com a espada dela a

cortar a armadura dele desde o ombro até meio do peito. Ela largou o punho e deixou o guarda cair, já à espera da próxima ameaça.

Mas não houve mais. Meia dúzia de soldados estavam a fugir naquele momento, mas era tudo o que restava deles. Os restantes estavam estendidos num amplo círculo ao redor dela, mortos, inconscientes ou simplesmente demasiado feridos para fugir.

A adrenalina da luta passou rapidamente. Ceres tremeu ao consciencializar-se da escala do que tinha feito. Catorze homens. Ela tinha abatido catorze homens.

Homens que a teriam matado com muito prazer, mas que não tinham feito nada para limpar o sangue da praça da aldeia em torno dela ou da sua armadura. Ela tinha-os golpeado facilmente, graças aos seus treinos e aos seus poderes.

Tinha parecido tão natural como respirar. Agora, Ceres tinha de se lembrar de respirar, apanhando o odor forte do sangue no ar, enquanto estava ali à espera que o seu coração voltasse ao normal.

Ceres via as pessoas a olhar para fora das suas casas, como se estivessem a questionar-se sobre o que ela era. Pelo menos Ceres tinha uma resposta para isso.

Ela tinha o sangue dos Anciãos. Na ilha com a sua mãe, ela tinha começado a ter uma noção do que isso significava. Agora, com tantas pessoas a olharem para ela por cima dos corpos dos mortos, ela sentia como se tivesse conhecido um outro lado de si mesma.

Ela ouviu o som de cascos sobre o silêncio da praça. Ela olhou para cima e viu cavalos a aproximarem-se; tantos que pareciam metade de um exército.

Facilmente uma centena de homens, todos com armaduras de malha metálica, todos com lanças longas para atirar ou apunhalar a toda carga. Ceres duvidava que até mesmo ela conseguisse sobreviver se eles atacassem.

Um tinha um galhardete anexado à sua lança, marcado com um cata-vento estilizado, sendo soprado por vento de oeste. Ele cavalgava à frente de todos deles. Parou perto dela e levantou a viseira de um elmo em forma de cabeça de javali. O rosto por trás da viseira era surpreendentemente jovem.

"O que aconteceu aqui?", perguntou ele. Ceres percebeu que ele estava com medo.

"Eles atacaram-me", disse ela, como se isso explicasse tudo. De certa forma, explicava.

"E tu mataste esses homens todos?" Ele parecia não estar a acreditar. Ceres não o culpava. Ela própria mal conseguia acreditar. Mesmo naquele momento, a violenta beleza daquilo parecia como se fosse uma espécie de sonho. Uma espécie de pesadelo, mas ela não podia deixá-los perceber isso. Ela tinha de ser mais do que apenas uma miúda ali numa praça, portanto. Ela tinha de ser um símbolo.

Ela estava ali com tanta franqueza quanto conseguia, tentando usar o sangue que a cobria mais como uma insígnia do que parecia.

"Eu lutei no Stade. Eu fui expulsa pelo Império. Eu sobrevivi aos seus navios prisão. E sim, eu matei assim tantos homens, mas apenas porque eu não vou deixar o Império controlar a minha vida por mais tempo."

"Tenho de te levar ao Lorde Oeste, governador destas terras, e deixar que seja ele a decidir o teu destino."

Ele pestanejou contra a luz.

"Qual é o teu nome?", perguntou-lhe ele, como se estivesse a começar a reconhecê-la.

"Ceres", ela disse com orgulho.

Um suspiro irrompeu da multidão.

"Isso não é possível", disse ele. "Ceres está morta."

Pela primeira vez, ela permitiu-se sorrir.

"Já não está."

CAPÍTULO CATORZE

Thanos estava na câmara do conselho do rei, e, ao seu redor, os nobres seniores do Império levantaram-se e aplaudiram. Ele agarrou um pedaço de papel do fundo do seu punho, agarrando-se a ele, enquanto o

barulho o cercava. À

cabeça da grande mesa oval, o seu pai estava impassivelmente sentado ao lado da rainha Athena, mas Thanos procurou o seu rosto. Mesmo presentemente, mesmo odiando tudo o que aquele homem representava, ele queria encontrar algum indício de orgulho ali.

Na parte de trás da sala, ele via Lucious a assistir. Lucious não estava a aplaudir com os outros. Em vez disso, a sua expressão era intensa, seguindo cada movimento que Thanos fazia.

"Muito bem, Príncipe Thanos", disse o mestre das florestas do rei. "Sem ti, os rebeldes ainda nos estariam a cortar as gargantas!"

"Acho que os guardas reais teriam dado conta do assunto", respondeu o capitão da guarda real.

O mestre da moeda encolheu os ombros. "Estou grato por não termos de descobrir."

O Rei Claudius levantou-se. "Chega. Quero saber o que aconteceu hoje. Como é que as coisas ficaram tão fora de controlo? Naymir, é suposto controlares o Stade."

Thanos viu um nobre que transpirava a dar um pequeno passo para trás.

"Quem teria pensado que os rebeldes iriam atacar *ali*, sua majestade?", perguntou o homem.

"Ninguém aqui, aparentemente", disse a Rainha Athena com óbvio desdém.

"E, como resultado, quantos foram feridos no Stade?"

"Não temos números completos ainda", disse Thanos. "Nós não sabemos quantas pessoas foram mortas no chão do Stade, e quanto às ruas ao seu redor..."

"Quantos *nobres*?", perguntou a rainha Athena, interrompendo. "Quem se importa com alguns camponeses mortos?"

"Talvez se nos importássemos mais", salientou Thanos, "a situação não tivesse chegado até aqui."

"Oh, pobre Thanos", disse Lucious. "Ainda com um coração a sangrar pelos camponeses."

Thanos poderia ter argumentado, mas o capitão da guarda real escolheu aquele momento para falar.

"Havia talvez uma dúzia de nobres menores nas Matanças, sua Majestade", disse ele. "Quatro foram mortos, dois sofreram ferimentos suficientemente graves para precisarem de curandeiros e os outros escaparam com cortes e contusões."

"Eram alguém importante?", quis saber o Rei Claudius. "Não? Então nós temos coisas mais importantes a considerar. Como por exemplo, como é que isto aconteceu. Eu pensava que nós estávamos a esmagar a rebelião aos poucos.

Se ele pensava aquilo, Thanos pensou, então ele realmente não percebia como aquelas coisas funcionavam. Ele criava mais rebeldes a cada ato de crueldade. O

Império era como um homem a afogar-se que precisava de nadar, mas, em vez disso, apenas fustigava.

"Eu tenho estado a atacar rebeldes onde quer que os encontremos", disse Lucious. "Aplicando pressão para forçá-los à submissão. No final, vamos acabar com eles."

Thanos viu o Rei Claudius a abanar a cabeça.

"Eu não quero saber do 'final'." Eu me importo com o que aconteceu no Stade. Thanos, tu estás aqui para reportar, portanto reporta."

Thanos agarrou o papel que estava na sua mão com mais força por causa da forma ocasional como o seu pai o tratara. Como se ele fosse apenas um oficial a ser comandado.

"Os comandantes no Stade enviaram um mensageiro quando eu estava a voltar de um passeio de manhã", disse Thanos.

"Tu gostas de mensagens", murmurou Lucious lá ao fundo. Thanos ignorou-o.

"Ele relatou que havia violência ao redor do Stade e que ninguém estava disponível para assumir o controlo da situação". Naquele momento ele deu-se ao luxo de olhar de forma cortante na direção de Lucious. "Ele estava a tentar encontrar Lucious, mas ele não estava lá."

"Chega de disputas", disse o rei. "Porque é que o mensageiro não foi capaz de encontrar nenhum dos meus generais? O General Olliant podia ter partido para Haylon, mas Haven deveria estar nas redondezas."

Thanos olhou à volta, esperando que ninguém o apanhasse a olhar enquanto ele tentava ver se alguém era suspeito.

"O velho tolo provavelmente foi dar uma volta", disse a rainha Athena. "Ele já passou há muito a sua utilidade. Honestamente, marido, consegues imaginar a bagunça que ele teria causado com isto?"

"Possivelmente", disse o Rei Claudius, mas ele parecia pensativo. "Continua Thanos. E quando chegaste ao Stade?"

"Os capitães que lá estavam informaram sobre a situação", disse Thanos. "E

eu vi que o maior risco era a situação espalhar-se para além do Stade. Eu mobilizei tropas para as ruas para garantir que isso não acontecia."

O Rei Claudius juntou os dedos. "Eu falei com os capitães, Thanos. Eles disseram que te pediram para cercares o Stade e avançares para o tomares. É

verdade?"

"É", disse Thanos, porque não havia nenhuma maneira de ele o negar. "Eles não compreenderam a situação completamente."

"Tanto quanto eu consigo ver", disse a Rainha Athena, "a situação foi que tu tiveste a possibilidade de

capturar os líderes da rebelião, e falhaste. Sabes que eles escaparam?"

"Sei", disse Thanos. Ele tentou preencher a sua voz com pesar. Ele não tinha sido feito para aquilo, para a política e sigilo, mas ele tinha de o fazer. "Eu também sei o que teria acontecido se os rebeldes tivessem chegado ao castelo."

"Pelo que ouvi", disse Lucious, "os rebeldes reais não estavam nas ruas. Isso foi apenas demagogia."

"Tu não estavas lá!", rosou Thanos para ele, grato por Lucious tornar tão fácil ficar com raiva. "Eu estava. Ouvi dizer que havia violência nas ruas. Eu *lutei* contra desordeiros e tive de fazer uma escolha. Eu tinha que escolher entre derrubar o Stade e arriscar isso ao vir aqui. Aqui, onde a minha esposa ainda estava na nossa cama. Onde todos vocês estavam. Onde *tu*, Lucious, presumivelmente, ainda estavas a dormir depois das festividades!"

"E se eu não tivesse, achas que os rebeldes ainda seria livres? Eu não levo as coisas com tanta ligeireza."

"Tu podes pensar que eu fiz a escolha errada lá fora", respondeu Thanos, "mas esse é o ponto. Eu era o único que estava ali para fazer a escolha, e eu escolhi aquela que manteria a minha família segura". Os nobres que ali estavam pensaram, provavelmente, que ele só se estava a referir a Stephania. O rei e Lucious provavelmente estavam a questionar-se. "Eu não vou ser questionado sobre isso."

Ele virou-se e foi para a porta. Ninguém o deteve, o que foi, provavelmente, o melhor. Ele estava a ficar sem respostas. Ele tinha ganhado algum tempo, fazendo com que as suas ações parecessem uma explosão emocional, mas ainda haveria perguntas.

Ele não tinha tempo para responder a perguntas, por causa do pedaço de papel na mão. Ele tinha vindo por Raven naquela manhã. Apenas seis palavras.

O jardim de esculturas. Meio-dia. Vem ter comigo... A.

O jardim de esculturas era uma ode em pedra aos ancestrais de Thanos, mas, ainda assim, ele não se conseguia sentir confortável ali. Imagens de reis esculpidas desde o início do Império olhavam fixamente para baixo, juntamente com as suas esposas, filhos, generais e favoritos. O primeiro rei, Ullian, estava sentado em cima de um cavalo de mármore empinado, o corpo de granito partido de uma criatura que só poderia ter vindo das profundezas da imaginação do artista sob os cascos. Passado todo aquele tempo, as características de mármore no topo do cavalo estavam desgastadas a tal ponto que Thanos não as conseguia distinguir. Teria ele visto ali alguma semelhança se não as houvesse?

"O Grande Rei Ullian, derrubando os Anciãos", disse Akila, aparecendo detrás de outra estátua. O líder rebelde parecia, naquele momento, um pouco mais desgastado da batalha do que parecia em Haylon, mas ele continuava magro e de cabelos escuros, com uma barba curta e um toque de humor negro na sua expressão. Como sempre, ele usava duas espadas curtas à cintura.

"Provavelmente não aconteceu assim", disse Thanos. "Cosmas, o discípulo da realeza, está sempre a dizer que a história é mais complicada do que tu pensas."

"Não? É a história que ouvi. Os fundadores do poderoso Império, libertando a humanidade do jugo dos

Anciãos, trazendo normas justas e equitativas para todos". Isso trouxe consigo um dos sorrisos sarcásticos nos quais o líder rebelde parecia se especializar. "Claro que, para um império supostamente fundado na rebelião, tu e a tua família parecem resistir-lhe notavelmente agora."

"Estou surpreendido por te ver aqui", disse Thanos. "Eu não teria imaginado que tu poderias deixar a rebelião apenas para falar comigo."

"Eu precisava de ver se outra história era verdadeira", disse Akila. Ele não desembainhou nenhuma das suas espadas, mas as suas mãos repousavam sobre os punhos.

"Akila?", disse Thanos franzindo o sobrolho. "O que é que está a acontecer?"

"Diz-me tu", retrucou o líder rebelde. Thanos viu-o dar um passo adiante. "Eu deixei-te ir porque tu ajudaste-nos muito em Haylon. Tu juraste fraternidade para conosco."

Thanos não cedeu. "E eu tenho trabalhado para ajudar-vos. Enviei-vos um aviso do ataque a Haylon."

"Um ataque que eles estão a dizer que tu encomendaste", replicou Akila, e, naquele momento, uma das suas espadas foi desembainhada. "Nós capturámos soldados e eles estavam a falar sobre como tu cavalgaste até às docas para designar o general para nos atacar."

"Porque ele é incompetente!", replicou Thanos. Naquele momento, ele deu um passo para trás, vendo-se pressionado contra a estátua de Ullian, dependendo literalmente do apoio dos seus antecessores. "Eu só descobri na manhã em que

eles enviaram a frota. Eu tive de forjar ordens para impedir que ela fosse comandada por um dos nossos maiores generais."

"Nossos maiores generais?", perguntou Akila. Ele chegou-se para a frente, com a sua espada a pressionar a garganta de Thanos. Thanos empurrou-o.

"Tu sabes o que eu quero dizer", disse Thanos. Ele não desembainhava a sua própria espada, mas ele simplesmente não ia deixar que Akila o assassinasse. "Tu sabes que eu estou do vosso lado."

"Sei?", exigiu saber Akila. "Este vosso general está longe de ser incompetente. Ele está a esforçar-se, mas isso é perigoso quando tu tens os homens. Agora, eu ouvi que tu comandaste uma força que acabou com uma rebelião ali."

Thanos abanou a cabeça. "Eu estava a tentar garantir que tal era bem-sucedido."

"Enviando tropas para a cidade?"

"As tropas estavam a vir de qualquer maneira!", insistiu Thanos. "Tudo o que eu podia fazer era garantir que os líderes da rebelião tinham tempo suficiente para fugir."

Ele viu Akila perseguir entre as estátuas. O líder rebelde atacou, cortando um fragmento do braço de uma figura de mármore.

"Tu tens todas as respostas, não é?"

"Se eu tivesse *todas* as respostas, eu já teria encontrado uma maneira de derrubar o Império", disse Thanos.

"Terias?", perguntou Akila. "Tu irias derrubar a nobreza e toda a sua crueldade? Então, porque é que te casaste com um deles?"

Thanos pensou em Stephania e em toda a alegria que tinha tido com ela. Ele não deixaria nem mesmo Akila fazer com que ele se sentisse mal por amá-la.

"Tu não entenderias", disse Thanos. "Stephania e eu somos felizes juntos."

"Então, porque é que eu deveria acreditar que tu queres acabar com tudo aquilo?", quis saber Akila. "Sabes porque é que vim aqui? Porque é que eu apanhei um barco a meio de defender a minha casa? Porque se alguém te ia matar por nos traíres, eu jurei que esse alguém seria eu. Eu iria olhar-te nos olhos, e se tu nos tivesses traído, eu próprio faria esse trabalho."

Houve um tempo, depois da morte de Ceres, durante o qual Thanos o teria deixado fazer isso. Agora, porém, havia muito pelo que lutar. Demasiado ainda por fazer.

"Eu não te trai", disse Thanos. Ele sentia o olhar fixo de Akila sobre si. "Tu disseste-me para vir aqui e fazer isto, quando eu queria lutar."

"Eu acho que tu realmente acreditas nisso", disse Akila. "Tu realmente acreditas que estás a fazer o que queremos. Se tu não tivesses enviado aquele

aviso, tu estarias morto agora. Assim como é... não sei o que pensar de ti e não tenho tempo a perder a tentar descobrir. Graças a ti, tenho uma ilha para defender de um general perseverante que já viu todos os truques antes. Graças a ti, a rebelião aqui foi prejudicada por quem sabe. Eu não te vou matar, Thanos, mas tu não és um de nós, na verdade."

"Eu estou a arriscar tudo por vocês", disse Thanos.

"Estamos *todos* a arriscar tudo", respondeu Akila. "Mas alguns de nós fazem-no sem precisar de casar com nobres e sem ter rebeldes esquartejados". Ele abanou a cabeça. "Eu tenho de voltar. Obrigado pelo teu aviso, mas se isto para ti é ajuda, podemos passar sem ela."

Thanos observou-o caminhar de volta entre as estátuas, desaparecendo rapidamente entre as imóveis figuras de mármore. Ele não conseguia acreditar que Akila tinha vindo. Mais do que isso, ele não conseguia acreditar que Akila não confiava nele, depois de tudo o que ele tinha feito.

Ele ia encontrar uma maneira de fazer mais. Ele tinha de o fazer.

CAPÍTULO QUINZE

Stephania caminhava pelos jardins do castelo, à procura do seu marido e aproveitando o momento para apreciar a luz do sol. No pátio, onde servos e soldados se movimentavam de um lado para o outro nas suas funções, o mundo parecia mais brilhante naquele dia e desde que ela tinha sabido da novidade na festa.

Ainda lhe era difícil acreditar que estava realmente grávida, mas ela ficava cheia de felicidade só de pensar na pequena vida que crescia dentro de si. Ela não tinha contado a ninguém e era muito cedo para que a gravidez se notasse, mas naquele momento ela queria gritar a notícia para o mundo.

Porém, não até que ela dissesse a Thanos. Até àquele momento, Stephania nem sequer tinha dito às suas criadas garantidamente. Ela queria que Thanos fosse o primeiro a saber as notícias e a saber sobre a criança que eles iriam trazer ao mundo.

Stephania permitiu-se sonhar acordada por um momento sobre como seria.

Thanos, ela não tinha dúvida, seria um pai maravilhoso, babado com o seu filho ou filha, amável e protetor, amoroso e forte. Stephania teria de assegurar que o seu filho obteria o núcleo de aço implacável que lhes permitiria continuar até ao fim do mundo, mas Thanos seria quem tentaria garantir que eles nunca precisariam disso.

Stephania amava-o por isso e por muito mais. Em breve, as suas vidas ficariam tão perto da perfeição quanto Stephania conseguia imaginar.

Ela foi retirada do seu devaneio com a visão de um homem que fazia o seu caminho através do pátio do castelo. Ele estava desmazelado, vestido com o uniforme de um soldado, mas não se parecendo nada como os guardas prístinos do castelo. Stephania não teria olhado para ele duas vezes, poderia até ter chamado os guardas para o retirarem, não fora tê-lo reconhecido.

"Fikirk, o que é que estás a fazer aqui?"

O homem olhou ao redor, e sim, era definitivamente ele. O mesmo olhar atormentado, como se constantemente à espera de ser atacado. A mesma coleção de cicatrizes, recolhidas mais em brigas de bar do que nas guerras que ele invocava. Ele era o tipo de homem que Stephania habitualmente nunca admitiria conhecer, mas ele tinha sido um informador útil ao longo dos anos, fornecendo informações de dentro dos exércitos do Império que a maioria dos seus generais apenas poderia desejar.

Ela normalmente comunicava-se com ele em segunda ou terceira mão, ou ocasionalmente através de encontros em locais isolados. Ela certamente não o tinha chamado ao castelo naquele dia.

"Minha senhora", disse ele, numa tentativa, francamente embaraçosa, de ter maneiras corteses. "Eu não esperava vê-la hoje."

"Se tu não esperava isso, então o que é que estás a fazer aqui, Fikirk?", Stephania abanou a cabeça. Tinha que ser importante, fosse o que fosse. O homem não teria vindo se não fosse importante, e ela não estava disposta a deixar o homem ir-se embora sem lhe dizer. "Vem comigo."

"Minha senhora...", disse Fikirk olhando ao redor. Ele estava obviamente à procura de uma saída.

"Queres que me vejam aqui contigo?", exigiu saber Stephania. "Mais direto ao assunto, queres continuar a receber o salário que eu te envio?"

Ela viu o homem engolir, mas ele foi com ela. Ela levou-o até uma câmara pequena. Não um dos seus próprios quartos, é claro. Isso teria aumentado a probabilidade de serem vistos. Em vez disso, ela escolheu uma sala que provavelmente era usada para armazenamento, cheia de sacos e caixas que

provavelmente tinha sido tiradas de casas dos camponeses.

Ela cuidadosamente fechou a porta para que nenhum servo ousasse interferir e, em seguida, voltou a sua atenção para o informador.

"Entendes a dificuldade que me criaste ao vir aqui sem aviso prévio?", exigiu saber Stephania. "Se as pessoas te virem aqui comigo vão saber que tu és um dos meus informadores."

"Talvez pensem que sou um amante", brincou Fikirk. Pensar nisso foi o suficiente para fazer com que Stephania se sentisse indisposta. Ou talvez tivesse sido apenas a gravidez. "Essa era a história que contavam sobre o velho Xanthos.

Não o vejo há algum tempo. Ele estava mesmo na tua cama?"

A maneira como ele disse aquilo fez com que Stephania parasse. Os seus informadores não deveriam saber uns sobre os outros. Eles certamente não deveriam saber sobre as pessoas que providenciavam coisas mais perigosas para ela, nem fazer suposições sobre o que tinha acontecido a quem se tinha tornado demasiado perigoso.

"Não gostarias de saber?", contrapôs Stephania com uma gargalhada forçada.

"Oh, estás chocada por eu saber acerca dele?", perguntou Fikirk. Ele deu pancadinhas no nariz. "Eu percebo as coisas, eu percebo. Eu não serviria de muito de outra forma, pois não?"

"Eu acho que é melhor que te mostres *muito* útil neste momento", disse Stephania. "Tu, obviamente, vieste aqui para me dizer alguma coisa."

Para sua surpresa, Fikirk olhou para as suas próprias botas como se fosse uma criança travessa apanhada a roubar timos.

"Não para te ver... *a ti...* como tal, minha senhora."

Stephania suspirou. Ela deveria ter adivinhado que isso iria acontecer. Esse era o problema com os informadores. Eles não tinham nenhuma noção de lealdade.

"A quem então?", exigiu Stephania saber.

"Bem, vê, é complicado..."

"É melhor despachares-te, se quiseres continuar a trabalhar para mim", disse Stephania.

O soldado olhou ao redor do armazém e cuspiu. Stephania viu um rato a fugir pelo chão. Parecia que até mesmo a sua própria espécie não queria ter nada a ver com Fikirk.

"Bem, acho que já trabalho para ti há algum tempo", disse Fikirk, " mas o príncipe Lucious não foi exatamente o que tu chamarias de subtil na sua estratégia de recrutamento, sabes?"

"Lucious? Vieste aqui para ver *Lucious?* ", perguntou Stephania.

"Não exatamente", disse Fikirk.

"O seu povo, os seus bandidos, o que quer que seja que ele lhes quer chamar", disse Stephania, acenando para aquele lado. O ponto era que os informadores dela estavam a trabalhar para um homem que ela havia assumido ser muito arrogante e estúpido para simplesmente empregar algum. Em todo o caso, Lucious era o tipo de homem que assumia que sabia tudo, por isso porque é que ele agora empregaria informadores?

"Bem, foi o príncipe Lucious que me mandou à procura, mas o que eu encontrei...". Stephania esperou que a pausa de Fikirk terminasse. "Eu acho que poderia ir direto ao rei com isto. Não é como se Lucious me vá pagar o que ele diz."

"E o que é que ele diz que vai pagar?", perguntou Stephania, tirando uma pequena bolsa com ouro. "Talvez eu o possa superar?"

O soldado encolheu os ombros. "Seria preciso mais do que isso. Esta informação vale o peso de um homem em ouro."

"E talvez tu obtenhas isso do rei", disse Stephania, "mas isto é o que eu tenho agora. Pensa nisto como se eu te estivesse a pagar uma amostra."

Mesmo com aquilo, o homem parecia relutante. Seria ele assim tão ingrato depois de todo o tempo que ele tinha passado a trabalhar para ela?

"Eu não sei, Lady Stephania. Tu podes não gostar do que eu tenho para ouvires."

"Mais uma razão para te ouvir, então", disse Stephania de rompante. Porque é que ela estava há tanto tempo num armazém húmido? Apenas uma sensação de que aquilo era verdadeiramente importante a fazia insistir. Ela tinha chegado onde estava por nunca ter deixado as coisas acontecerem sem o seu conhecimento. Ela dedilhou os seus dedos na borda de uma caixa e, então, decidiu tentar uma abordagem diferente.

"Tu não estás a pensar nisto bem, Fikirk. Tu vieste aqui porque não confias que Lucious te vá pagar. E talvez o rei não pague mesmo. Tu já fazes parte do seu exército."

"Eu escondi a prova", disse Fikirk. "Bem, mais ou menos."

"E tu achas que isso vai importar?", contrapôs Stephania. "Diz-me agora e podes ainda tentar obter o que consegues, mas pelo menos terás algo pela informação."

"Hmm ..."

Ao ouvir aquele pequeno som Stephania sabia que ela já o tinha. Era apenas questão de esperar.

"Tudo bem", disse ele, por fim. "Mas como eu disse, tu não vais gostar. Tu vais ter de decidir o que fazer com o teu marido. O Príncipe Thanos é um traidor."

Talvez ele tivesse dito aquilo sem rodeios, porque ele queria ver o olhar de choque e descrença apoderar-se das feições de Stephania. Ela já podia sentir a sua mente a pensar rápido, à procura de qualquer explicação, de qualquer indicação.

"Não", disse ela. "Ele é um príncipe do Império!"

"E ele está a trabalhar com os rebeldes", insistiu Fikirk.

Stephania abanou a cabeça com tanta força que pensou que a mesma poderia cair.

"Oh, não aqueles aqui", ela ouviu Fikirk dizer, e parecia que vinha de longe.

"Nunca te perguntaste o que lhe aconteceu em Haylon?"

É claro que ela já se tinha perguntado. Ela tinha-se perguntado porque, de alguma forma, a sua tentativa de vingança não tinha resultado.

"Os pescadores encontraram-no", disse Stephania.

"Os rebeldes encontraram-no", insistiu Fikirk. "Já te perguntaste porque é que Thanos foi um dos que tiveram sorte? Eles levaram-no como um prisioneiro e ele ajudou-os a vencer os homens de Draco. Depois hoje, eu ouvi dizer que ele ajudou a substituir Olliant pelo velho Haven para a nova expedição."

Não podia ser verdade. Tinha de ser alguma espécie de mentira, inventada para desacreditar Thanos. Exceto... Stephania tinha-o visto a lutar com Lucious para proteger as pessoas comuns. Ela sabia que ele tinha discutido com o rei e ela tinha ouvido rumores sobre o que tinha acontecido no Stade. Que ele tinha tido

hipótese de derrubar os rebeldes e não o tinha feito. Ela tinha assumido que era apenas Thanos a não querer correr riscos com o povo da cidade, mas e se fosse mais?

"É tudo?", perguntou Stephania.

"É o suficiente, eu acho", disse Fikirk.

E era. Era o suficiente para que Thanos fosse considerado um traidor, independentemente de quem ele era. E isso significaria apenas uma coisa, porque o rei não permitia rebelião. Thanos iria morrer.

"Não", Stephania sussurrou para si mesma. "Não."

Stephania tentou recompor-se, mas ela não conseguia parar de se sentir cada vez pior. Ela estava tão acostumada a controlar. Ela planeava as coisas com muita antecedência, mas não havia maneira de planear em torno daquilo. Como é que ela não tinha sabido tudo aquilo sobre Thanos? Como é que ela podia ter sido tão estúpida por não o ter sabido antes?

Porque é que isso não lhe fazia diferença?

Ela deveria estar a planear. Ela deveria estar a pensar em maneiras de se livrar daquilo, talvez mesmo em denunciar a situação. Mas ela não podia. Não quando ele era o pai do seu filho. Não quando era Thanos.

"Bem, isto é tudo o que eu sei", disse Fikirk. "Então eu acho que está na hora de me pagares para que possamos ver como o rei gosta."

Thanos era um traidor. Stephania sabia-o bem dentro de si, mas a verdade era que ela não se importava. Ela também não se importava se tivesse de matar metade do Império para manter Thanos em segurança. A única coisa que lhe importava era que ele era dela, e nada, *nada*, ia destruir isso.

"Sim", disse Stephania, levantando o saco de ouro. Ela atirou-o, arremessando-o alto para a direita do

soldado. Ele teve de se esticar para agarrá-

lo no ar, esboçando um sorriso.

Foi quando Stephania o esfaqueou.

Ela não tinha planeado aquilo. Ela própria nunca tinha esfaqueado ninguém. O

veneno era muito mais limpo. Muito mais limpo. Mas ela não tinha tido tempo para o veneno, nem mesmo para pensar. Tudo o que ela tinha consigo era a pequena faca que ela usava para comer, como qualquer pessoa. Parecia pouco provável que fosse usada para matar alguém.

Ainda assim a faca deslizou nas costelas de Fikirik com bastante facilidade, na direção do seu coração enquanto o seu sangue respingava. Stephania retirou a faca, sentindo aversão ao calor húmido daquilo, tentando limpar-se enquanto o guarda cambaleava e tentava agarrar a sua própria espada. Ele caiu de joelhos.

Stephania simplesmente olhava para ele.

"Tu não podes... parar isso", conseguiu ele dizer. Stephania aproximou-se e esfaqueou-o uma e outra vez. Ela não parou até ter a certeza que ele estava morto no chão numa poça vermelha que não parava de aumentar.

CAPÍTULO DEZASSEIS

Ceres olhava para a casa fortificada de Lorde Oeste com um profundo sentimento de mau presságio. Ela tinha concordado em juntar-se à viagem, disposta a, pelo menos, ouvir o que aquele lorde tinha a dizer antes de lutar até a morte, se tal fosse necessário. Afinal, ela estava de volta à sua terra natal agora, e nada, nenhum lorde, iria impedi-la.

O castelo de Lorde Oeste era escarpado e cinza, com uma torre de menagem numa colina acima de uma área maior. Apenas a presença de flores a crescer em torno das paredes compensava o aspeto sinistro do castelo.

Ela aproximou-se num cavalo, um que os homens de Lorde Oeste lhe tinha emprestado. A criatura estava pálida e nervosa, de modo que Ceres passou tanto tempo a confortar o cavalo como a olhar para o castelo em torno dela. Mesmo assim, ela conseguia ver a diferença entre aquele castelo e o que se localizava no coração de Delos. Aquele era um lugar projetado para aterrorizar a população local submetendo-a. Este parecia mais ser forte e protetor. Havia muitas pessoas comuns a viver dentro das muralhas de proteção exteriores, em casas de ardósia que faziam a secção inferior parecer uma vila de pleno direito.

Ao longo dos anos, ela tinha ouvido muito falar de Lorde Oeste e tinha ouvido falar, tanto quanto os nobres diziam, que ele era um dos justos. Mas, ainda assim, ela não queria correr nenhum risco. Ela olhou para todas as saídas possíveis no caso de ter de fugir dali a lutar, para os mortos, fugindo a pé ou a cavalo.

Os cavaleiros ao redor dela desmontaram e Ceres foi com eles pela colina acima até à torre de menagem central. Pelo menos respeitaram-na ao não a tentarem deter. Ela passou pelo grande portão da entrada, seguindo o líder dos guerreiros até um salão dominado por longas mesas. Os guerreiros estavam

espalhados ao redor delas, ocupando lugares que pareciam estar há muito estabelecidos.

À frente estava outra mesa e, nela, Ceres viu um homem na casa dos quarenta a trabalhar em documentos com a ajuda de um par de funcionários.

"Se os homens do Império queimaram os campos, então eu não espero deles que forneçam grãos, mas os meus homens ainda precisam de ser alimentados.

Para o inverno, dêem-lhes trabalho a ajudar nas oficinas dos tecelões, enquanto eles replantam. Podemos trocar o excedente por espelta das quintas da encosta."

"Sim, Lorde Oeste".

Ele olhou para cima e Ceres olhou imediatamente para ele.

Ceres viu um homem de cabelo desgrenhado e grisalho, uma barba bem aparada e olhos castanhos profundos que pareceram assimilar tudo acerca dela num só relance. As suas roupas estavam bem feitas, mas não eram as sedas e ornamentos da Corte de Delos, e pareciam bem desgastadas.

"Gerant", disse ele, com a articulação fraca de um sotaque da Costa Norte,

"Enviei-te porque os cavaleiros do contingente do Império disseram que havia uma ameaça de piratas a desembarcarem na aldeia, mas parece que tu trouxeste de volta contigo uma única jovem mulher. Por favor explica-me."

"Só a encontrei a ela quando lá cheguei, tio", disse o jovem que tinha comandado os guerreiros. "Alguns outros homens desceram do navio pirata, mas, claramente, eram escravos libertados. Esta era a única pessoa armada ali."

"Se ela é uma pirata, enforcem-na", disse Lorde Oeste. "Vocês sabem que eu não permito que nada de mal se abata sobre o meu povo."

"Ela não é uma pirata", disse o jovem Gerant.

"Então o que é que ela é?"

Ceres deu um passo adiante. "Porque é que não me perguntas isso diretamente?"

Ela ouviu um pequeno arfar dos soldados ao seu redor quando Lorde Oeste se levantou e caminhou até ela. Ele era mais alto do que ela, com uma estrutura volumosa de um homem que em tempos havia sido forte e que agora passava muito tempo dentro de casa.

"Eu sou o Lorde Oeste da Costa Norte", disse ele. "A minha família recebeu estas terras enquanto guardiões nos dias em que os Anciãos ainda andavam. A minha linhagem é mais longa do que a do actual rei. Quem exatamente és tu, jovem senhora?"

"Sou Ceres", disse ela, tentando ter a mesma segurança na voz que o nobre tinha. "Eu lutei no Stade. Entrei para a rebelião. O Império tentou matar-me e não conseguiu."

Ceres pareceu-lhe ver o Lorde Oeste pestanejar ao ouvir aquilo.

"Quando eu ouvi quem ela era pensei que tu gostarias de falar com ela, tio", disse Gerant.

"Temos provas de que ela é quem diz ser?", perguntou Lorde Oeste, sem tirar os olhos de Ceres.

"Quando eu a encontrei na aldeia encontrei-a cercada de corpos de soldados do Império. Ela lutou com vinte deles e ganhou", disse Gerant.

"Vinte homens?", disse Lorde Oeste. "Isso não é possível."

Ceres obrigou-se a encolher os ombros como se não fosse nada. "É possível para mim. Há uma razão para eu ter lutado no Stade, e eu aprendi muito desde então."

Ela observou o rosto do homem mais velho.

"Se tu és quem dizes ser", disse ele, por fim, "então, pela lealdade que jurei ao Império, eu deveria acorrentar-te."

Havia algo na maneira como ele tinha dito aquilo que tinha feito parecer que era uma pergunta. Um homem como aquele saberia que Ceres devia ter ido à casa dele por uma razão, e, naquele momento, ele estava a perguntar porquê.

"Tu não lhes deves nenhuma lealdade", disse Ceres. "Quando eu cheguei aqui, tu estavas a falar sobre eles queimarem os teus campos e matarem o teu povo. Tu és obviamente um homem que se preocupa com aqueles que governa."

"O suficiente para evitar envolvê-los em guerras que não podem vencer", disse Lorde Oeste. "Sim, eu tenho visto as coisas que o Império tem feito, mas isso não significa que eu deva atirar fora o meu povo e tentar mudar tudo."

"Se não o fizeres, quem o fará?", insistiu Ceres. "É fácil recostares-te e cuidares do teu pequeno canto do mundo, mas se todos fizerem isso, quando é que as coisas vão finalmente melhorar? O Império é mais forte do que qualquer um de nós, mas não é mais forte do que *todos* nós."

"Ah, então tu queres que nos juntemos à tua rebelião", perguntou Lorde Oeste.

"Tu queres que eu me junte com pessoas que provavelmente iriam ficar satisfeitas por me verem a ser expulso das minhas terras, da minha família e amigos."

"Não se trata disso", disse Ceres. "Trata-se de derrubar um tirano e não de derrubar o mundo. Tu deves ter visto as coisas que são feitas em nome do Império. Se tu colocas os teus próprios interesses à frente de os impedir, então tais coisas estão também a ser feitas em teu nome". Ela tinha uma pergunta para fazer. "Porque é que os teus homens não usam os uniformes do exército do Império?"

"Porque senão eles teriam de acatar as ordens de generais do Império, mesmo se isso significasse incendiar aldeias", disse Gerant ao lado de Ceres. "O meu tio nunca permitiria isso."

"Mas ele pode falar por si mesmo", disse Lorde Oeste. "O meu sobrinho apresentou-me alguns dos

mesmos argumentos. Mas há outra razão pela qual os meus homens usam as minhas cores. É para mostrar que eles são *os meus* homens.

Que não somos o Império. Que existem para proteger as pessoas, não para comandá-las. Da mesma forma, não vamos só porque alguém nos chama."

"Então protege o teu povo", disse Ceres. "Eu tenho ido a lugares e tenho visto coisas que nunca pensei ver, mas estava sempre a pensar em como as coisas estariam no Império. Eu estava sempre a pensar no que me têm tirado: o meu irmão, a minha família, o homem que eu amava..."

Pensar em Thanos ainda lhe trazia a dor da perda. De tudo o que Ceres tinha aprendido, ela não tinha conseguido encontrar uma maneira de afastar aquela dor.

Ela abanou a cabeça.

"O Império tem-me feito sofrer muitas vezes", disse ela. "Colocou-me no Stade para morrer, e eu não morri. Colocou-me num navio para a Ilha dos Prisioneiros, e eu sobrevivi. Mas quantos mais não estão a sobreviver? Quantas pessoas morrem todos os dias porque nós não fazemos nada para acabar com isto?"

"Muitas", disse Lorde Oeste. Por um momento, uma nota de simpatia penetrou na sua voz. "E eu consigo entender que tu tenhas todos os motivos para odiar o Império. Eu próprio tenho mais do que apenas alguns motivos."

Por um momento, Ceres pensou que ela o tinha.

"Então, age sobre esses motivos", disse ela. "Empresta-me os teus homens."

"No entanto, a verdade é que a minha família jurou servir o Império, e eu não vou ser o homem que os vai trair. Assuntos de honra. Questões de fidelidade.

Não, eu sinto muito", disse ele. "A menos que me consigas dar um motivo melhor, eu vou ser obrigado a prender-te. Eu não tenho escolha."

"E a entregares-me ao Império?", perguntou Ceres.

Ela viu Lorde Oeste a abanar a cabeça. "Tu vais permanecer aqui. Não posso fazer mais do que isso."

"Não foi o Império que deu as terras à tua família", salientou Ceres. "Foram os Anciãos."

Ela ouviu um pequeno som de aborrecimento vindo de Lorde Oeste. "E se tu conseguires fazer com que um deles me comande, eu vou obedecer. Até então, porém, tu estás apenas a fazer-nos desperdiçar tempo. Gerant, por favor escolta a jovem para a torre norte e prende-a."

Ceres ficou ali, a convocar o poder que estava dentro de si. Antes, no Stade, ela tinha conseguido colocar uma arma na mão de Thanos. Naquele momento, ela estendeu a mão para a espada que estava no cinto de Gerant, envolveu-a com o seu poder, puxando-a. Ela não tinha certeza de que fosse funcionar, mas ela não iria transformar em pedra os homens que estavam à volta dela. Eles não eram piratas ou soldados do Império e tinham sido sempre cortezes com ela. Ela estendeu a mão com o seu poder...

... e um segundo depois, ela estava a segurar a espada que pertencia ao sobrinho de Lorde Oeste.

Ceres ouviu homens nas suas armaduras a levantarem-se apressadamente, com o raspar das espadas a serem desembainhadas a encher o salão. Ela sabia que tinha de agir rápido, porque se ela não aproveitasse aquele momento, ela seria simplesmente alguém que tinha acabado a segurar uma arma diante do seu lorde.

"Eu não preciso fazer um dos Anciãos", disse Ceres, "porque eu *sou* uma."

Ela viu Lorde Oeste a levantar uma mão para deter os seus homens. Ele ficou ali, a olhar para Ceres, como se não conseguisse bem acreditar no que tinha visto.

"Tu és mesmo um deles?", perguntou ele, por fim, num tom tão cheio de temor que mal parecia o mesmo homem.

Ela estendeu a espada, fechou os olhos e colocou os dedos em torno da lâmina. Ela sentiu-os a transformarem-se em gelo e sentiu o poder a fluir através de si.

Ela abriu os olhos e viu a espada na sua mão a transformar-se em pedra.

Mais do que isso, ela viu os olhares horrorizados dos guerreiros ao seu redor, os olhares de medo, que lentamente se transformavam em admiração.

Lorde Oeste, mais do que ninguém.

Ela deixou cair a espada e a pedra estilhaçou-se, espalhando-se pelo chão em pedaços. Um estilhaço parou na bota de Lorde Oeste.

Lorde Oeste ficou ali por mais alguns segundos. Em seguida, usando a mesa para se apoiar, ele fez algo que Ceres não esperava.

Ajoelhou-se.

"Estamos prometidos a servir os Anciãos", disse ele. "Todos nós."

Um por um, os outros guerreiros seguiram o seu exemplo e ajoelharam-se.

Ceres inspecionou a sala. Ela respirou fundo, sentindo o seu destino a manifestar-se dentro de si. Ela tinha visto aquele momento, em sonho ou em alguma outra dimensão, ela não tinha a certeza.

"Chegou a hora de desfazer alguns dos males que o Império foi trazendo consigo. Empréstas-me os teus soldados, Lorde Oeste?"

"Não há nada para emprestar", respondeu Lorde Oeste. "Se tu és um dos Anciãos, então, eles são teus por direito. Vou enviar mensageiros a todos os que me devem lealdade, e eles vão enviar todos e quaisquer soldados que tenham."

Ceres estendeu a mão, ajudando o homem mais velho a levantar-se. Ela voltou-se para a sala.

"Vocês já ouviram o que eu tenho a dizer", disse ela. "Eu quero levar-vos para sul, a todos. Quero juntar-me à rebelião e lutar contra o tirano que nos tem vindo a oprimir há demasiado tempo. Lorde Oeste diz que vocês vão comigo, mas eu sei que é a ele que vocês devem lealdade e não a mim. Portanto, eu não vos vou ordenar para irem comigo. Eu simplesmente vou pedir-vos. Vêm comigo? Vão atacar o coração do Império e derrubar o rei que tem queimado as vossas terras e matado o vosso povo? Vão lutar?"

De início, Ceres pensou que não os tinha convencido. Ela estava à espera de uma qualquer grande aclamação. Em vez disso, ela teve o silêncio, mas era um silêncio que veio a ser preenchido por uma batida monótona que cresceu aos

poucos. Ela percebeu que era o som dos homens a bater os punhos das suas espadas sobre a mesa e aquele ritmo encheu o salão.

E ela sabia que a guerra estava a caminho.

CAPÍTULO DEZASSETE

Thanos arrastava-se ao longo de túneis à luz cintilante das velas, transportando uma caixa sobre um carrinho de duas rodas que era normalmente utilizado para o transporte de sacos de grãos. O rangido das rodas era o único som que ele conseguia ouvir ali em baixo. O coto da vela que ele segurava soltava um brilho laranja de pirilampo, iluminando as paredes de ambos os lados, que estavam perto o suficiente para ele se esticar e conseguir-lhes tocar.

Não tinha sido fácil encontrar aquele lugar. Continuar a escapar do palácio era, por si só, cada vez mais difícil, porque Thanos tinha de fazer isso de maneira a que Stephania não notasse, e Lucious parecia estar a ficar cada vez mais interessado nos seus movimentos também. Fazê-lo a pedalar com a caixa tinha sido ainda mais difícil.

Depois ele tinha tido de subornar as pessoas em algumas das partes mais pobres da cidade, o que não tinha sido fácil sendo o seu rosto tão conhecido. Ele tinha tido de descer até aos bairros de lata embrulhado num manto velho, tendo o cuidado de nunca deixar ninguém vislumbrar as suas feições.

A entrada tinha sido na parte de trás do pátio de um talho, ao lado de carne bovina e carne de porco, penduradas em ganchos. Thanos tinha sentido os olhos sobre si enquanto descia às profundezas dos túneis sob a cidade, e tinha visto os cutelos perto das mãos dos homens que ali estavam. Ele tinha uma espada e adaga sob a capa, mas ele tinha ido sem armadura. Ele não estava ali para lutar.

Thanos continuava a empurrar a sua caixa pelos túneis, e, naquele momento, pareceu-lhe ouvir sons mais adiante. Ouviu o barulho de martelos e um teve uma leve sensação de maior calor, misturado com um brilho laranja profundo que podia estar a vir de incêndios em algum lugar próximo.

No lugar onde ele agora estava, o túnel era um pouco mais largo. Ao percorrer o sistema de túneis, ele teve novamente a sensação de ter olhos a observarem-no. Thanos não sabia se estava a ir no caminho certo, mas ele podia ao menos seguir os sons do martelar e esperar que os mesmos o levassem ao que ele estava à procura.

A rebelião.

As palavras de Akila tinham-no espicaçado. Thanos tinha pensado no homem como um amigo, quase como um irmão. No entanto, os rebeldes em Haylon não acreditavam que ele estava a fazer tudo o que conseguia e Thanos conseguia entender o porquê. Então ele ia fazer mais. Se os rebeldes em Haylon não aceitassem a sua ajuda, ele iria, em vez disso, ajudar aqueles em Delos.

Thanos encontrou uma abertura no túnel que ele percorria. Essa abertura levava a uma sala onde as marteladas pareciam dominar tudo o resto. Thanos viu homens e mulheres a martelar em bigornas e a trabalhar metais em forjas. O som, calor e ritmo daquilo eram quase esmagadores.

Quando o barulho parou, o silêncio foi pior.

"Quem é aquele?"

"Eu não o conheço."

"O que ele está a fazer aqui?"

Thanos viu os ferreiros e trabalhadores a agarrar em martelos e armas recentemente terminadas, levantando-as enquanto tentavam decidir se o deviam atacar ou não. Thanos olhou em volta e viu homens a entrarem na caverna atrás de si, armados com uma variedade de armas que só podiam ter vindo do Stade. Ele viu uma mulher com eles, magra e de aspeto resistente, mas mais do que isso, ele viu a forma como eles olhavam para ela como se estivessem à espera de ordens.

Ele atirou para trás o capuz do seu manto, na esperança de que aquilo não fosse a última coisa que ele fazia na vida.

"Eu conheço-o", exclamou um homem, e Thanos reconhecia um lorde de combate quando via um. "É o Príncipe Thanos!"

"Um da realeza? Matem-no!"

Thanos viu vários deles avançarem, e preparou-se para o que estava para vir.

Ele não podia esperar lutar contra todos eles, mesmo se quisesse.

Para o seu espanto, um homem novo, apenas ainda um rapaz, na verdade, deu um passo à frente de todos os outros. Para sua ainda maior surpresa, eles pararam.

"Tens razão", disse ele, "É Thanos, o que significa que ele faz mais pelas pessoas à volta de Delos do que qualquer outro da realeza. Isso significa que a minha irmã, Ceres, o amava. Nós não devíamos matá-lo."

"A tua irmã?", perguntou Thanos. "Isso quer dizer que tu deves ser Sartes."

O rapaz assentiu. "Vá lá, todos vocês. Se eram lordes de combate, vocês treinaram com ele. Vocês sabem como ele é."

Thanos ouviu um murmúrio de assentimento na sala.

Sartes continuou. "Não é *Lucious* que está aqui."

"Talvez seja pior", disse a mulher que estava à porta. Thanos ouviu a sua voz autoritária. "Lucious é um bandido que não sabe fazer melhor, mas não foi Lucious que liderou o ataque a Haylon. Não foi Lucious que derrubou os motins na rua há poucos dias. Não foi Lucious que enviou o General Olliant à nossa procura, ou que fez com que Ceres fosse morta porque ela o amava!"

O último ponto pareceu que quase a irritou mais do que o resto. Thanos achava que ela havia estado perto de Ceres, quem quer que ela fosse. Mesmo

assim, ele não conseguiu evitar ripostar.

"E eu amava-a!"

"Devíamos pelo menos ouvi-lo", ouviu ele Sartes a dizer. "Por favor, Anka."

Thanos tinha ouvido aquele nome. A líder misteriosa da rebelião de Delos. A mulher que tinha substituído Rexus. Estranho, ele tinha esperado alguém diferente... Mais velha, mais forte, com um aspeto mais perigoso. Talvez ela tivesse dado por si envolvida num papel que não esperava, da mesma maneira que tinha acontecido com ele quando soube quem era.

"Vocês acham que eu estive por detrás do ataque a Haylon?", perguntou Thanos. "Eu juntei-me aos rebeldes ali. Ajudei-os a combater o ataque. Desde que voltei, tenho estado à procura de informações para lhes passar. Eu avisei-os do novo ataque, e até troquei os generais para que Olliant não descesse sobre a ilha com um enorme exército."

"Em vez disso, mandaste-o procurar-nos", disse Anka.

"Vocês mataram-no?", perguntou Thanos.

"Nós temo-lo", disse Anka.

Thanos assentiu. "Ótimo. Era essa a ideia."

Ele viu a líder rebelde inclinar a cabeça para o lado. "É fácil dizer isso agora."

"Assim como é fácil dizer que fui eu quem permitiu que todos vocês escapassem do Stade", disse Thanos. "Isso não o torna menos verdadeiro."

Ele ouviu outro murmúrio na sala. Ele viu um dos ex-lords de combate que ali estava a bater no seu peito.

"Permitiste que fugíssemos, rapaz? Nós *lutamos* pela liberdade que tínhamos.

Havia centenas de homens do Império ali."

"Duzentos", Thanos concordou. "Duzentos homens a segurar um cordão em torno do Stade, quando deveria ter havido mil a aproximarem-se dele. Enviei os outros para dominar a cidade, porque era a melhor movimentação que eu podia fazer para dar a todos uma hipótese."

"Tens alguma prova disso?", perguntou Anka.

"Tu ainda estás aqui", salientou Thanos. "Tu ouviste falar sobre as tropas na cidade. Faz perguntas, e, em breve, vais descobrir o que os capitães queriam fazer."

Para Thanos, Anka parecia pensativa. Ele via-a a olhar ao redor da sala, como se tentasse adivinhar o que os outros pensavam sobre aquilo.

"Porque teria eu vindo sozinho?", perguntou Thanos. "Se eu conseguisse encontrar este lugar, então eu poderia ter trazido tropas comigo. Eu poderia ter enchido este lugar de soldados, mas eu estou aqui sozinho por uma razão."

Thanos viu um homem mais velho a sair da multidão. Ele tinha vestido um avental de ferreiro, mas, naquele momento, ele não tinha um martelo ou uma arma.

Em vez disso, ele aproximou-se de Thanos, estendendo-lhe a mão para ele a segurar. Thanos agarrou-a, sentindo a sua força e vendo nos olhos dele que ele o estava a avaliar.

"Sou Berin, o pai de Ceres. Eles dizem que a minha filha te amava", disse ele.

Thanos olhou-o nos olhos. "Mais do que alguma vez possas imaginar. Se eu não tivesse sido enviado para Haylon..."

Ele viu o outro homem assentir. "Se eu não tivesse ido à procura de trabalho.

Ou se eu não a tivesse deixado no Stade enquanto tentava libertar o meu filho. Há um monte de 'ses' neste mundo. Porém, tu casaste-te com uma princesa pouco tempo depois de a minha filha ter morrido".

Havia ali um certo desafio. Thanos conseguia imaginar a pergunta que o homem mais velho estava realmente a fazer: teria ele verdadeiramente amado a sua filha, tendo ele se casado passado tão pouco tempo?

"Stephania ajudou-me quando eu estava... de rastos", disse Thanos. "Era como se o meu coração tivesse sido arrancado de mim e ela encontrou uma maneira de preencher esse buraco. Ela era a mulher com a qual sempre foi suposto eu me casar, mas isso não significa que eu não pense em Ceres todos os dias."

"Pensamos os dois", disse Berin, dando-lhe um abraço esmagador.

Aquilo pareceu ser o suficiente para Anka. "Está bem. Eu acredito em ti". Ela levantou a voz. "Ninguém vai ferir Thanos. Parece que lhe devemos muito. Mas ainda há a questão sobre o que é que tu estás a fazer aqui, príncipe Thanos."

"Estou aqui para vos ajudar", disse Thanos quando Berin o largou. Isso provocou alguns olhares de surpresa na caverna, apesar de tudo o que ele tinha acabado de dizer. "Um... amigo disse-me que eu deveria fazer mais do que estou a fazer."

"O que tens em mente?", perguntou Anka.

Thanos olhou ao redor da forja subterrânea. "Eu vejo que vocês estão a tentar produzir armas e

armaduras, mas e se eu tivesse uma maneira de vocês terem armas e armaduras suficiente para abastecer um exército?"

"A menos que estejas a planear ajudar-nos a atacar os arsenais da realeza...", começou Anka. Ela obviamente apanhou a expressão de Thanos. "Estás, não estás?"

"Não o castelo", disse Thanos, "O exército tem postos de abastecimento e armazéns com armas e armaduras que estão ali antes de serem enviadas para o exército."

"Eles fazem isso em segredo", disse Anka. "E nunca no mesmo lugar duas vezes. Mas isso não importa, pois não?"

Thanos abanou a cabeça. "Eu sei onde. O próximo carregamento sairá de um armazém no lado norte da cidade, supostamente usado para peças de tecido."

Haverá guardas, mas não muitos, e disfarçados de rufiões privados porque a sua melhor defesa é o sigilo."

"Então foi para isso que cá vieste?, perguntou uma mulher lá atrás. "Para nos dar uma dica que pode muito bem ser uma armadilha?"

"Chega, Hannah", disse Anka. "Este pode ser um grande momento para a rebelião."

"Precisamos de mais do que apenas armas", continuou a mulher. "Temos os lordes de combate, mas precisamos de mais pessoas. Precisamos de recursos."

Um jovem vestido com roupas mais opulentas do que os outros concordou.

"Precisamos ser capazes de contratar comerciantes e soldados", disse ele. "O

dinheiro do meu pai só chega até aqui. Precisamos ser capazes de espalhar a rebelião para todos os cantos do Império e, mesmo com os ataques mais audaciosos, não conseguimos fazer isso de uma só vez".

"Estás a pensar em dinheiro, Yeral", disse um homem que parecia estar armado sobretudo com facas.

"O mundo é gerido por dinheiro, Oreth", respondeu o outro homem. "O

Império continua porque ninguém tem os recursos para pará-lo."

"O Império continua porque nós não trabalhamos em conjunto para combatê-

lo", disse Thanos. "Mas tu tens razão, o ouro importa. Foi por isso que eu trouxe isto."

Ele empurrou com o pé a caixa que tinha trazido, fazendo com que a tampa se abrisse e os conteúdos se derramassem no chão. O ouro das moedas brilhava com a luz da forja, enquanto as gemas entre elas pareciam ter uma chama própria.

"Eles não vão dar pela falta disto no tesouro real", disse Thanos. "E, se derem, vão assumir que foi para

o exército."

Ele viu Anka a sorrir em resposta. "Nós vamos lutar contra o Império usando o seu próprio ouro?"

"Vocês fazer mais do que lutar", disse Thanos. "Vocês vão ganhar."

Ele tinha corrido um risco, tirando o outro daquela forma, mas valeria a pena se os rebeldes conseguissem fazer uso dele para apoiar a sua causa. Com aquela quantidade de ouro, eles poderiam contratar mercenários ou comprar cavalos.

Eles poderiam adquirir navios ou encontrar mais ferreiros. Eles poderiam comprar comida, suprimentos. O que quer que precisassem.

Com aquela quantidade de ouro, a rebelião poderia construir um exército.

Ela aproximou-se e abraçou-o e, lentamente, ela sorriu.

CAPÍTULO DEZOITO

Lucious entrou no salão do trono com má vontade, apenas olhando à volta para os espaços vazios onde habitualmente teriam estado fileiras de nobres em ambos os lados, deixando um caminho aberto para os tronos que a sua mãe e o pai ocupavam. Quando ele parou diante do estrado, a sua vénia foi a mais superficial de sempre.

Ele tinha coisas melhores a fazer do que estar ali.

"Ah, Lucious", disse o Rei Claudius. "Espero que não estivesses a fazer nada de importante?"

O seu tom dizia muito claramente que ele o duvidava. Ele pensava que Lucious estaria provavelmente ocupado a beber ou a caçar, a dormir ou a perseguir os camponeses. Nem o seu próprio pai o levava tão a sério como deveria.

"Eu vim o mais rápido que pude," respondeu Lucious.

Na verdade, ele tinha passado dias a analisar relatos e rumores, meias verdades e inverdades. Ele tinha ouvido idiotas a falar sobre coisas que tinham ouvido, ou pensado que tinham ouvido, relativas a Thanos, apenas para descobrir que eles estavam a inventá-las na esperança que ele lhes desse ouro em troca. O

seu único consolo tinha sido as coisas que ele tinha conseguido fazer com eles nas masmorras depois de eles o terem dececionado.

"Tenho a certeza que vieste", disse a sua mãe. "Temos uma notícia importante."

Lucious questionava-se se deveria dizer-lhe o quão perigosa aquela profissão era naquele momento. Curiosamente, ele não tinha sido o único a livrar-se de informadores. Nos últimos dias, parecia que tinha havido praticamente uma epidemia tranquila de mortes, por veneno, por esfaqueamento, aparentemente por acidente. Parecia quase como se alguém estivesse a tentar privar Lucious do uso da sua recente rede de contactos.

E agora que parecia que poderia finalmente haver algumas respostas, ele tinha sido convocado para estar ali, em frente à corte, desconfortavelmente no meio do Salão Principal, à espera que o seu pai declarasse o que quer que fosse daquela vez. Na verdade, desde que ele não reconhecesse Thanos, Lucious não se importava. Mas aparentemente Thanos não estava ali naquele dia, o que sugeria que seria algo totalmente diferente.

"Em que é que posso ser útil, suas majestades?", perguntou Lucious. Bem, ele não podia simplesmente dizer-lhes para se despacharem, pois não? "Se vocês

quiserem que eu derrube a rebelião mais profundamente, vou precisar de mais homens e de permissão para..."

Ele viu o seu pai fazer um sinal com a mão. "Esquece isso. Temos preocupações maiores do que simplesmente tirar mais dos plebeus ingratos".

Houve algo no seu tom de voz que fez Lucious parar. "O que é que se passa?"

Foi a sua mãe quem respondeu. "Temos relatos vindos do norte. Hoje vieram aves de uma das nossas guarnições no limite das terras do Senhor Oeste. Há um exército a dirigir-se para sul, em direção a Delos."

Um exército? Lucious não conseguiu evitar uma expressão de choque. O

Império não tinha sido atacado por exércitos, não assim tão perto de casa. O

Império tinha de lidar com pequenas forças dos rebeldes, ou ameaças nas suas fronteiras mais distantes. Não precisa de se preocupar com os exércitos que avançavam para a sua maior cidade.

"Lorde Oeste lidera um exército?" perguntou Lucious. Ele abanou a sua cabeça. "Eu não acredito nisso. O velho tolo é leal. Ele teria cortado a sua própria cabeça se tu o ordenasses."

"O exército contém os homens de Lorde Oeste, mas ele não é o líder", disse o rei. "Ele e todos os antigos lordes da Costa Norte juntaram-se sob o comando de um general diferente."

"Quem?", perguntou Lucious.

"Ceres."

Lucious sentiu o sangue a fluir na sua pele, embora ele não conseguisse perceber se era por raiva ou medo. Ambos os sentimentos pareciam estar a competir por uma posição superior dentro de si, andando às voltas sem qualquer resolução.

"O quê? Eu pensava que ela estava morta!"

O pai dele levantou a mão antes que ele pudesse protestar fortemente contra a injustiça de tudo aquilo. "Todos nós pensávamos. Por enquanto, permanecerá em segredo o facto de ela ter sobrevivido. Tal iria perturbar as pessoas."

"As pessoas, ou Thanos?", perguntou Lucious.

Ele viu no rosto do seu pai que ele tinha ficado aborrecido. "Não vás contra mim neste assunto. Queres arriscar que os plebeus se ergam em revolta?"

"Eles não ousariam."

"Não?", perguntou a rainha Athena. "Se eles ouvirem que uma miúda que nós transformámos num símbolo da rebelião para que a pudéssemos matar, está de volta, que ela *não está* morta... seria um poderoso golpe para nós, meu filho."

Talvez eles se erguessem, afinal. Lucious tinha de admitir que ele não tinha ideia de como é que os comandos inferiores pensavam.

"Não queremos que ninguém saiba do regresso dela, muito menos Thanos, até que sejamos capazes novamente de dizer com certezas que ela está morta", disse o Rei Claudius.

"E onde é que eu entro nisso?", perguntou Lucious.

O rei sorriu. "Tu vais liderar o exército que vai lidar com ela."

Naquele momento, o medo prevaleceu sobre a raiva. Lucious não se importava de lidar com os camponeses rebeldes, mas Lorde Oeste comandava uma poderosa coleção de cavaleiros e Ceres... A sua mente voltou-se para a época em que ela lhe havia batido com muita facilidade.

"Eu?", perguntou Lucious. "Não temos generais para este tipo de coisa?"

"Aparentemente não", disse o Rei Claudius. "Olliant ainda está ocupado em Haylon, embora não tenhamos ouvido muito sobre ele. Quem sabe onde Haven está? Não vou colocar o exército sob o comando de Thanos, por razões óbvias."

Como a parte em que ele provavelmente iria correr para os braços de Ceres no meio de uma batalha. Mesmo assim, Lucious lutava por alternativas. A coisa mais sensata a fazer numa situação como aquela não era que o herdeiro do trono fosse ao encontro do inimigo em batalha aberta. Era que ele ficasse sentado tranquila e seguramente atrás de paredes grossas, enquanto outros ficavam com o trabalho perigoso.

"De certeza que não podemos recorrer a um dos generais?", perguntou Lucious. "Ou se não eles, que tal se..."

"Tu vais liderar esta força, Lucious", disse o rei, e, de repente, a voz dele endureceu-se. "Tu ficaste suficientemente satisfeito em liderá-la quando apenas envolvia massacrar rebeldes. Bem, estes também são rebeldes e alguém tem de tratar deles."

"Mas Pai..."

"Não", disse o Rei Claudius. "Não há mais desculpas. Tu vais fazê-lo. Eu continuo a dar-te hipóteses de mostrares que és um homem, Lucious. Tu fugiste no Stade. Tu foges do verdadeiro trabalho. Tu deves mostrar ao povo do Império, mostrar *-me*, que, um dia, darias um grande rei! Isso significa derrubares, tu próprio, esse exército, não deixando essa missão para outra pessoa. As pessoas respeitam força, por isso, está na hora de tu mostrares alguma."

Lucious olhou para a sua mãe, já com alguma tensão na sua mandíbula pela necessidade de dizer alguma coisa, mas dali não conseguiu nenhuma ajuda.

"Tu vais fazer com que tenhamos orgulho em ti, Lucious", disse ela.

A Lucious apetecia-lhe principalmente fugir, mas ele não podia dizer isso. Em vez disso, ele fez uma vénia rígida.

"Às vossas ordens, suas majestades."

"As legiões mais próximas do exército foram reunidas fora da cidade", disse o rei. "Eles esperam por ti lá ao pôr-do-sol. Não me deceções, Lucious."

Havia algo na maneira como o rei tinha olhado para ele que lhe disse que ele já o tinha dececionado. Que lhe disse que ele preferia muito mais que fosse Thanos a estar ali. Talvez fosse aquele o objetivo. Talvez o seu pai secretamente desejasse que Lucious perdesse a batalha, de modo a poder dizer que, na verdade, havia um outro herdeiro. Ou que ele fugisse, para que ele pudesse ser deserddado.

Lucious não iria ficar surpreendido se ele o fizesse.

Bem, Lucious iria fazê-lo. Ele iria e derrubaria o exército, e ele traria Ceres de volta empalada numa lança para todos verem. Antes disso, porém, ele tinha assuntos a tratar. Algo que iria desejavelmente garantir que Thanos nunca mais voltaria a ser uma ameaça.

Os quartos superiores da taberna O Crânio do Ram estavam piores do que o quarto em baixo, se é que isso era possível. Lucious olhava ao redor com repulsão perante as tábuas lascadas, as roupas de cama sujas e o bolor a crescer das paredes. Havia uma porta do outro lado que ligava com outro quarto que estaria sem dúvida ainda pior. Se ele pudesse ter arriscado reunir-se em qualquer outro lugar melhor, ele teria, mas não tinha havido tempo. Assim como era, ele e os seus guarda-costas tinham sido forçados a correr até ao outro lado da cidade para chegarem até ali.

O homem com quem eles se tinham ido ali encontrar não era muito melhor do que o quarto. Para Lucious, ele parecia ser o tipo de mendigo que poderia ter ocupado qualquer esquina em Delos: de barba desalinhada e olhos arregalados, sujo e coberto com panos.

"Tu disseste que tinhas informações?", disse Lucious. "Acho que é difícil acreditar que um homem como tu tem informações sobre qualquer coisa, a não ser percevejos."

"O Louco Fal vê um monte de coisas", disse o mendigo. "Ele encontra coisas."

"Aposto que vês coisas", disse Lucious. "Provavelmente depois de beberes muito."

"Principalmente porque as pessoas pensam que eu sou estúpido", disse o mendigo, com a voz mudando e de repente a soar como se ele pudesse ser de qualquer uma das zonas mais ricas da cidade. "Mas eu descobri o que tu estás à procura."

"E o que é?", perguntou Lucious.

O mendigo abriu a porta de acesso ao quarto ao lado. Nele estava um homem que tinha queimaduras num dos lados do corpo, com a sua barba a dar lugar às cicatrizes onde ambas se cruzavam. Ele usava as roupas de um marinheiro ou um de carregador, mas na mesinha de cabeceira ao lado da cama, Lucious viu o brilho da insígnia do Império.

"Este é Todol. Ele estava em Haylon."

"Tu eras um dos soldados no ataque?", perguntou Lucious.

O homem olhou para cima, como se só naquele momento tivesse percebido que Lucious estava ali. O seu olhar era tão vazio branco que Lucious podia ter pensado que ele era uma espécie de concha vazia, mas ele assentiu.

"Todol não fala muito", disse o mendigo. "Não depois do incêndio no seu navio. Mas o Louco Fal, ele sabe como fazê-lo falar, ele sabe."

O mendigo deu ao barbudo uma bebida. Lucious conseguia provavelmente pensar também em algumas outras maneiras, dependendo do quão bem aquilo corresse.

"E o que é que ele tem a dizer?", perguntou Lucious. Ele virou-se para o homem. "O que é que *viste*?"

A boca do homem abriu-se. "Thanos. O Príncipe Thanos traiu-nos."

Eram as palavras que Lucious tinha estado à espera de ouvir. "Continua."

"Ele foi até aos rebeldes. Ele levou-os para os nossos navios. Ele atirou petróleo a arder para a costa e, em seguida, disparou para os nossos navios para que não conseguíssemos aproximarmo-nos dos rebeldes. Eu estava num dos navios. Eu só sobrevivi porque me lancei ao mar. Outros também o fizeram, mas os tubarões..."

"Sim, sim", disse Lucious, com um toque de impaciência. "Tenho certeza que foi terrível. Mas tu sobreviveste."

"Por pouco. Os rebeldes perseguiram-nos um a um. Eu pensava que era só porque eles nos odiavam, mas não. Foi assim para que não conseguíssemos contar histórias sobre o espião que eles tinham enviado de volta. Para que não conseguíssemos dizer o que o príncipe Thanos realmente era. Eu escapei porque escondi-me num barco e, em seguida, matei a tripulação."

"Mas não contaste isto antes?", quis saber Lucious. "Eu quase que poderia pensar que só estás a dizê-lo porque eu estou a oferecer-te a recompensa."

Ele viu o homem gesticular para as suas cicatrizes. "Achas que eu fiz *isto* pela recompensa? Eu tentei não dizer nada. Eu tentei esconder-me e ficar em segurança. Agora, parece que eles estão a matar qualquer um que saiba. Eu contei a um homem com quem eu costumava estar no exército. Ele foi para o palácio e não voltou. Eu preciso de uma maneira de permanecer em segurança."

"Eu posso providenciar isso", prometeu Lucious. Ele teria prometido qualquer coisa logo ali para obter as informações que precisava. "Simplesmente conta-me tudo. E rapidamente."

Ele sentou-se, e ele ouviu. Ele nem sequer teve de fingir interesse. Quando o ex-marinheiro terminou, Lucious sorriu para si mesmo.

"Se tu repetires isso quando eu te disser para o fazeres, serás um homem rico."

"E eu?", perguntou Fal, o mendigo.

"Tu vais ser pago, não te preocupes."

O mendigo assentiu perante tal. "Então eu tenho algumas outras informações que também podes gostar."

Lucious levantou uma sobrancelha. "Tudo isso, e ainda há mais?"

"Como eu disse, o Louco Fal vê coisas. Sabes que Lady Stephania paga aos informadores?"

"Eu sei disso", disse Lucious.

"Bem, gostarias de saber *tudo* o que ela tem feito?"

Lucious pensou, mas apenas por um momento. Ele colocou um braço ao redor do mendigo, conseguindo mesmo não pestanejar ao fazê-lo.

"Sim, Fal. Acho que gostaria."

CAPÍTULO DEZANOVE

Ceres estava no alto da sela do seu cavalo enquanto eles cavalgavam em direção ao sul de Delos. Ela estava grata por o cavalo ser dos bons. Caso contrário, ela nunca teria conseguido acompanhar os cavaleiros da Costa Norte ao seu redor. Eles cavalgavam numa horda de brilhantes túnicas de mensageiros e reluzentes pontas de lanças, com os estandartes a erguerem-se por cima dos dorsos dos cavalos para proclamar as subdivisões dos seus plenários. Lorde Oeste e o seu sobrinho cavalgavam sob a sua bandeira de catavento, mas Ceres sabia que era a *ela* que eles seguiam. Ela só esperava não os desiludir.

Quando ela revelou a sua ascendência dos Anciãos, foi como se ela estivesse estado em algum tipo de sonho, porque as coisas tinham acontecido muito suavemente. Lorde Oeste tinha enviado mensagens e os cavaleiros tinham vindo em resposta quase demasiado depressa para Ceres acreditar. Ela não sabia se eles tinham vindo por odiarem o Império, por lealdade para com o lorde da Costa Norte ou por alguma memória distante dos tempos em que os Anciãos haviam governado, mas eles tinham vindo às centenas.

E depois milhares. Mais de dois mil cavaleiros cavalgavam naquele momento atrás de Ceres. Um exército, e um a ser temido graças à forma ligeira como eles se sentavam na sela. Alguns eram nobres de linhagem menor ou filhos de famílias antigas. Alguns eram os seus servidores ou soldados que tinham preferido um caminho melhor do que se juntarem ao principal exército do Império. Todos estavam bem armados e com armaduras de aço. Alguns tinham lanças, outros arcos de caça que poderiam disparar da sela. Ceres já os tinha visto a fazê-lo, abatendo coelhos ou aves para cozinhar nas suas fogueiras.

"Chegaremos a Delos em breve, minha senhora", disse Lorde Oeste, a cavalgar perto de Ceres. Era estranho ouvir a nota de deferência na voz dele. O

homem mais velho tratou Ceres da mesma maneira que ela via outros a tratarem-no: com deferência e uma sensação de que era claro que ela saberia a coisa correta a fazer. Ele tinha rejeitado qualquer sugestão de ficar para trás, e agora estava a usar uma armadura de malha metálica reforçada com placas com as quais ele não parecia estar totalmente à vontade. Mesmo assim, ele sentou-se confortavelmente na sela, e, se as suas espadas estavam desconfortavelmente no seu quadril, Ceres, ainda assim, não tinha nenhuma dúvida de que ele sabia como usá-las.

Ceres tentou parecer tão confiante quanto ele. Essa era uma das partes estranhas daquilo. Ela era tanto um símbolo como uma líder, e ela não se podia

dar ao luxo de mostrar qualquer fraqueza. Ela continuava a cavalgar, mantendo o ritmo com os outros ao longo de trilhos florestais e através de campo aberto. O

seu cavalo parecia nunca se cansar, continuando a cavalgar como se estivesse a comer o chão na frente dela.

Ela e os outros cavalgaram por uma subida acima e, no topo, Ceres levantou a mão para fazer parar o exército atrás de si. Delos estava lá à frente, ao longe.

Há quanto tempo tinha ela lá estado? Semanas, pelo menos, possivelmente mais. Tanta coisa tinha mudado que parecia ter sido há uma vida atrás. Ela não via a sua família desde que o seu pai tinha ido furtivamente visitá-la ao castelo de Delos. Eles provavelmente nem sequer sabiam se ela ainda estava viva. Só de pensar nisso ela não se sentia bem, mas ela não tinha ideia de qual era a melhor forma de os contactar.

"Diz aos homens para descansarem o máximo que conseguirem", disse Ceres, enquanto olhava para a cidade.

Lorde Oeste assentiu. "Vou mandá-los fazer um acampamento."

Delos não brilhava, exceto em torno do seu castelo. Havia muitos bairros de lata, muitas áreas da cidade que mal sobreviviam. Com o vento a soprar em direção a eles, Ceres já conseguia antever o fedor da cidade, de muitas pessoas amontoadas num espaço muito pequeno. Ela conseguia ver o Stade, o castelo e as muralhas que pareciam as de uma prisão a deter os habitantes.

E ela conseguia ver as trincheiras na planície diante da cidade, também.

Havia um exército ali. Os uniformes do Império eram de um vermelho sangrento no sol. Os seus homens estavam espalhados em frente da cidade, obviamente ali para interceptar o exército de Ceres que avançava. As trincheiras pareciam recém-cavadas, amplas e repletas de espigões, obviamente projetadas para parar cavalos.

Ceres ficou ali a olhar para aquilo, observando a maneira como os soldados se moviam. Ela não era uma especialista em tática de batalha, mas ela conseguia ver a forma como o exército do Império estava disposto. As trincheiras estavam projetadas para parar cavalos ou, pelo menos, para atrasá-los. Enquanto isso, os soldados mais fortes estariam provavelmente nas extremidades da linha, ali para andarem para trás e para a frente e para derrubarem qualquer força que entrasse no meio.

Se o exército dela fizesse aquilo para o qual tinha sido concebido e atacasse, seria uma carnificina. Se eles conseguissem persuadir as forças do Império a seguir em frente e tentar o ataque, resultaria muito melhor, mas Ceres não os conseguia imaginar a desistir da sua posição assim tão facilmente. O que restava?

Um longo e prolongado jogo de tiro com arco e flechas e acertar nas bordas?

Não, porque Ceres suspeitava que outras forças do Império estariam a caminho.

Então, o que é que restava? Ceres olhou novamente para as forças abaixo. Ela conseguia ver uma figura numa armadura dourada a liderá-los, a brilhar como um farol entre uma horda de oficiais, parasitas e bajuladores.

Mesmo àquela distância, ela reconheceu Lucious.

Uma parte de Ceres queria avançar por ali abaixo para atacar, independentemente das trincheiras, bastando saltar por cima delas, e abater Lucious por tudo o que ele tinha feito. Se ela o matasse, porém, isso não tornaria as coisas melhores. Apenas iria remover um fragmento do mal do Império, não mudando as coisas completamente.

Mas e se mudasse? Ceres teve uma ideia, uma que poderia fazer com que eles conseguissem contornar as trincheiras e os exércitos. Tal poderia resolvê-lo diretamente, e dar-lhe a vingança que ela queria quando se tratava de Lucious.

"Lorde Oeste" disse ela. "Consegues segurar uma bandeira de tréguas?"

"Tréguas, minha senhora?"

"Não te preocupes, eu não fiz este caminho todo para desistir", assegurou Ceres. "Mas eu quero *efetivamente* falar com eles."

No final, Ceres desceu para a planície diante da cidade com uma dúzia de homens. Lorde Oeste não estava entre eles, mas o seu sobrinho estava, com um galhardete branco amarrado à sua lança. Os outros eram todos voluntários, ali para garantir que, se aquilo corresse mal, Ceres ainda conseguiria voltar para o exército. Eles pararam a meio caminho do exército do Império e, ao sinal de Ceres, Gerant espetou o galhardete no chão.

Eles esperaram, e esperaram. Ceres sentia a tensão a aumentar entre os outros que ali estavam. Não havia nenhuma maneira de saber como o exército do Império reagiria. Apenas o facto de ela conhecer Lucious a deixava estar montada no cavalo com segurança. Havia apenas dois caminhos que aquilo poderia tomar.

Ou ele viria falar com eles ou enviaria o seu exército avançar para tentar capturá-

los, deixando o dela atacar quando estivesse para lá das trincheiras. Aquela era a melhor jogada que eles poderiam fazer.

Por fim, um grupo de soldados saiu das linhas do Império a cavalgar. Lucious estava à frente. Ceres obrigou-se a permanecer no local, em vez de avançar para atacá-lo. Haveria tempo para isso mais tarde. Por enquanto, ela tinha uma batalha para ganhar, e, possivelmente, uma guerra, pelo que ela resolveu ficar

a olhar para Lucious à medida que ele se aproximava.

Ele puxou o seu cavalo para que parasse, parecendo mesmo o nobre príncipe ali sentado na sua armadura dourada. Apenas a coleção de bandidos mal-encarados com quem ele cavalgava o desmentia.

"Parece que percorreste um longo caminho apenas para te renderes", disse Lucious rindo-se para a bandeira deles.

"Talvez eu te esteja a oferecer uma oportunidade para te renderes", Ceres respondeu. "Rende-te agora e eu vou garantir que tu obténs um julgamento justo pelas coisas que fizeste, Lucious".

Ela viu Lucious desdenhar. "Eu diria que senti a tua falta Ceres, mas eu tento não pensar em camponeses. Tu devias ter sabido quando ficar morta. Querias alguma coisa ou estamos apenas aqui para trocar gentilezas?"

Ceres fez um gesto para os cavaleiros atrás dela. "Tu podes ver que eu não voltei sozinha", disse ela. "Chega-te para lá. Retira o teu exército do campo. Não tem de haver derramamento de sangue. Ambos sabemos que tu és muito covarde para querer arriscar a tua pele."

"Cuidado com a boca, miúda," Lucious retrucou. "A única pele em risco é a tua quando te apanharmos. Talvez eu a mande remover pouco a pouco e a pendure numa das galerias como um aviso."

"Tu terias de ter alguém que o fizesse por ti", disse Ceres. "Tu certamente não têm as habilidades de luta para alguma vez me superares."

"Ainda a desafiar os teus superiores?", replicou Lucious. "Eu poderia abater-te a qualquer momento que escolhesse."

Talvez ele, efetivamente, acreditasse nisso. Ceres sabia com certeza que Lucious nunca iria admitir qualquer outra coisa. Na verdade, ela estava a contar com isso.

"Então porque é que não o provas?", perguntou Ceres. "Vamos resolver isto um para um. Nenhum exército, apenas um único combate. Se eu ganhar, o teu exército sai do caminho e deixa-nos conquistar Delos".

"E quando eu te abater?", perguntou Lucious.

"O meu dá meia volta e vai para casa", disse Ceres. "E tu serás o príncipe que salvou Delos sem derramamento de sangue."

Lucious parecia estar à procura de uma saída, então. Ele era bom a fazer ameaças, mas ele já devia saber que Ceres era melhor a lutar. Ela já o havia superado antes, afinal.

"Se recusares", disse Ceres: "Eu vou ter homens a gritar o mesmo desafio suficientemente alto para que o teu exército inteiro consiga ouvi-lo. Eles saberão que estão a lutar por um covarde. O que é que achas que isso vai fazer pela moral deles?"

Então, ela viu Lucious a ficar corado, mas ela ainda duvidava que ele fosse fazer mais do que uma tempestade. Não se tratava disso. Tratava-se de o irritar.

Ela queria zangá-lo e ameaçá-lo. Qualquer coisa para fizesse com que o exército dele se movesse da sua posição defensiva para atacar o dela.

Para sua surpresa, porém, Lucious assentiu abruptamente.

"Muito bem", disse ele. "Por-do-sol. Combate único. O exército do perdedor terá de se desmantelar. Apesar de eu não fazer promessas sobre o que vai acontecer a seguir. Se eu conseguir perseguir a tua ralé, eu fá-lo-ei."

"Primeiro tens de me vencer", disse Ceres. "Vejo-te ao pôr-do-sol."

CAPÍTULO VINTE

"É um monte de gente para trazer de uma só vez", disse Anka, enquanto caminhava pelos corredores do esconderijo atual da rebelião. Ela estava a dar o seu melhor para controlar a sua raiva e para que Yeralt visse o seu ponto de vista, mas, até àquele momento, a argumentação não estava a correr bem.

"Tu querias mais pessoas", rebateu Yeralt, "por isso eu *encontrei* mais pessoas."

"Contrataste-as, queres tu dizer?", ripostou Anka. "Tu atiraste o ouro de Thanos ao redor e deixaste entrar quem apareceu?"

Anka imaginava que o filho do comerciante provavelmente não veria a diferença. Não havia nenhuma dúvida sobre o seu compromisso em derrubar o Império, mas muitas vezes ele parecia não entender como as coisas eram realmente para os mais pobres de Delos.

"Se queres pessoas que saibam como lutar, tens de pagar por elas", disse Yeralt, como se fosse óbvio.

Anka viu Sartes mais à frente no meio dos corpos comprimidos que agora enchiam o esconderijo subterrâneo. Vê-lo acalmou-a um pouco. Apesar da sua idade, ele parecia compreender as realidades da vida melhor do que alguns dos outros ali. Talvez tivesse sido por causa do tempo que ele tinha passado enquanto recruta. Certamente, a sua ideia de atacar o Stade tinha sido boa. Os lordes de combate já estavam a ensinar os outros que ali estavam mais sobre combate do que jamais eles conseguiriam ter aprendido de outra forma.

"Sartes", disse Anka, exasperada. "Explica a Yeralt porque é que é uma má ideia contratar simplesmente todos os combatentes que precisamos."

"Onde é que os obtiveste?", perguntou Sartes, andando até ao par.

Era a pergunta certa. A questão sensível. Uma que o filho do comerciante não parecia ter perguntado e que Anka perguntaria.

"O meu pai tem pessoas que ele contrata quando ele quer proteger as caravanas", respondeu Yeralt: "E eu sei onde procurar combatentes."

"Então eles são mercenários?", perguntou Sartes.

"Ou bandidos da taberna", meteu-se Anka.

"Importa o que eles são, se eles vão lutar?", questionou Yeralt. Anka percebeu que ele se tinha aborrecido naquele momento. "Damos-lhes ouro, eles lutam contra o Império. É fácil."

"Até que aparece alguém com mais ouro", Anka tentou explicar.

Ela viu o filho do comerciante abanar a cabeça. "Tu preocupas-te demasiado, Anka. Temos crescido mais nos últimos dias do que no ano anterior. Edrin diz que o ataque ao armazém correu bem. Oreth vai encontrar-nos navios. Hannah tem falado com redes inteiras de informadores que nós desconhecíamos, agora que temos o ouro para obter informações."

"Discretamente, espero", disse Anka.

Yeralt suspirou. Anka sabia que ela tinha ido longe demais. "É claro que de forma discreta. Olha, Anka, os outros acham que isso é uma boa ideia. Estamos cansados de esperar e ser cautelosos. Quando um negócio não se expande, ele fica estagnado, ou pior, entra em colapso."

"Está muito mais está em jogo do que as moedas aqui", disse Anka. Ela tentou ser um pouco mais conciliadora, mas provavelmente era tarde demais para isso.

"Eu não estou a dizer para nos sentarmos e não fazermos nada. Eu estou a dizer que nós temos de fazer isto *como deve ser*."

"E vamos fazer", disse Yeralt. "Nós sabemos como fazer isto e nós já decidimos. Agora, eu tenho de voltar antes que dêem pela minha falta. Vou tentar encontrar uma outra rota para a cidade por causa das provisões. Existem muitas para encaminhar através das caravanas do meu pai."

Anka observava o filho do comerciante a ir, tentando conter a sua frustração.

Havia um ponto a partir do qual ela não conseguia dar-se ao luxo de ficar com raiva. Ela tinha de manter as coisas sob controlo. Curiosamente, o seu tempo na cela do traficante de escravas tinha-a ajudado com isso. Tinha-lhe ensinado a não mostrar o que sentia. Tinha-lhe ensinado que havia coisas piores do que quaisquer questões mesquinhas que pudessem surgir. Havia-lhe mostrado a ela o que estava em jogo.

"Ele não percebe", disse Anka, quando Yeralt se foi embora. "Porque em todos os seus negócios, ele não entende. Por favor, diz-me que tu percebes, Sartes."

Sartes assentiu. "Há muitas pessoas para se conseguir ter a certeza quem eles são todos. Sobretudo, todos eles serão pessoas que querem ajudar a rebelião.

Talvez pessoas que sempre quiseram, mas não tinham certeza da melhor maneira de o fazer."

"Mas alguns deles não serão", disse Anka, grata por alguém perceber o perigo. "Quando a rebelião ainda era relativamente pequena, eu conseguia saber quem era toda a gente. Se eu não soubesse, pelo menos uma das pessoas que eu conhecia sabia. Agora, as pessoas passam por mim e eu só tenho de aceitar que eles estão connosco. Que eles não são espiões ou criminosos ou pior."

Sartes encolheu os ombros. "Parte do que torna a rebelião grandiosa é que efetivamente aceita qualquer pessoa. Não recusamos pessoas por causa do seu

passado. Isto só funciona se o tornarmos um movimento para todos, até que um dia o Imperador acorda e ele é o único que não está na rebelião."

Anka sorriu. "Eu gosto dessa ideia, embora eu não vá aceitar Lucious na rebelião."

"Ninguém te está a pedir para o fazeres", disse Sartre. "Eu não acho que ele seja do tipo de se juntar."

"Mas muitos outros são", disse Anka. "Vem comigo, pode ser? Eu quero ver o que estamos a conseguir com o ouro de Thanos."

Ela liderou o caminho através dos túneis, saindo numa saída que levava até um edifício residencial. Havia pessoas ali à espera, a treinar com armas ou simplesmente sentadas ao redor sem nenhum lugar para ir. Havia um banco num canto, onde homens e mulheres estavam a fazer fila para receber armas e ouro.

Anka atravessou, observando o homem que estava à frente da linha friamente.

Ele tinha as cicatrizes de um homem que tinha estado num monte de lutas e a pele ligeiramente corada de um homem que bebia demais. Havia algo nele que a irritava.

"Como é que te chamas?", perguntou Anka.

"O que é que isso te importa?", contrapôs o potencial recruta.

"É importante porque eu estou a tentar decidir se eu te quero na minha rebelião", disse Anka. "Chamo-me Anka. Pergunta por aqui a alguém e vais descobrir quem é que eu sou. Eu quero saber quem és para que eu possa perguntar sobre *ti*."

"Chamo-me Hern, do décimo-quinto regimento. Eu fugi e voltei para a cidade, juntando-me a um dos gangues. O que é que tu queres saber sobre mim, miúda?"

Anka tentou não corresponder ao tom de hostilidade. "Dizes que estavas num gangue? O que eras? Um ladrão? Um assassino?"

"Eu estou é disposto a lutar contra o Império", respondeu ele. "Eu costumava mandar nas Ruas Secundárias. Isto chega-te?"

Anka queria dizer não, mas em vez disso, ela apenas fez um gesto para a frente na direção da mesa. Ela saiu com Sartre ao seu lado.

"Onde é que vamos traçar a linha, Sartre?", perguntou ela. "Sabemos que não deixaríamos pessoas idênticas a Lucious entrar, por isso há algumas pessoas que não vamos tolerar, mas quem? Os criminosos? Somos todos criminosos por definição do Império. Soldados? Tu és um ex-soldado, e assim são todos os recrutas que se juntaram a nós. Yeralt está certo, precisamos de todas as pessoas que conseguirmos, mas mercenários e bandidos? Nós não podemos confiar neles."

"Então, não confies", disse Sartre, fazendo-o soar tão óbvio. "Tu não podes questionar pessoalmente todos aqueles que desejam participar, mas tu podes pedir

a alguém para responder por eles antes de eles entrarem. Tu podes certificar-te de que apenas se contam coisas às pessoas que precisam de saber delas."

"Tu és muito jovem para ter tão pouca confiança nas pessoas", disse Anka.

Sartes encolheu os ombros. "Há muitas pessoas em quem eu confio. Eu confio em ti."

"Parece que um monte de pessoas está a confiar em mim atualmente", disse Anka. "Eu tenho de tomar as decisões corretas. Caso contrário, tal pode pôr a vida das pessoas em risco."

"Tu tens feito as convocatórias certas até agora", disse Sartes. "Tu organizaste a emboscada no cemitério e a libertação dos lordes de combate. Temos as armas do exército e o ouro de Thanos."

"Tu tiveste um papel muito importante nisso também", disse Anka. "Como é que está a ir a triagem das armas?"

Sartes abanou a cabeça. "O meu pai diz que o Império precisa empregar melhores ferreiros. Ele também disse que eu vos poderia ajudar mais aqui."

Anka sorriu. "Ele provavelmente está certo. Acho que é melhor usar toda a ajuda que conseguir."

Ela estava ali e Sartes conseguia ouvir no silêncio algo deixado por dizer.

"O que foi?", perguntou Sartes. "Bem, se me poderes contar."

"Eu sempre irei poder contar-te coisas", disse Anka. "Se há alguém na rebelião com quem eu *não* preciso de me preocupar se é um espião, és tu. Não é isso."

"Então o quê é?", perguntou Sartes.

"Sartes, tenho novidades". Anka estava ali, hesitante por um momento, de pé ao lado de uma janela a olhar para a cidade. Deveria ela contar-lhe aquilo naquele momento? "Tu estavas a falar sobre coisas que as pessoas precisam de saber. Bem, eu não sei se eu te deveria dizer isto, porque é apenas um rumor, e eu nem sequer acreditei quando ouvi."

"O que é?", perguntou Sartes. "É sobre o exército?"

"De certa forma", disse Anka. Havia rumores suficientes sobre o exército que estava fora da cidade que Sartes já devia ter ouvido alguns. "Eu passei a manhã a ouvir o que está a acontecer lá fora, juntando as peças. O exército formou-se ontem em frente à cidade porque tinha ouvido dizer que havia uma força a vir sob o comando de Lorde Oeste."

"Então vai haver uma batalha?", perguntou Sartes.

Anka estendeu as mãos, tentando pensar na melhor maneira de o dizer. "Nós pensámos que sim, mas houve uma oferta de um único combate para a resolver.

Lucious enviou um campeão e no outro lado... eu mal posso acreditar que estou a dizer isto."

"O que é?", perguntou Sartres.

"Está Ceres", disse Anka. Ela viu o choque no rosto de Sartres. "Será Ceres que vai combater no outro lado."

Ela colocou as suas mãos nos ombros dele.

"Ela está viva, Sartres."

CAPÍTULO VINTE E UM

Com a aproximação do pôr-do-sol, Ceres preparou-se. Ela afiou a sua espada, certificou-se que a adaga que Eoin lhe tinha dado ainda estava forte, lembrou-se dos movimentos das lutas dos habitantes das ilhas, alongou os músculos e esperou.

Ninguém a perturbou.

Todos eles pareciam saber instintivamente que a deviam deixar em paz naquela situação.

Por fim, começou o pôr-do-sol.

Lá em baixo, Ceres conseguia ver os homens a sair do exército do Império, movendo-se para o centro da planície. Por um momento, ela pensou que talvez Lucious pudesse estar a tentar um ataque surpresa - mas eles saíram com espadas e chibatadas, cavando uma série de covas que encheram e depois incendiaram, iluminando uma secção do campo, mesmo depois do sol desaparecer.

Eles estavam a fazer um anel para lutarem lá dentro.

"Está na hora", disse Ceres, montando o seu cavalo. "Lorde Oeste, se isto correr mal..."

"Não vai correr mal", respondeu ele. "Lembra-te quem és. O *que* és."

Ceres assentiu. Com o coração a bater, sentindo os olhos de milhares de homens sobre ela, ela montou o seu cavalo, esporeou e cavalgou.

Em torno dela, o seu exército formou-se, erguendo bandeiras numa espécie de saudação, aclamando enquanto ela cavalgava através do trilho que eles tinham aberto. Ela sentia-se como se estivesse de volta ao Stade, com a multidão a rugir em apreciação enquanto ela caminhava sobre as areias.

Ela cavalgou na direção daquela arena improvisada, com alguns dos seus homens atrás dela. Não muitos. Não o suficiente para que se assemelhasse a um ataque, mas o suficiente para formar uma multidão. O suficiente para evitar um ataque contra ela pelas forças de Lucious.

Ceres desceu do cavalo, amarrando-o. Ela deu um passo entre duas das chamas, em direção ao espaço iluminado. Em seguida, ela esperou.

Ela viu Lucious aproximar-se a cavalgar no meio de um grupo de homens que vinha na direção do grupo de homens dela. Um outro cavalo ao lado dele transportava um servo ou um portador de armas envolto num manto espesso.

Quando chegaram ao anel, porém, foi o servo que desmontou do cavalo, não Lucious.

Ceres sentiu-se indignada.

Tal sentimento foi substituído por medo ao ver o tamanho do servo, que era muito mais alto do que ela, muito mais alto do que Lucious.

"O que é isto?", exigiu saber Ceres.

Ela ouviu Lucious a rir-se.

"Eu sou um príncipe, sua camponesa estúpida. Achas que eu combato as minhas próprias batalhas? Eu tenho campeões para tal! Não te preocupes, porém, eu trouxe-te um velho amigo."

Então, o seu "servo" atirou para o lado o manto. Ceres viu uma pele escura e musculada, atravessada por cicatrizes e tatuagens e apenas parcialmente coberta por armadura. O homem tinha um bastão com lâminas em forma de meia-lua em cada extremidade, mas era o seu olhar morto, maléfico que mais detinha a sua atenção.

Ceres ouviu a multidão a suster a respiração ao seu redor. Eles sabiam quem era aquele, assim como ela. O único homem que alguma vez tinha sido melhor do que ela no Stade. O único que tinha estado a ponto de matá-la quando eles a arrastaram para o navio-prisão.

O Último Suspiro.

O lorde de combate conhecido como o Último Suspiro entrou no círculo de chamas e, enquanto o fogo era refletido da sua arma de dupla lâmina, Ceres ouvia Lucious a rir-se.

Ceres sentiu um arrepio de medo quando o Último Suspiro ficou ali diante de si. Ela deu por si a lembrar-se da visão dele de pé sobre si, com a sua arma pronta para o golpe final que nunca aconteceu no Stade.

Era óbvio que o seu adversário também se lembrava.

"Eu mato os meus inimigos", disse ele, colocando o seu bastão de lâminas a rodopiar em desprezo. "Todos eles, exceto a ti. Desta vez, vou fazê-lo."

Ceres empurrou para trás o restício de medo, lembrando-se das coisas que lhe tinham acontecido desde então. Ela tinha aprendido tudo o que os habitantes da ilha tinham para oferecer, mas, mais do que isso, ela tinha aprendido quem ela era.

"Não vai ser assim tão fácil para ti", prometeu-lhe ela. "Eu aprendi muito desde então."

Ela ouviu-o a rir e o som foi como um estrondo de trovão ao entardecer.

Enquanto isso, o Último Suspiro atacou e a multidão gritou.

Ceres estava pronta para aquilo daquela vez, de uma forma que ela não tinha estado no Stade. Lá os seus poderes tinham-na abandonado. Agora, a energia percorria-a, emprestando-lhe a velocidade para se

desviar de um pontapé que a teria enviado de volta para o anel de fogo.

Ela reagia e esquivava-se, desviando-se para o lado dos ataques do Último Suspiro. Ele ainda era assustadoramente rápido para um homem tão grande, mas daquela vez ela estava tão rápida quanto ele, e ela não ia ser derrotada da maneira como tinha sido no Stade.

Ela agora já conseguia ver o padrão de ataque, compreender a malícia furiosa por detrás disso, vendo esse padrão como se fossem pontas afiadas nas bordas do seu estado de alerta. Ela entranhou em si o sentimento da luta, deixando-se ir da forma que Eoin e os outros lhe tinham ensinado.

Ela inclinou-se para trás desviando-se de um golpe das lâminas em forma de meia-lua, caindo ainda mais longe para evitar um pontapé com balanço, e depois rebolou suavemente, levantando-se. Ela atacou com a sua lâmina longa, forçando o Último Suspiro a bloquear e, em seguida, deu um passo para trás para evitar o contra-ataque.

Ela continuou a movimentar-se, sentindo o calor das chamas nas suas costas.

O Último Suspiro atacou-a, obviamente a tentar forçá-la a voltar para o calor, e Ceres esquivou-se, bloqueando com as suas lâminas um golpe que a tentou apanhar enquanto ela direcionava um ataque.

Ela atacou, desenhando uma linha de sangue no braço do Último Suspiro.

Ele olhou para ela furioso. Ceres sabia que ele estaria a pensar no que tinha acontecido depois de ela o ter golpeado na luta que eles tinham tido no Stade.

E claro, ele atacou-a dando balanço ao seu bastão a cada golpe.

Parte da habilidade dele, Ceres percebia agora, era não ter um ritmo óbvio para os seus ataques. A maioria dos lutadores atacava e movia-se num ritmo certo, e qualquer outra pessoa que usasse uma arma como a que o Último Suspiro usava ter-lhe-ia dado balanço para trás e para frente. Ele parecia perceber instintivamente o perigo de tal. As lâminas nunca estavam exatamente onde era suposto.

Por um momento, Ceres sentiu-se a cair do lugar onde o poder fluía para dentro de si. Era como se o mundo em torno dela acelerasse, e, de repente, o Último Suspiro estivesse em todos os lugares. Ceres aparou um golpe, sentiu outro a arranhar-lhe a carne de lado e, em seguida, ficou presa na parte de trás das pernas pelo cabo da arma do seu oponente.

Ceres ficou caída de costas por um momento ou dois, olhando para cima enquanto o Último Suspiro permanecia ali de arma erguida. A luz do fogo refletia-se no aço. As chamas pareciam refletir-se nos olhos dele. Era muito parecido, demasiado parecido, à maneira como as coisas tinham acontecido no Stade.

Só que desta vez, não haveria qualquer indulto. Não haveria ninguém para atender o chamamento da multidão, ou para decidir que seria melhor se ela

morresse tranquilamente, longe de outros olhos. Stephania não estava ali desta vez, mas Lucious estava, olhando com alegria óbvia do lado de fora.

"Ceres! Ceres! Ceres!", ela ouvia os homens ao seu lado a ecoarem, como se estivessem a tentar animá-la

apenas com os apelos.

"Desta vez, tu morres ", disse o Último Suspiro.

Exceto que aquilo não era o Stade. Ceres compreendeu o poder que estava dentro dela naquele momento. Não era nada de estranho ou desconhecido que vinha e ia quando desejava. Era uma parte dela. Era uma parte de quem ela era.

Então, quando ela convocou o poder dentro de si novamente, ele estava ali à espera.

Ela rebolou suavemente, desviando-se do golpe do Último Suspiro e empurrando-o com os pés para o afastar.

Ceres levantou-se num ápice e, em seguida, partiu para o ataque. Ela empurrava com a sua adaga e golpeava com a espada, nunca permanecendo no mesmo lugar, nunca dando a Último Suspiro uma hipótese de concluir. Ela girava dentro do arco da arma dele, abrindo outras feridas no seu oponente e saindo depois.

Ela viu um momento de balanço e aproveitou a abertura. Ceres deu um pontapé no cabo da arma do Último Suspiro, erguendo a sua perna e apanhando-a no meio. Antes, um tal ataque poderia não ter feito nada, mas agora Ceres tinha ouvido o estalido do bastão a ceder ao seu ataque. Ela viu o Último Suspiro olhar fixamente para o bastão como se Ceres tivesse acabado de matar a única coisa com que ele se importava no mundo.

Ele rugiu, agarrando numa metade da arma quebrada e balançando-a num movimento em forma de oito como um machado. Ele atirou-a na direção da cabeça de Ceres e ela agachou-se, golpeando com a sua adaga ao passar por ele.

O Último Suspiro deu balanço novamente e Ceres inclinou-se para trás, dando-lhe outro corte no braço.

O Último Suspiro não tinha um ritmo previsível para os seus ataques, mas isso também *tinha* um ritmo, escondido sob a fúria e a astúcia. O ritmo era rápido como um colibri, variando e mudando, mas estava ali.

Ceres nunca teria sido capaz de o detetar se não tivesse passado tanto tempo com o povo da floresta tentando ela própria as suas diferentes habilidades. Ela nunca teria sido rápida o suficiente para o acompanhar se não tivesse aprendido a aceitar quem ela era.

Assim como era, ela encaixou-se no ritmo dele tão bem como numa dança.

Ela girava, esquivava-se e saltava, sempre um compasso à frente dos balanços furiosos do Último Suspiro. A cada movimento, ela atacava-o, ferindo-o uma e outra vez, desgastando-o da mesma forma que um caçador pode desgastar

alguma grande besta. Não era crueldade; Era simplesmente que, mesmo naquele momento, Ceres sabia que tentar terminar as coisas apenas a iria por a jeito de uma contra-resposta rápida e repentina.

O Último Suspiro fingiu que tinha tropeçado, mas Ceres percebeu. Ela deu meio passo à frente e, em seguida, para trás, esquivando-se quando o lorde de combate se atirou para a frente num ataque

desesperado. Ceres atingiu com ambas as suas espadas, apanhando o Último Suspiro nas costas.

Ela viu-o tropeçar. A arma dele caiu-lhe da mão. Mesmo assim, ele levantou-se, de alguma forma desafiando as feridas que teriam matado outro qualquer homem.

"Rende-te", disse Ceres. "Deixa que isto acabe. Não deixes que Lucious continue a usar-te."

O Último Suspiro abanou a cabeça e saltou para ela.

Ceres estendeu a mão e o seu poder fluiu de si na direção do Último Suspiro.

Ela observou o choque nos olhos dele quando a pedra começou a florescer no lugar da sua pele, congelando-o no lugar. A pedra era tão espessa e escura como a pele dele, basalto e obsidiana, em harmonia com as suas cicatrizes e golpes.

Ceres podia tê-lo deixado assim, mas uma parte dela não confiava no lorde de combate mesmo enquanto bloco de granito escuro. Ela deu com o pé, pondo a estátua a balançar para a frente e para trás sobre a terra dura.

A estátua caiu devagar e, quando ela bateu no chão, Ceres ouvia-a partir-se em estilhaços.

Ceres ficou ali, certificando-se de que ambos os exércitos conseguiam vê-la ali quando ela gritou.

"Tu perdeste, Lucious! Entrega a cidade, ou ficarás marcado como aquele que não cumpre os juramentos!"

Algo que saiu do escuro voou na direção de Ceres. Ela esquivou-se por instinto. Uma flecha assobiou ao passar perto do seu rosto antes de cair no chão.

Ceres correu para a frente, saltando por cima das chamas mais próximas, partindo em busca de Lucious.

Ele já estava a cavalgar para longe, forçando ao seu cavalo a ir a uma velocidade tal que Ceres não conseguiria igualar. Ela ouvia-o a gritar o que pareciam ser ordens enquanto cavalgava, embora ela não conseguisse distinguir as palavras dali.

Atrás dela, ela viu o seu exército avançar. Lorde Oeste obviamente tinha visto a traição de Lucious e não estava disposto a arriscar deixar Ceres enfrentar o exército inteiro do Império. Os cavaleiros da Costa Norte avançaram numa longa linha, aparentemente não se preocupando com o perigo das trincheiras do Império se isso significasse manter Ceres em segurança.

No entanto, o exército do Império não se movimentou para o ataque. Nem se preparou para ser atacado. Em vez disso, enquanto Ceres observava, as suas linhas de batalha rodaram e começaram a caminhar de volta através dos portões abertos da cidade.

"Rápido!", gritou Ceres para os cavaleiros que se aproximavam. "Temos de apanhá-los antes que eles entrem."

Eles poderiam ganhar ali. Mesmo se Lucious não mantivesse a sua palavra, se eles conseguissem atacar o seu exército por detrás enquanto ele estava em movimento, eles tinham a oportunidade de desfazer as

suas fileiras. Os cavaleiros de Ceres tropeçaram em direção a ela, e não abrandaram. Em vez disso, ela viu Gerant com um cavalo a mais, e Ceres compreendeu.

Ela apanhou as rédeas quando ele passou a cavalgar por si, saltando para cima da sela. Ela esporeou o seu cavalo para continuar adiante, tentando chegar às fileiras do império antes que eles conseguissem entrar na cidade. Não havia nenhuma maneira de todos conseguirem entrar ali agora e alguns deles pareciam ter-se reunido ao pé das trincheiras.

Só que eles não formavam fileiras defensivas. Em vez disso, Ceres viu o brilho de tochas de fogo. Eles atiraram-nas para as trincheiras e o fogo rugiu.

Devia haver petróleo nos buracos. Essa seria a única explicação para as grandes muralhas de fogo que tinham surgido à frente do seu exército atacante.

Mesmo tão longe quanto ela estava, Ceres conseguia sentir o seu calor.

Assim como os cavalos, ao que parecia. Ceres viu-os a afastarem-se, com o ataque a vacilar. Muitos empinaram-se. Foram apenas as competências dos seus homens que os impediram de cair das selas. Em torno dela, Ceres ouvia homens a tentar acalmar os seus cavalos e os cavalos a bufar com medo perante as chamas à sua frente. Ela teve de se inclinar para baixo, segurando as suas próprias rédeas com força enquanto parava o seu cavalo.

Não havia nenhuma maneira de passar as chamas. Mesmo onde antes pareciam estar pontes finas de terra entre as trincheiras, não havia espaços agora.

Era óbvio que também tinha sido espalhado óleo pelo chão. Tudo o que Ceres conseguia fazer era ficar sentada na sela, observando as chamas a arder.

Ouvia-se o zumbido das flechas no meio da noite e, algures ao lado dela, Ceres viu um homem cair. Outras flechas iam contra escudos. Uma apanhou um cavalo e o animal caiu, levando o seu cavaleiro com ele.

"Recuem", gritou ela. "Estamos no meio de disparo de flechas. Recuem!"

O seu exército recuou para longe das trincheiras, para o cimo da encosta de onde eles tinham vindo. Tudo o que Ceres poderia fazer ali era observar enquanto o fogo se transformava em brasas, com o seu brilho laranja a espalhar-se sobre o chão diante da cidade.

Elas iluminavam na perfeição os portões da cidade. Aqueles eram enormes, construídos em pedra, e firmemente fechados agora com o exército de Lucious lá dentro. Acima deles, Ceres pensou ver um lampejo de ouro iluminado à luz do fogo: Lucious olhando para fora, provavelmente sentindo-se muito satisfeito com tudo.

Ceres virou-se para Lorde Oeste. Ela percebeu que ele estava a pensar o mesmo que ela.

"Monte-se o acampamento e vigiem-se todos os portões da cidade", disse ela.

"Nós vamos ter de conquistar Delos pelo cerco."

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Lucious esperava à frente do trono como um homem condenado enquanto o seu pai gritava.

"Um cerco?", exigiu saber o rei. "Como é que deixaste que isto chegasse a um cerco?"

Logo em seguida, em pé diante da corte com a maioria dos nobres de Delos a assistir, Lucious nunca se tinha sentido tão irritado com todos eles. Ele ainda estava a usar a sua armadura dourada, ainda tinha a espada que tinha usado no campo de batalha e uma parte dele queria correr por entre eles naquele momento, abatendo-os apenas por se atreverem a estar ali enquanto o seu pai o tentava humilhar à frente deles.

Mas ele não o fez. Em vez disso, ele estava ali, com a sua armadura a respingar lama, parecendo longe do seu glorioso melhor, no salão do trono, enquanto o seu pai, o rei gritava. Os nobres ao seu redor estavam em silêncio, como se sentindo que qualquer som pudesse levar a ira real para cima deles.

"Tu deverias ter ido e travado batalha com eles, rapaz estúpido!"

"Poderíamos ter perdido se tivéssemos feito isso", contrapôs Lucious. "Eles eram mais do que o previsto, e Ceres...". Ele não terminou, mesmo ao ver os nobres a inclinarem-se, à procura de notícias da miúda. Ele ainda não tinha a certeza *do que* tinha acontecido com Ceres. O que ele a tinha visto fazer lá no anel de chamas não fazia sentido.

"Tu podes os ter derrubado como era suposto!", disse o Rei Claudius, batendo com força com a sua mão no braço do seu trono. O outro trono ao lado estava vazio; Lucious não podia procurar a ajuda da sua mãe naquela noite. De fato, muitas das damas da corte estavam ausentes, como se eles não pudessem ver aquilo. "Quando tu mandaste cavar os buracos para o fogo, eu pensei que era um sinal de que estavas a amadurecer enquanto líder, mas eles foram feitos para impedir a fuga dos teus inimigos, e não para vos dar tempo para fugir!"

"Eu fugi porque não havia nenhuma outra opção!", insistiu Lucious, erguendo a voz para coincidir com a do seu pai. Como é que ele *ousa* tratar Lucious daquela maneira em frente de todos os outros? "Depois de verem o Último Suspiro perder, os homens não ficariam ali para lutar."

Lucious podia praticamente sentir a tensão nos nobres ao seu redor. Homens trocavam de lugar, como se desejassem poder estar noutro lugar. Covardes.

"Tu queres dizer que tu não ficarias", disse o rei. "Quanto a esse assunto de um só combate, deverias ter pensado nas suas implicações antes de aceites o desafio da miúda".

"Era suposto ela *perder*", retrucou Lucious. Ouviu-se apenas aqueles que estavam ao seu redor a susterem a respiração.

"Cuidado com o teu tom, rapaz", disse o pai. "Lembra-te de quem é o rei aqui."

Lucious lembrava-se, assim como se lembrava a si mesmo que, mais cedo ou mais tarde, o seu pai iria morrer, e ele seria rei no seu lugar. Nessa altura não haveria ninguém para falar com ele assim.

"Ceres já havia perdido com o Último Suspiro, uma vez", disse Lucious. "Ele deveria ter-lhe batido com facilidade, e, então, provavelmente, esse tolo do Lorde Oeste teria desmantelado, porque ele acredita tanto em honra. No mínimo, teríamos sido capazes de desfilar com o que restava dela pelas ruas para quebrar o espírito da rebelião."

"Tudo isso parece ser um plano bom", disse o pai. "Exceto na parte em que ela corta o teu homem em pedaços."

"Ela usou alguns truques, ou magia ou algo para fazê-lo", insistiu Lucious.

"Como eu ia saber que ela conseguia fazer algo assim?"

"Um bom comandante aprende os factos da situação antes de agir", disse o rei.

"Não te avisei o suficiente? Não te disse o que precisavas de fazer? Era suposto tu ires e encontrases-te com eles. Se tivesses avaliado bem a situação, poder-lhes-ias ter preparado uma emboscada enquanto eles estavam a ir para a cidade; abatia-los antes mesmo de eles se aproximarem. Em vez disso, tu ficaste ali à espera debaixo da segurança das muralhas."

Naquele momento, Lucious ficou ainda com mais fúria, doce e quente, mas explosiva também. As palavras saíram-lhe antes de ele as conseguir deter. "Então, talvez tivesse sido melhor teres posto outra pessoa a comandar o exército! Oh, não, espera, tu não podias, não era? Tu estavas muito ocupado aqui sentado, os teus generais estão desaparecidos e, no que respeita a Thanos..."

"Basta!", rugiu o Rei Claudius. "Tenho defendido-te sempre, Lucious. Eu dei-te esta ordem, porque pensei que tu eras o único que podia derrubar a rebelião da maneira que ela merece ser derrubada. Mas parece que não foste capaz de lidar com ela, e agora devo ser *eu* a lidar com o facto de a nossa cidade estar sob cerco."

"E não Thanos?", disse Lucious com um sorriso malicioso. "É quase como se tu não confiasses nele quando se trata de Ceres, ou algo assim, Pai."

"Thanos é tão leal quanto qualquer homem", declarou o rei. "E pelo menos ele sabe como comandar adequadamente. Ele sobreviveu a Haylon e ao Stade. Dá-me uma boa razão, Lucious, pela qual eu não te deveria mandar embora desta sala em desgraça e dar-lhe a ele o teu comando debaixo das minhas ordens."

Lucious quase não disse nada, mas a sua ira tinha ido de um vermelho ardente para algo frio, branco e perigoso. Ele tinha gasto imenso ouro para saber tudo o que sabia, e perder uma oportunidade tão boa seria uma tolice.

"Eu acho que tu podes querer reservar julgamento, meu rei", disse Lucious.

"Pelo menos até ouvires o que eu tenho para te dizer."

"E porque é que eu faria isso?", perguntou o seu pai.

"Porque, então, pode ser que mudes de ideias sobre quem queres ao comando dos teus exércitos e sobre quem tu confias."

Thanos estava sentado, a olhar para a sua esposa, sentindo-se espantado pela sua vida ter dado as voltas que tinha dado. Ela tinha-lhe dito que tinha coisas para lhe contar naquela noite, e ele estava a tentar adivinhar o que poderiam ser. Ele sabia que Stephania gostava de colecionar segredos.

Ele ainda estava a pensar nisso, a jantar tranquilamente com Stephania, quando os servos martelaram na porta dos seus quartos.

"Príncipe Thanos, vêm depressa. O rei exige a tua presença num assunto urgente."

"Ignora-os", disse Stephania, estendendo a mão e segurando-lhe o braço como se para segurá-lo ali. "Há coisas que eu preciso falar contigo e contar-te."

Thanos ouviu mais punhos a bater na porta. "Príncipe Thanos, o rei disse que não pode haver nenhum atraso."

Thanos fez uma cara feia e inclinou-se para beijar a sua esposa. "Acho que não temos escolha. Tem provavelmente a ver com o que quer que seja que fez com que o exército estivesse na frente da cidade. E tu estás sempre a dizer que eu não me posso dar ao luxo de irritar o rei."

"Não", concordou Stephania. "Tenta lembrar-te disso". Ela olhou para o seu vestido de dia relativamente simples. "Deixa-me vestir adequadamente e eu vou contigo."

Thanos fez sinal com a mão que não era preciso. "Tu não deverias ter a tua noite arruinada por causa disto." Ele pegou na sua mão e beijou-a. "Eu estarei de volta em breve e então tu poderás dizer-me que novidades são essas. Aposto que vão ser melhores do que as do rei."

"Vão", prometeu Stephania.

Thanos levantou-se e dirigiu-se para a porta. Ele não estava propriamente vestido para uma audiência com o rei. Tinha apenas uma túnica relativamente simples e calças, mas parecia demasiado urgente para perder tempo com algo mais formal.

Os homens ali fora não eram servos, mas sim membros da guarda real.

"O que é que se passa?", perguntou Thanos.

"É uma questão vital", disse um dos homens. "Nós precisamos de nos apressar."

Então Thanos apressou-se, meio esperançado em ser levado na direção dos aposentos privados do rei. Em vez disso, porém, ele viu que eles estavam a ir na direção do salão do trono, apressando-se em algo parecido com uma corrida.

"É algo que tenha a ver com o exército?", perguntou Thanos, na esperança de entender o que estava a acontecer. Ele imaginava que os homens de combate pudessem, pelo menos, dar-lhe uma pista.

"Perdoa-nos, Prince Thanos", disse o guarda real, "mas o rei disse que ele explicaria quando tu lá chegasses."

Thanos não tinha certeza do pensar com aquilo, mas ele sabia que era escusado testar a lealdade da guarda real. Além disso, graças à velocidade a que eles estavam a andar, eles estariam no salão do trono em breve.

Eles chegaram e os guardas que estavam à porta deixaram-os entrar. Thanos sentiu imediatamente que algo estava errado. Havia ali um silêncio que não devia haver, mesmo se o rei o tivesse exigido. Os nobres que ali estavam pareciam em choque, até mesmo com raiva. Eles estavam de cada lado do salão. Ele ouviu o som das portas a fecharem-se atrás de si como uma lápide a cair.

Algo tinha corrido mal.

"O que é que se passa?", exigiu saber Thanos. "O que aconteceu?"

Então ele viu o rosto de Lucious; viu o olhar de triunfo ali, e ele entendeu.

Naquele momento, porém, os guarda-costas reais já se haviam colocado à sua volta com as suas espadas desembainhadas. Não haveria qualquer hipótese de fugir, e, desarmando, nem mesmo Thanos conseguiria lutar contra tantos.

O Rei Claudius estava sentado, perfeitamente imóvel. Para Thanos, ele parecia estar algures entre a raiva e a tristeza. "O que aconteceu? O que aconteceu foi que tu nos traíste."

"E quem diz isso?", contrapôs Thanos. Aquele momento era a sua única hipótese. "Lucious? Tu sabes que ele diria qualquer coisa para causar problemas."

Ele provavelmente está apenas à procura de vingança por ter sido espancado sem sentido, ainda assim."

"Era isso que eu suspeitava", respondeu o rei. Ele apontou para um lado da corte. "Até Lucious me trazer este homem."

Um homem com ar de maltrapilho deu um passo em frente saindo da multidão, vestindo um uniforme de soldado. Era muito novo para ser original e Thanos imaginou que Lucious lhe tinha dado o uniforme para o efeito.

"Diz novamente o que nos disseste", disse o rei. " *Di-lo.*"

"O Príncipe Thanos juntou-se aos rebeldes em Haylon", disse o homem. "Ele ajudou-os a incendiar os nossos navios e a atacar os nossos homens. Eu... quando é que eu recebo a minha recompensa?"

"Estão a ouvir isto?", perguntou Thanos. "Ele só o está a dizer porque Lucious lhe pagou."

"Isso é possível", disse o rei, "mas quando ele o contou, outros também contaram as suas suspeitas. Um guarda mencionou que tinha requisitado ouro do tesouro para o exército, mas não há registro de que tenha lá chegado. Um pássaro de Haylon chegou informando-me do progresso do general *Haven* ali, quando eu tenho a certeza que enviei Olliant. Ao mesmo tempo, um membro júnior da equipa do meu camareiro diz que tu estiveste no seu escritório na manhã em que a frota partiu e Lucious diz que te viu lá fora. Claro, eu vou torturar esse desgraçado para garantir que ele está a dizer a verdade, mas ambos sabemos o que ele vai dizer, *não é?* Afinal, tu já tentaste matar o meu filho!"

O rei levantou-se então. Com o efeito adicional do estrado, ele olhou para Thanos.

"Tu és um traidor, Thanos. Admite. Ou talvez eu te faça assistir à tortura. Tu és brando o suficiente para eu ter a certeza que tu não irias querer isso."

"Eu sou brando?", disse Thanos. "Talvez apenas sejas tu que se esqueceu de como é ter alguma humanidade. Tu ordenaste ao General Draco para abater homens, mulheres e crianças em Haylon. Tu mandaste Lucious massacrar o teu próprio povo em nome de pôr fim à rebelião. É mau e tem de ser parado!"

"Então tu tens estado a ajudar a parar com isso?", exigiu saber o rei.

Thanos manteve-se ali orgulhosamente, porque já não fazia nenhum sentido em tentar negá-lo mais. "Sim. Sim, eu tenho. E talvez tu me mates por causa disso, mas haverá uma dúzia mais para ocupar o meu lugar. Uma centena. Quanto mais bruto tentares ser, mais a rebelião se vai erguer, até que tu e todos sejam varridos!"

Thanos viu o rei, o seu pai, juntar as mãos, a olhar para baixo como se procurasse algum tipo de resposta. Em seguida, ele abanou a cabeça.

"Um belo discurso, mas um império como este só existe porque existe ordem dentro dele. Só porque ele é forte. Tentei explicar-te isso uma vez antes, e tu não aprendeste a lição. Eu dei-te uma hipótese, e tu atiraste-a na minha cara! Mesmo agora, eu suspeito que tu me matarias se eu te desse a oportunidade."

Thanos olhou-o diretamente nos olhos. "Se for a única maneira de te deter."

"Então és tu quem deve ser detido", disse o Rei Claudius. "Levem Thanos para uma cela. Amanhã, ele será levado de barco até a Ilha dos Prisioneiros.

Quando ele lá estiver, eu vou decidir qual a forma adequada para ele morrer."

Thanos tentou lutar, porque ele não podia *não* lutar. Ele deu um murro num guarda real e, em seguida, tentou agarrar uma arma de outro. Mas eles eram muitos. Eles atiraram-se em conjunto, mandando-o ao chão. Até mesmo alguns dos nobres se juntaram, como se querendo mostrar a sua lealdade. Eles davam murros e pontapés nele: pessoas que ele conhecia, antigos amigos.

E Lucious estava ali, a segurar um taco. "Há muito que eu te queria ver a cair.

Agora consegui."

Ele deu balanço ao taco, e a escuridão explodiu no crânio de Thanos.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Os nobres da Costa Norte sempre tinham olhado para Ceres com respeito, mas agora pareciam olhar para ela mais com admiração quando ela estava no meio das fogueiras a erguer tendas à pressa. Metade deles não parecia ter coragem de falar com ela depois do que ela tinha feito ao Último Suspiro, enquanto a outra metade a tratava como se ela fosse algo muito mais do que humano.

Então, outra vez, ela supôs ser. Era só que demorava algum tempo para se acostumar.

Agora, ela estava sentada em torno de uma fogueira com Lorde Oeste e alguns dos seus homens. O fogo não era nem de longe tão intenso quanto as trincheiras cheias de chamas tinha sido, mas, mesmo assim, era uma lembrança delas. O

lorde da Costa Norte tinham ido ele próprio buscar a Ceres um prato de restos de pão, veado e feijão e tinha experimentado tudo antes de lhe os entregar.

"Tu não tens de fazer isso", Ceres tentou dizer-lhe, mas o homem mais velho abanou a cabeça.

"Tenho", insistiu ele. "A minha família jurou dar a vida, se necessário, pelos teus antepassados, e há envenenadores mais do que suficientes ao redor de Delos para que isso seja um risco. Não podemos dar-nos ao luxo de te perder."

"Estes são os teus homens", disse Ceres. "Eles lutam por ti."

Isso só arrancou mais outro aceno da cabeça de Lorde Oeste. "Eles lutam porque tu estás aqui, minha senhora. Porque tu lhes mostraste que existem poderes ali fora maiores do que a força do Império."

"Não é como se conseguisse assumir o Império sozinha", disse Ceres. Poderia ter sido bom se ela tivesse transformado todos os seus adversários em pedra, assumindo todos os riscos sozinha em vez de puxar os outros para ele, mas os seus poderes não funcionavam assim. Exigiam esforço. "Nós só chegámos até aqui porque vocês estão todos aqui."

"Eu só espero que a rebelião esteja à nossa espera", disse Lorde Oeste. "Não aguentamos um cerco longo."

"Lucious não vai ousar trazer os seus homens para nos enfrentar agora", disse Ceres. "Confiem em mim, ele no fundo é um covarde. Ele está bem e em segurança atrás de uma parede, e ele vai ficar lá até que alguém se meta."

"Com todo o respeito, minha senhora", disse Lorde Oeste. "Isso é tudo o que ele precisa de fazer. Nós somos cavaleiros. Em campo aberto, podemos atropelar

os inimigos mais fortes, mas os cavalos não podem escalar paredes. E eles precisam de comer, assim como os seus cavaleiros."

Ceres compreendeu então. "Lucious tem vindo a devastar os campos há muito tempo. Não haverá qualquer alimento para encontrar. Sinto muito, Lorde Oeste. Já lutei no Stade, mas não estou habituada à forma como os exércitos funcionam."

Lorde Oeste fez um gesto para os outros ali. "Tu trouxeste-nos até aqui, e tu *foste* melhor que o homem de Lucious. Se ele próprio tivesse aceite o desafio, podíamos não estar a ter este problema agora. Mas espero que não te incomode eu estar a dizer isto, minha senhora?"

"Tu não tens de pedir, Lorde Oeste", disse Ceres, dando uma dentada na sua comida. Depois de tudo o que tinha acontecido naquele dia, ela estava faminta.

"Eu não quero ser alguém como o Rei Claudius. Alguém a quem as pessoas têm medo de dizer coisas para o caso de não gostarem deles."

"Isso é bom", disse Lorde Oeste. "Então tu tens de entender que existem mais problemas do que apenas a comida, apesar de que é significativo. Delos *pode* esperar mais por nós. E no inverno, vai ser difícil. Mas isso pode não durar muito tempo. A minha esperança era que a rebelião se erguesse quando chegássemos à cidade. Assim, a cidade ficaria na nossa posse antes de qualquer uma das outras legiões do exército do Império conseguisse vir e a reforçasse"

"Mas agora, connosco presos fora da cidade, nós somos presa fácil", disse Ceres. "Apanhados entre o martelo e a bigorna."

"Exatamente", disse Lorde Oeste. "Os meus homens têm atingido todas as aves mensageiras que conseguem, mas não conseguimos ter a certeza de que eles as tenham apanhado a todas, e não conseguimos controlar as docas."

"Eles poderiam simplesmente enviar um mensageiro por esse caminho, ou até mesmo trazer de volta reforços por barco", disse Ceres. Ela entendia a magnitude da situação agora. Eles precisavam de tomar a cidade rapidamente. "Todos os portões estarão bem guardados pelo que não podemos simplesmente infiltrarmo-nos na cidade, mas..."

"O que é?", perguntou Lorde Oeste.

"Pode haver uma maneira", disse Ceres. "A rebelião teve sempre caminhos secretos para a cidade, e eu conheço alguns dos antigos, de quando Rexus era vivo."

"Nós não seríamos capazes de deslocar o exército para tão perto das muralhas", disse Lorde Oeste. "Com tantos homens e cavalos, alguém poderia detetar o movimento, e fazê-lo durante a noite é perigoso de qualquer maneira, simplesmente com a quantidade de homens."

Ceres levantou-se. "Eu não estou a falar de infiltrar todo o exército", disse ela. "Apenas eu."

"Tu?", Lorde Oeste abanou a cabeça. "E se algo vier a acontecer? Não, nós precisamos de ti."

"Para ficar aqui contigo até que o resto do exército do Império chegue?", perguntou Ceres. "Não. Eu meti-te nisto. Devia ser eu a levar-te para a cidade também."

"Tu és demasiado valiosa", disse Lorde Oeste.

"Nós já estabelecemos que eu realmente não sei como comandar um exército", disse Ceres. "Mas eu conheço *efetivamente* os caminhos para a cidade, e haverá pessoas na rebelião que confiam em mim". Ela pensou no seu irmão e no seu pai.

Em Anka. "Pessoas que eu quero ver há muito tempo. Eles vão dar-me ouvidos, mas se tu ou um dos teus homens for, o que é que eles vão ver? Um nobre a tentar dar-lhes ordens? Eu sou a melhor pessoa para este trabalho, enquanto *tu* és a melhor pessoa para assegurar que quando eu conseguir abrir um dos portões da cidade de madrugada, os teus homens estão prontos para responder."

"Eu ainda não gosto disto", disse Lorde Oeste. "Eu deveria enviar homens para irem contigo."

"Tu sabes que isso só iria aumentar o risco", disse Ceres. "A melhor coisa que tu podes fazer agora é confiar em mim. Não é como se tu me consigas deter, a menos que me vigies dia e noite."

Lorde Oeste hesitou por alguns segundos e, em seguida, levantou-se, apertando-lhe a mão. "Muito bem. Mas se tu não estiveres de volta ao meio-dia, minha senhora, eu vou atacar as muralhas para te ir buscar."

"Tu já me disseste que os cavalos não conseguem trepar", salientou Ceres.

"Não conseguem", disse Lorde Oeste. "Portanto, é melhor certificares-te que consegues."

Ceres arrastou-se em direção às muralhas da cidade com apenas fracos pontos de luz para guiarem-na. Havia as brasas a morrerem nas fogueiras fora das muralhas, as alfinetadas de luz das estrelas acima e o brilho das tochas pertencentes aos sentinelas do Império haviam-se estabelecido sobre as muralhas de Delos. Ceres estava grata pelas últimas, porque, pelo menos, isso lhe dizia onde os vigias provavelmente estariam.

Ela estava grata por ser uma noite sem lua, também. Isso significava que, envolta num manto, ela mal deixava um rasto ao rastejar pelo terreno aberto entre o seu acampamento e a cidade. Ela esperava que os vigias vissem apenas mais

uma sombra contra as ervas, e não tivessem qualquer vislumbre da armadura que estava por baixo.

Ela tinha-a acolchado para que não fizesse nenhum som enquanto ela se movia. A última coisa que Ceres queria era ser visível, mas se fizesse tanto barulho os sentinelas do Império conseguiriam encontrá-la de qualquer maneira.

Ela escolhia os seus passos tão cuidadosamente quanto conseguia também, sentindo galhos ou terreno irregular que a pudessem denunciar.

"Eu só espero que haja ali alguém quando eu lá chegar", murmurou Ceres para si mesma.

Quando Rexus havia liderado a rebelião, havia pontos definidos, onde os seus membros iriam procurar pessoas que quisessem entrar na cidade secretamente, e havia sinais definidos para que eles soubessem que um amigo se estava a aproximar. Ceres tinha-os conhecido a todos porque Rexus quis ter a certeza de que ela os conhecia.

Agora, porém, Ceres não tinha nenhuma maneira de saber se os locais ainda eram os mesmos. Os sinais podiam ter mudado, ou pior, o Império podia ter encontrado algumas das rotas e começado a observá-los, capturando quaisquer rebeldes suficientemente tolos para ainda os usarem. Quando Rexus tinha estado ao comando, eles tiveram de mudar várias das rotas exatamente por esse motivo.

Ceres não tinha nenhuma maneira de saber quais os que ainda estavam a uso.

Ela continuou em direção às muralhas. Talvez outra pessoa pudesse ter feito aquilo, apesar do que ela tinha dito a Lorde Oeste, mas a verdade era que ela era a que tinha maior hipótese de convencer a rebelião.

Ceres contornou a borda de um dos fossos das fogueiras e ouviu um barulho algures acima. Por instinto, ela colocou-se numa posição plana.

"O que é isso?", perguntou alguém a partir de um ponto na parede que tinha parecido escuro e vazio um momento antes.

"Provavelmente nada", disse outra voz. "Tu tens estado a saltar nas sombras toda a noite."

Ceres viu um guarda, então, a acender uma tocha anteriormente fria. Ela podia imaginá-lo a olhar para as ervas além das muralhas e tentou ficar o mais imóvel possível, esperando que a escuridão da sua capa a escondesse.

"Vês? Não há nada ali. Agora, precisamos de voltar para as nossas patrulhas.

O capitão vai-nos matar se nos apanhar a jogar aos dados."

Ceres atreveu-se a mover-se novamente ao ver a luz a mover-se, mas ela não se moveu rapidamente. Em vez disso, ela rastejou em direção à base da muralha, não se importando como o tempo que tal levava. Ela não se podia dar ao luxo de arriscar mais.

Pareceu demorar uma eternidade até os seus dedos tocarem em pedra e argamassa, e ainda mais tempo até Ceres encontrar o local que ela queria. Acima, havia uma secção onde um portão para mercadorias podia em tempos ter sido isso e agora parecia estar emparedado. Porém, os tijolos ainda podiam ser movidos de dentro, e, quando ela o tinha deixado, a rebelião tinha enviado pessoas para o vigiar durante a noite.

Ceres assobiou, seguindo um padrão de notas longas e curtas que ela esperava ainda se lembrar corretamente. O barulho parecia demasiado alto contra o silêncio do ar da noite. Ceres esperou, pressionada contra a parede, esperando que nenhum dos guardas tivesse ouvido.

Ela continuava à espera, contando os seus batimentos cardíacos, tentando ter noção do tempo que estava a passar. Pelo menos um minuto tinha passado sem nenhum som vindo de cima, e, agora, ao longo da muralha ao longe, Ceres conseguia ver a luz constante de uma tocha a mover-se na sua direção. Ela não achava que fosse porque alguém a tivesse ouvido. Não se estava a mover suficientemente depressa para isso, mas a luz ainda seria suficiente para a ver.

Ela tinha de fazer uma escolha. Ela podia correr de volta para a noite, mas tal movimento arriscava a que ela fosse vista, e ela podia não voltar a ter outra hipótese. Ou ela podia assobiar novamente. Ela fê-lo, e a meio ela percebeu que ela estava a assobiar a sequência errada. Rapidamente, ela alterou-a.

A luz estava a mover-se em direção Ceres mais depressa agora. Obviamente, o guarda tinha ouvido, mas Ceres conseguia ouvir alguma coisa também: o raspar de pedras em movimento, seguido pelo barulho tranquilo da corda a cair e a bater contra a pedra. Uma escada de corda desceu ao lado de Ceres e ela não hesitou.

Ela subiu, forçando-se a concentrar-se na subida e não na luz que sinalizava um guarda que se aproximava rapidamente. Ela subiu a escada apressadamente, arrastando-se para um espaço pequeno e mal iluminado, que era pouco mais que uma lacuna deixada por novo edifício e esquecida. Ela viu um

homem numa túnica áspera puxar a fachada de pedra de volta ao lugar.

Ele virou-se para ela e desembainhou uma faca.

"Quem és tu, e porque estás a usar códigos de sinal desatualizados? Se algum dos outros estivesse a ver, provavelmente nem sequer os teriam reconhecido."

Ceres entrou para a pouca luz que havia, observando o choque a espalhar-se nas feições do sentinela.

"O meu nome é Ceres," disse ela. "E eu voltei para te comandar."

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Stephania estava a gastar a moeda de favores tão rapidamente quanto ela ousava. Mais rápido, porque o que ela estava a fazer naquele momento poderia muito facilmente matá-la. Quando ela ouviu o que tinha acontecido a Thanos, ela enviou as suas aias para a rua para obterem detalhes de uma vez por todas. Ela tinha-se vestido tão cuidadosamente quanto tinha conseguido e ela tinha partido para o libertar, com tanta certeza quanto um guerreiro com armadura completa podia ter partido atrás de alguma donzela numa história.

Só que isso não era uma história, e o seu marido, o homem que amava, estava em perigo.

Stephania tinha sempre dito a si mesma que o amor era uma armadilha; que o único amor que valia a pena ter era por si mesma. Agora, ela estava a fazer coisas que a poderiam matar, e tudo por um homem que estava a tentar derrubar o próprio Império que lhe dera uma vida tão boa.

Era uma espécie de loucura, mas uma loucura que fazia muito mais sentido agora. Finalmente, ela estava a começar a entender o significado do amor verdadeiro. E não era o que ela tinha pensado. Não era sobre possuir outro. Não era sobre feri-los quando eles nos recusavam. Era isso... aquela vontade de dar tudo por eles.

"Até a minha vida", sussurrou Stephania.

"O que é que disseste, minha senhora?", perguntou uma das suas criadas.

"Nada", disse Stephania. "Milla, eu preciso que tu vás à procura do capitão Delvar. Leva-lhe este recado. Se ele argumentar, lembra-o de quem lhe salvou a cabeça quando o pai da sua última amante queria tirá-la. Se isso não resultar, lembra-o de que eu sei que ele não pagou ao rei a sua parte das operações dos traficantes de escravas que ele liderou por entre as Ilhas dos Dentes."

"Sim, minha senhora."

Tantos segredos, tantos cordelinhos de conhecimento e obrigação que ela acumulava como um avarento. Agora, Stephania estava a percorrê-los tão depressa que era difícil acompanhar. Tinha havido os segredos gastos para descobrir exatamente o que tinha acontecido no salão do trono. Tinha havido tentativas para descobrir como Lucious tinha encontrado aquele soldado, quando Stephania pensava que ela era a única que tinha ligação com ele. Ela tinha usado as indiscrições antigas de uma nobre senhora para descobrir para qual parte das masmorras Thanos tinha sido enviado e tinha usado também os hábitos perigosos

de um capitão da guarda para garantir o acesso às camadas superiores das masmorras.

Agora ela estava a caminhar por elas, passando por celas com rebeldes e dissidentes, ladrões e assassinos. Eles praticamente tinham sido atirados para ali todos juntos. Stephania via homens e mulheres amontoados em espaços com grades aparentemente de forma aleatória. Ela praticamente conseguia sentir o cheiro do desespero ali, misturado com o suor e resíduos humanos do lugar.

Acabaria ela ali, se aquilo não desse certo, ou eles a matariam simplesmente?

"Por aqui, minha senhora", disse um dos carcereiros. O seu preço tinha sido localizar uma filha há muito tempo supostamente desaparecida. Era uma coisa surpreendentemente sentimental, pensou Stephania, para um homem de aparência tão rude. "Ignora-os. Eles simplesmente não estão ansiosos pelo que os espera."

Isso provavelmente era a morte ou a tortura, a mutilação ou o embarque para a Ilha dos Prisioneiros. Na verdade, Stephania não queria saber qual seria. Não importava. Somente Thanos lhe importava naquele momento. Ela veria cada um dos seus servos e amigos empalados ou amarrados a uma pira de execução antes de ela o perder a ele.

Ela própria correria esse risco.

Stephania engolia em seco enquanto percorria as masmorras, saboreando a fragância das tochas que derretiam e que os iluminava. Ela conseguia ouvir gritos, apenas parcialmente abafados pelas portas espessas. Ela supôs que era deliberado, concebido para amedrontar os prisioneiros destinados ainda a sofrer.

"Oh, não te preocupes", disse o carcereiro. Ele parecia estar a gostar demasiado do desconforto de Stephania. "Nós não vamos trabalhar com o teu marido. Não quando a Ilha dos Prisioneiros está à espera dele."

Se as circunstâncias tivessem sido diferentes, Stephania teria garantido que o homem sofreria por aquele comentário. Assim como era, ela apenas concordou com a cabeça e continuou a andar. O seu caminho era para baixo, sempre para baixo, até parecer que eles estavam muito abaixo de Delos, num espaço que a luz solar nunca tocava.

"Só vou até aqui", disse o carcereiro, apontando. "A cela dele é por ali."

"Isso não foi o nosso acordo", retrucou Stephania.

"Bem, eu quero viver para ver a minha filha, e aqueles guardas-reais..."

"*Que* guarda-costas reais?", perguntou Stephania.

"Não pensavas que eles o iam deixar sem vigilância, ou pensavas?", contrapôs o carcereiro, já a ir-se embora.

Stephania ficou ali a fumar. Ela não se tinha preparado para isso. Ela não tinha planeado aquilo e ela devia tê-lo feito. Um idiota poderia ter imaginado que poderia haver mais guardas num momento como aquele, mas Stephania tinha

estado demasiado ocupada a pensar em Thanos. O amor poderia fazer qualquer um de tolo.

Ela arrancou o seu colar favorito do pescoço. Era uma coisa de ouro branco pesado, cheio de esmeraldas e safiras. Ao menos ela agora podia planear. Ela tirou um pequeno frasco do seu vestido, evitando cuidadosamente o contacto com as pedras enquanto deitava sobre elas o conteúdo.

Ela continuou a andar e encontrou uma porta no final do corredor, com a presença de um guarda-costas real sentado numa cadeira, com a sua armadura de borda dourada a refletir a luz de uma tocha e uma lâmina nua apoiada no seu joelho. Ele levantou-se quando Stephania se aproximou.

"Perdoa-me, minha senhora, mas o rei disse que o príncipe Thanos era para ser mantido isolado."

"Desejo apenas ver o meu marido", disse Stephania.

"As ordens do rei foram muito claras."

"O meu *marido* foi acusado de ser um traidor e foi arrastado para uma cela sem eu nem sequer me ter conseguido despedir dele. Eu daria qualquer coisa...

qualquer coisa, apenas para ser capaz de falar com ele por um momento ou dois."

"Qualquer coisa?", perguntou o guarda, e Stephania sabia que ela já o tinha.

Os guarda-costas reais eram supostamente incorruptíveis, mas a sua experiência dizia-lhe que ninguém era. Ninguém, exceto Thanos, talvez.

Stephania ergueu o colar. Valia mais do que um homem como aquele veria em toda a sua vida. Stephania balançou-o na sua mão.

"Será que isto é suficiente?", perguntou Stephania. "Nem sequer é para fazer grande coisa. Só tens de te afastar por alguns minutos enquanto eu falo com o homem que eu amo. Tu consegues entender o amor, tenho a certeza. "

"Eu prefiro o género que consigo comprar", disse o guarda. O seu punho fechou-se em torno do colar. "Mas isto compra muito."

Ele afastou-se, atirando uma chave a Stephania. Ela imediatamente enfiou-a na fechadura. Thanos estava ali, parecendo magoado ao sentar-se na cela de pedra.

Stephania correu para ele, colocando-lhe a mão no seu rosto.

"Thanos", disse ela. "Como é que pudeste ser tão tolo a ponto de ser apanhado?"

Ele sorriu-lhe. "Eu pensava que tu estarias com raiva de mim por eu ajudar os rebeldes. Eu pensava que tu me odiavas."

"Eu nunca poderia odiar-te", disse Stephania. "Eu amo-te."

Depois de todas as mentiras que ela havia dito na sua vida, aquela verdade sabia-lhe tão bem. Então, ela

beijou-o longa e profundamente.

"Não é seguro para ti dizeres isso agora", disse Thanos. "Não é seguro para ti estares aqui, Stephania."

"Eu não me importo", disse Stephania.

"Mas devias", respondeu Thanos. "Tu devias ficar o mais longe possível da minha cela e fingires que me odeias, mesmo não sendo verdade. Tu devias ser a primeira a condenar-me sempre que eles falarem de mim. Dessa forma, eles não vão pensar que tu és uma traidora juntamente comigo."

Stephania sorriu. Quase ninguém na vida dela a tinha colocado em primeiro lugar assim. Quando a própria vida deles estava em jogo, eles haviam decidido que a vida de Stephania valia menos. Aquilo só mostrava o quão especial era Thanos.

"É provavelmente um pouco tarde para isso", disse Stephania, ajudando Thanos a levantar-se. "Até porque eu carrego em mim o teu filho."

Thanos parou, dando um passo para trás e olhando para ela em descrença óbvia. "Tu estás grávida?"

Stephania mordia o lábio enquanto assentia com a cabeça. "Estou grávida."

O mundo pareceu iluminar-se com o sorriso de Thanos. "Isso é incrível. É

uma notícia maravilhosa!"

Stephania deu por si envolvida num abraço e desejou poder ficar assim com Thanos para sempre. Sentia-se segura assim com ele. Desejada. Amada. Ela sentiu lágrimas a escorrerem-lhe pelo rosto, porque ela nunca tinha tido nada assim em toda a sua vida. Ela ficou surpreendida ao dar um passo atrás e ver lágrimas semelhantes no rosto de Thanos.

"Vamos mesmo ser pais?", perguntou Thanos, agarrando nas mãos dela.

Stephania podia sentir a força do seu toque, mas também a suavidade. "Vamos mesmo, e eu não me importo se tu tens estado a ajudar os rebeldes. Nada disso importa."

"Importa se eles me levarem e me matarem por causa disso", disse Thanos.

"Ou pior, se eles te matarem apenas por seres casada comigo. E o nosso bebé?"

Mesmo se eles o deixarem viver, ele vai crescer a ser ensinado que o seu pai era um traidor. Ou pior, eles podem decidir que ninguém com o meu sangue pode viver. Que eles são também uma ameaça."

Stephania não queria pensar sobre isso, embora ela também não soubesse porque a linhagem de Thanos haveria de ser uma ameaça. Se ela tivesse decidido juntar-se à condenação dele, ela não tinha dúvidas de que a criança teria sido bem-vinda, simplesmente por causa da sua óbvia nobreza. Agora, porém... agora, as coisas seriam mais complicadas.

"Nada disso vai importar", disse Stephania. "Porque nós vamos tirar-te daqui."

Tal pareceu ainda surpreendê-lo mais do que o facto de ela estar grávida.

"O quê? Como? Stephania, tu não podes correr tal risco!"

Stephania encolheu os ombros. "É um risco menor do que o risco de não te ter, e já está tratado. Eu subornei as pessoas que precisava de subornar e as minhas criadas irão colocar soporíferos na cerveja de quaisquer guardas ao longo do caminho."

Embora o que ela tinha espalhado no seu colar não tivesse sido um soporífero. Ela não tivera nada à mão que fosse mais suave, e ela não estava disposta a arriscar que o guarda voltasse para trás no acordo que eles tinham feito. Não havia nada, *nada* que ela não fizesse por Thanos.

"Então tu vê", disse Stephania, "Eu estou comprometida. Eles vão matar-nos a ambos se eles nos apanharem agora."

"Eu não vou deixar isso acontecer", disse Thanos, e Stephania sorriu ao pensar que, mesmo ali, mesmo naquele momento, ele queria protegê-la.

"*Eu* não vou deixar isso acontecer", Stephania corrigiu-o. Ela estendeu a sua mão. "Temos que nos apressar ainda assim."

Ela sentiu a mão de Thanos a deslizar na dela. Ele parecia tão forte. Ela passou-lhe uma pequena adaga.

"Caso seja preciso", disse ela.

Thanos olhou para a adaga e assentiu. Stephania conseguia ver ali determinação.

"Tens a certeza de que vamos ser capazes de sair daqui?", perguntou ele.

Stephania beijou-o. "Confia em mim. Tu és bom a lutar com aqueles que precisam de uma luta. Eu sou boa a... providenciar as coisas."

Talvez um dia ela fosse mesmo capaz de lhe contar algumas das coisas que ela tinha providenciado para o manter a salvo. Ou talvez não. Thanos poderia ter ajudado os rebeldes, mas em alguns aspectos ele era muito puro, muito inocente, comparando com as coisas que Stephania tinha feito para o proteger.

"Vamos precisar de sair do castelo", disse Thanos. "Depois disso... eu não sei. Talvez a rebelião tenha uma maneira para sair da cidade. Se nós os conseguirmos encontrar, talvez..."

"Está tudo bem", disse Stephania, interrompendo-o com um beijo. "Eu tenho isto controlado."

Ela foi à frente pelas masmorras, puxando Thanos pelos lugares onde havia gritos ou pessoas amontoadas. Ela sabia que o seu marido gostaria de salvá-los, mas naquele momento, isso só iria atrair a atenção. E se os outros tivessem de sofrer para que as pessoas que ela amava fossem salvas, Stephania não se importava.

Ela encontrava guardas caídos ali e acolá. As suas criadas tinham feito o seu trabalho. Ela pensou ter vislumbrado o corpo do guarda real, mas não havia tempo para verificar. Eles já tinham passado muito tempo ali.

"Vamos sair daqui e vamos para as docas", disse Stephania. "Haverá lá um barco à nossa espera. Depois disso... encontraremos um lugar para onde ir."

"Haylon", disse Thanos. "Nós ficaríamos seguros em Haylon."

Talvez, ou talvez Stephania conseguisse pensar num lugar melhor. A parte importante era que eles estariam juntos.

Tudo o que precisavam de fazer era chegar às docas.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Ceres não conhecia o caminho pelo qual o rebelde a estava a levar. Ela passou a mão pela pedra das muralhas, sentindo a sua estranheza. Essa estranheza, mais do que tudo, dizia-lhe que ela já estava afastada da rebelião há muito tempo.

Assim como o facto de que Anka era agora líder da rebelião. Parecia muito para a ex-escrava estar a correr, porque parecia demais para qualquer um correr.

Nas passagens e espaços escondidos que os rebeldes tinham construído, Ceres via mais pessoas do que ela podia ter acreditado. Havia pessoas a treinar, a trabalhar, a rir-se e a dormir. Havia armazéns e salas de trabalho, corredores e forjas...

"Quem vos lidera agora?", perguntou Ceres enquanto caminhavam.

"Para além de Anka?", respondeu o rebelde. Ceres conseguia ouvir o respeito ali. A partir do momento em que ela se tinha anunciado a si própria, ele tinha sido tão respeitoso quanto teria sido com um herói que estivesse de volta. "Há Edrin e Hannah, Berin e Sartes e..."

Ceres deixou de ouvir para além daquele ponto. Naquele momento, nada do resto importava.

"O meu pai e o meu irmão estão aqui? Agora? Leva-me até eles!"

Ele levou-a até um dos espaços de dormir perto das forjas. O coração de Ceres disparou ao ver o seu pai, sentado perto de uma cama pequena e o seu irmão ao lado dele.

"Pai? Sartes?"

O seu pai olhou para cima como se tivesse visto um fantasma. Ele empalideceu, parecendo invadido pela descrença, alegria, alívio. Ele ficou ali a olhar, como se não se atrevendo a desejar que aquilo pudesse mesmo estar a acontecer.

Ceres entendia o sentimento. Sentia-se igualmente chocada e exultante.

Ela viu Sartes sentar-se na cama e descer, esfregando o sono dos seus olhos.

"Ceres?", disse ele. Ele parecia tão chocado quanto o seu pai. "Tu estás viva?"

Ele ficou ali, como se não soubesse o que fazer, olhando de cima a baixo como se estivesse a tentar

certificar-se que era realmente ela e não um impostor.

Ceres olhou-o de cima abaixo, tentando adivinhar tudo o que tinha acontecido com ele durante a época em que ela tinha estado afastada, mas, naquele momento, ela estava apenas contente por ele estar ali. Ela abriu os braços e o seu irmão

correu até ela, segurando-a com força. Ele estava um pouco mais alto do que Ceres se lembrava e mais forte, também.

"Tu estás *viva!*", disse Sartes.

"Nós pensávamos que tu tinhas morrido", disse o pai dela, movendo-se para participar no abraço. "Eu pensei... eu pensei que te tinha perdido."

Ceres conseguia ouvir ali notas de luto antigo. Ela agarrou-se a eles, então, querendo assegurar-lhes que aquilo era real.

"Eu senti muito a vossa falta."

Parecia como se o momento nunca fosse acabar. Seguramente, Ceres não queria que acabasse.

"Onde é que tens estado?", perguntou-lhe o pai. "O que é que te aconteceu?"

"Afoguei-me numa ilha", disse Ceres. "Havia lá pessoas que me ajudaram a aprender imensas coisas sobre mim."

O olhar do seu pai mudou um pouco. "Que tipo de coisas?"

"Eles ensinaram-me mais sobre o poder dentro de mim", disse Ceres. "E eles levaram-me até à minha mãe."

Desta vez, ela viu Sartes a fazer uma cara feia. "A tua mãe? Mas a nossa mãe..."

Ceres colocou a sua mão no braço dele. "Continua a ser a tua mãe, mas não a minha."

"Quer dizer que não somos família?", perguntou Sartes. Houve alguma surpresa ali, mas também uma espécie de fragilidade que Ceres nunca quis ouvir no seu irmão.

Ceres abraçou-o novamente. "Nós vamos *sempre* ser família, irmão mais novo, independentemente de quem sejam os meus pais."

O seu pai segurou-a. "O que é que achaste da tua mãe?"

Ceres pensou por um momento ou dois. "Ela era... estranha. Bonita. Bondosa.

Eu gostei dela, mas ela também parecia... triste. Deve ser difícil para ela, sozinha na Ilha Para Além da Névoa. Como é que tu a conheceste?"

O seu pai abanou a cabeça. "Essa é uma história para outra altura. O que importa agora é que tu estás

aqui. É *tudo* o que importa."

"Tu estás com o exército que veio?", perguntou Sartes. "Nós não conseguimos saber o que aconteceu."

Ceres sorriu. "Eu estou *a comandar* o exército. E nós vamos tomar Delos do Império."

"Eu gostaria de ouvir como é que estás a planear fazê-lo", disse Anka da porta.

Ceres olhou à volta, parando quando a viu. Ela tinha ouvido que Anka estava no comando, mas ver isso era uma coisa muito diferente. Ela ficou ali, a observar a forma como as pessoas reagiam a ela, vendo que, realmente, era verdade.

Anka parecia diferente de como era na jaula do traficante de escravas.

Diferente até mesmo de como parecia no pátio do castelo. Ceres conseguia ver ali a preocupação gravada nas suas feições, mas também a sensação de força.

Ceres correu e elas abraçaram-se. Ela sentia a força nos braços e ombros de Anka.

"É bom ver-te novamente. Parece que, agora, tu estás a fazer um pouco mais do que apenas subsistir."

Anka estendeu as mãos. "Acontece que eu tinha um talento para isso. E eu tive muita ajuda. Sartes tem feito muito. E, claro, eu nunca estaria viva se não tivesses sido tu."

Elas partilharam um olhar de admiração mútua.

Anka levou-os do espaço perto da forja para um local maior, que provavelmente tinha sido em tempos um depósito, mas agora estava cheio de pessoas.

Ceres mal podia acreditar o quão grande o exército dos rebeldes era agora.

"Anka?", perguntou uma mulher. Ceres reconheceu-a. Era Hannah. Ela havia estado com a rebelião desde o início. "É... Ceres? Como é que ela está viva?"

Ceres esperou enquanto Anka caminhava para o meio da sala. Seguiu-a na direção de um espaço livre que ali havia e deixou-a falar. Ceres sentia a maneira como as pessoas estavam a olhar para ela. Elas sabiam quem ela era. Elas tinham-na visto no Stade ou tinham ouvido sobre o seu papel no exército.

"Aqueles de vocês que já estão na rebelião há tempo suficiente reconhecerão Ceres", disse Anka. "Talvez alguns dos restantes também. Ela lutou no Stade. Ela é a razão pela qual muitos de nós ainda estamos aqui hoje."

Anka fez um gesto para Ceres dar um passo adiante.

Ela fê-lo, sentindo o peso dos muitos olhos postos em si. A maioria daquelas pessoas saberia quem ela era, algumas conheceriam-na, mas muitas não.

"Eu suponho que vocês já ouviram falar sobre o exército que cercou a cidade". Ela respirou fundo. "Eu estou a comandá-lo."

Ouviram-se suspiros na multidão.

"Tu trouxeste um exército para atacar a nossa cidade?", perguntou um homem a Anka.

Ela via que eles estavam confusos.

"Nós não estamos a tentar destruir a cidade ou ferir o seu povo", disse Ceres.

"Eu trouxe um exército para *ajudar* a rebelião."

"E como é que sabemos isso?" gritou alguém da multidão. "Eu vi as bandeiras ali fora. Aqueles são os homens de Lorde Oeste. Porque haveria um lorde de ajudar gente como nós, camponeses comuns?"

"Porque ele odeia a maneira como o Império governa", explicou Ceres. "Ele apenas precisava do estímulo certo para se erguer contra o Império."

"E nós devemos acreditar nisso?", perguntou Hannah. "Pelo que sabemos, ele está apenas a planear substituir o rei consigo mesmo, e nada vai mudar. Ele podia estar a enganar-te, Ceres."

"*Tudo* vai mudar", disse Ceres. "E mesmo não confiando em Lorde Oeste, vocês devem confiar em mim."

"Não se trata de confiar em ti", disse Edrin. "Trata-se..."

"... de tentar *ganhar!*", disse Anka. "Oçam-se a vocês próprios. Vocês estão tão preocupados com o que poderá vir a seguir que não estão a prestar atenção ao que está a acontecer agora. Temos a hipótese de derrubar o coração do Império.

Temos de aproveitá-la. Eu confio em Ceres. Devíamos ouvir o que ela tem para dizer."

Ceres olhava para as pessoas ali.

"Eu compreendo que vocês tenham medo. Vocês têm estado a trabalhar para a derrota do Império, mas, mesmo assim, isto é um grande passo. Estou a pedir-vos para tomarem a posição para a qual vocês se têm estado a preparar. Eu estou a pedir-vos para correrem um grande risco. Eu sei disso."

Ela esperou durante um momento ou dois, deixando-os interiorizar.

"Mas chega um momento em que é preciso parar de preparar e *agir*", ela continuou. "Temos uma oportunidade de tomar Delos, mas essa oportunidade vai passar muito rapidamente. Eu tenho um exército à espera ali fora, mas quando o resto das forças do Império chegar aqui, ele vai ficar preso entre eles e a cidade.

Se atacarmos as muralhas, vamos ser abatidos. Mas se pudermos conquistar a cidade rapidamente, nós podemos protegê-la contra todos."

"Então tu queres que façamos toda a luta por ti?", perguntou um dos lordes de combate.

Ceres abanou a cabeça. "Tu conheces-me melhor do que isso. Treinaste ao meu lado, não foi?"

O lorde de combate admitiu: "Tu não te coibiste de lutar no Stade."

"E não vou fugir desta", disse Ceres. "Eu não quero que vocês conquistem a cidade por mim. Eu quero que a conquistemos juntos. O meu exército não consegue entrar na cidade, pelo que eu quero abrir um portão onde eles possam entrar sem serem cortados aos pedaços. Vocês não iriam lutar com todo o Império, só com alguns guardas."

Ficaram todos em silêncio. Ela entendia. Alguém teria de oferecer-se para a

missão arriscada de sair daqueles túneis e procurar o portão menos guardado. Era uma tarefa de vida e morte, e ninguém a queria.

"Eu vou fazê-lo", disse uma voz.

Ceres virou-se e ficou feliz ao ver Sartes, ali de pé, orgulhosamente.

"Eu consigo encontrar o portão menos protegido", disse ele. "Eu sou quem está melhor colocado para o fazer. Ninguém suspeitaria de mim."

Ceres sentiu uma onda de orgulho e temor pelo seu irmão. Ela não queria colocar o seu irmão em perigo, mas mais ninguém se tinha oferecido. E ele tinha razão.

"Sartes tem razão", disse Anka. "E ele é corajoso". Ela então virou-se para a multidão. "Vão ser assim tão corajosos? Quando encontrarmos esse portão, vocês vão abri-lo para Ceres e para o seu exército?"

Um silêncio perdurou e, depois, alguns assentiram.

"E então vocês irrompem?", perguntou Edrin.

Ceres assentiu.

"E depois lutamos juntos", disse Ceres. "Juntos, conseguimos fazê-lo. Juntos, conseguimos conquistar Delos. Juntos, conseguimos derrubar o Império e manter a cidade contra o mundo. Juntos, conseguimos forjar um novo mundo, mas apenas se o fizermos agora. Estão comigo?"

Houve um silêncio, mas esse silêncio foi rapidamente interrompido por cânticos baixos. Sartes começou-o, mas os outros logo o acompanharam, em crescendo até encher a sala.

"Ceres! Ceres!"

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Sartes movia-se cuidadosamente pelas ruas da cidade uma hora antes do amanhecer. Ele estava atento enquanto corria das portas para os becos, subia paletes empilhadas e misturava-se o melhor que conseguia com as pessoas que estavam nas ruas, apesar da hora precoce.

Sendo aquilo Delos, havia mais do que apenas aqueles. Não importava que houvesse um exército fora da cidade; os seus negócios tinham de continuar.

Aqueles pescadores e comerciantes a acordar cedo para apanhar a maré fora das docas. Isso significava comerciantes e vendedores de comida a montar as suas barracas nas ruas. Isso significava que as pessoas da noite estavam a voltar de quaisquer trabalhos que estivessem estado a fazer à luz das estrelas, legais ou não.

Isso significava guardas também. E era por isso que Sartre estava a ser tão cuidadoso. O Império não tinha tentado impor um recolher obrigatório na cidade, presumivelmente porque toda a gente sabia que seria impraticável, mas Sartre ainda não podia dar-se ao luxo de ser visto muito abertamente. Havia uma forte probabilidade de que alguém o reconhecesse do exército, e, nesse caso, ele seria levado como um desertor ou um rebelde.

Mesmo assim, ele tinha melhores hipóteses do que a maior parte da rebelião.

Foi por isso que foi ele a fazê-lo. Para qualquer guarda que *não* o reconhecesse, Sartre iria parecer-se como um ouriço que não mereceria mais atenção do que apenas para levar um chuto para sair do caminho, ou talvez como um aprendiz atrasado para começar a trabalhar na loja do seu mestre. De qualquer maneira, era relativamente fácil misturar-se com as pessoas ao seu redor, manter-se em movimento, fazendo o seu caminho em direção aos portões da cidade.

Ceres tinha, sem dúvida, um trabalho mais difícil. Enquanto Sartre tinha de caminhar ao longo de ruas seguras, ela tinha o trabalho de se esgueirar de volta para o seu exército que estava à sua espera para dirigir o seu ataque. Sartre não queria pensar no perigo em que a sua irmã podia estar. Ele sabia que ela era uma grande lutadora, mas naquele momento, bastaria um erro e ela teria de confrontar sozinha todo o exército na cidade.

Porém, ele não podia fazer nada para ajudá-la. Ele só tinha de confiar nela, e certificar-se de que ele fazia a sua parte.

Ele caminhou, em primeiro lugar, na direção a um dos portões mais pequenos, o Portão Morto, onde os corpos estavam a ser levados para as sepulturas. Ele agachou-se atrás de um reservatório de água enquanto observava os guardas ali.

Demasiados, mas mais do que isso, o campo em frente ao portão era demasiado aberto. Os guardas veriam qualquer ataque que se aproximasse, o que tornaria mais difícil ter sucesso. Não, ele precisava de uma melhor...

"Ei, o que é que estás a fazer aí, rapaz?", perguntou um guarda.

Sartre pensou em correr, mas correr só iria provar que ele estava a fazer algo de errado. Ele pensou na faca amarrada à parte de baixo das suas costas, mas isso era um último recurso. Sartre olhou para o guarda, à procura de qualquer faísca de reconhecimento. Isso *faria* com que ele agarrasse a faca, porque nesse momento, seria a única maneira de viver.

"Eu... eu sinto muito", disse Sartre, pensando rapidamente. "Eu apenas pensei que se conseguisse chegar perto das muralhas, conseguiria ser capaz de ver o exército. O meu amigo Julin disse que havia cavaleiros, tanto quanto os olhos podiam ver, e eu queria olhar com os meus próprios olhos, porque eu acho que ele está a mentir."

O guarda abanou a cabeça. "Ele não está a mentir."

"Será que eu poderia... poderia subir à muralha e vê-los?", perguntou Sartre.

Isso iria deixá-lo ver mais as defesas, e, talvez, escolher o ponto certo para atacar.

"Não, não podes", retrucou o guarda. "Achas que eu dirijo algum tipo de excursão aqui, rapaz?"

"Estou só...", Sartre não precisava de fingir o seu medo, embora o guarda provavelmente não adivinhasse qual o verdadeiro motivo para tal. "Nós vamos ficar em segurança, não vamos? Quer dizer, eles não vão entrar e matar-nos a todos, pois não?"

"Não sejas estúpido, rapaz", disse o guarda. "As nossas muralhas são altas, eles não estão equipados para um cerco e os portões são fortes. Porque, o portão junto ao porto está tão bem defendido que meia dúzia de homens pode defendê-lo, disparando dardos através dos orifícios assassinos até que os reforços cheguem."

Parecia que Sartre tinha o seu portão, mas ele precisava ter a certeza. Ele teria de vê-lo por si mesmo.

"Tu devias correr daqui para fora. Um rapaz como tu provavelmente tem tarefas para fazer."

"Sim, senhor", disse Sartre e, correu, exatamente como o soldado tinha ordenado.

Talvez por se estar a mover tão depressa ele teve a sensação de que alguém o estava a seguir. Ele agora estava a mover-se muito mais depressa do que as multidões, correndo de esconderijo em esconderijo porque não havia tempo a perder. Mas havia mais alguém a mover-se igualmente tão depressa. Sartre vislumbrava-os, ou, pelo menos, via os distúrbios na multidão atrás dele. Ele via

peças a desviarem-se do caminho de alguém que se movia muito depressa. Ele ouviu o começo de uma discussão, rapidamente terminada. Num trecho da calçada, ele pensou ter ouvido o bater de um par de botas cardadas.

Sartre dirigiu-se para uma mancha mais profunda de multidão, chefes de família e servos à procura de pão e carne, mesmo antes de ficar totalmente claro.

Ele seguiu o fluxo da multidão, forçando-se a esperar, embora não houvesse muito mais tempo para continuar com a sua missão de reconhecimento. Ele pensou ter avistado um manto escuro quando alguém passou pela multidão, obviamente à procura de ele.

Sartre afastou-se cuidadosamente, esperando até ficar bem longe da multidão, antes de começar a correr novamente. Ele não se podia dar ao luxo de perder tempo agora. Ele tinha de verificar o portão e voltar para os outros. Eles estavam a contar com ele. *Ceres* estava a contar com ele.

Ele correu para a zona das docas, mantendo-se nas ruas traseiras e mantendo as suas orelhas em pé para qualquer perseguição continuada. Quando ele chegou ao portão da doca, olhou à volta à procura de um esconderijo e ficou pela margem de um grupo de carregadores, que estava obviamente à espera de um navio que precisava de carregamento. Eles não pareciam importarem-se com ele.

Possivelmente eles pensaram que ele estava à espera de uma hipótese de obter moeda fácil como o resto

deles.

Sartes observou o portão do cais. O guarda que ele tinha encontrado tinha razão: quase não havia soldados ali. Não precisava de haver, porque os portões ali eram massivos, solidamente construídos com uma grade fortificada atrás deles. Havia torres de pedra por cima, com ameias no topo e uma pequena catapulta ali onde podia causar danos a qualquer pessoa que atacasse. Havia também um sino de alarme e Sartes imaginou que o mesmo iria convocar soldados de toda a zona.

Mas havia maneiras de lidar com a situação. O que em tempos tinham sido rotas claras para permitir que os guardas vissem as ameaças a chegar eram agora rotas cheias de caixas e sacos, cordas e tambores prontos para carregar ou para levar para os armazéns. Tudo aquilo daria cobertura à rebelião à medida que o seu povo se aproximava. Se eles se disfarçassem de trabalhadores portuários, eles podiam até ser capazes de se esgueirarem até aos guardas antes de eles atacarem. Eles podiam ser capazes de conquistar o portão sem perder ninguém.

E depois eles conseguiriam deixar o exército entrar. Sartes estava um pouco nervoso com aquilo, apesar de tudo o que Ceres tinha dito. Ele tinha visto como eram os exércitos quando era um recruta. Possivelmente os homens de Lorde Oeste seriam mais disciplinados e ele sabia que Ceres nunca permitiria o tipo de

destruição arbitrária que o Império permitia, mas, mesmo assim, haveria violência. As pessoas iriam ficar feridas.

"Vai valer a pena", dizia Sartes a si mesmo. Quando eles conquistassem o castelo e destronassem o rei, valeria a pena. "Pensa em todas as lutas que vão acabar."

Potencialmente, podia acabar com uma guerra mais ampla. O exército do Império atacava porque a realeza ordenava. Afastando o rei e os seus seguidores, o exército não tinha ninguém para comandá-lo. Pelo que Sartes tinha visto, metade dos homens desertariam imediatamente, enquanto os outros seriam cautelosos quanto a lutar por uma causa perdida. De um só golpe, eles podiam acabar com aquilo.

Aquele era o portão. Sartes podia senti-lo, assim como ele podia sentir a emoção a crescer dentro de si ao pensar no que ia acontecer a seguir. Eles podiam fazê-lo. Eles podiam efetivamente fazê-lo.

Primeiro, porém, ele tinha de voltar para os outros, e ele tinha de se apressar, porque o amanhecer estava a chegar muito depressa.

Sartes correu de volta pelas ruas da cidade, ao longo do calçada e das superfícies de cascalho e pedra uniformemente colocada. Dificilmente alguém lhe conseguia dar uma segunda olhada. Ele viu um bando de escravos na rua, a repararem um grupo de pedras da calçada, que estavam partidas, sob a supervisão de guardas armados. Foi o suficiente para lembrá-lo de que independentemente do que acontecesse no ataque, as pessoas ficariam melhor. Aquela era a única maneira de realmente mudar as coisas no Império.

Sartes tentou imaginar o que seria quando o Império se fosse embora. Era difícil pensar tanto para a frente. Todos eles tinham passado tanto tempo a trabalhar para aquilo, mas Sartes quase não se atrevera a pensar para além da rebelião e no que podia estar para além dela. Ele tinha estado a pensar talvez que haveria tempo com o seu pai, tempo para uma vida normal. Agora, com Ceres de volta, ele já estava a pensar no quão melhores as coisas se poderiam tornar.

Adiante, ele conseguia ver a porta de entrada para os túneis da rebelião, disfarçada de uma escada esquecida, escondida atrás de um arco coberto de vegetação. Agachou-se ali, certificando-se que o caminho estava livre.

Os outros ficariam tão animados ao ouvir sobre o portão quanto ele tinha ficado por o encontrar. Anka ficaria satisfeita por o ter enviado a ele e grata por saber que podia confiar nele. Os outros ficariam esperançosos, porque ele lhes tinha dado as ideias que haviam resultado nos cemitérios, e o Stade. O seu pai ficaria orgulhoso dele, e Ceres...

Sartes vislumbrou movimento e deu meia volta, mas ele foi demasiado lento.

Ele só teve tempo de ver a figura encapuzada a correr na sua direção antes de chocar contra si, fazendo com que os dois caíssem no chão de pernas espalhadas.

Sartes torceu-se, alcançando a faca que ele tinha escondido ao fundo das costas. Nada iria impedi-lo de voltar para a rebelião agora. A sua mão fechou-se ao redor do punho e ele desembainhou-a, mas parecia que o atacante estava à espera do movimento, porque Sartes encontrou o peso de uma perna a cair sobre o seu antebraço, com força suficiente para fazê-lo gritar. De seguida, uma torção brutal do seu pulso e a sua faca deslizou pela calçada.

Sartes tentou atacar com a sua mão livre, mas a figura agarrou o seu pulso livre, usando-o como uma alavanca para o atirar caindo de barriga, onde Sartes rapidamente encontrou os seus pulsos amarrados com laços de corda. Ele tentou gritar e saboreou um pano quando um trapo foi enfiado na sua boca.

"Lady Stephania envia os seus cumprimentos."

CAPÍTULO VINTE E SETE

Do alto do edifício de casas de habitação, Anka assistia ao sol a nascer, acompanhando o seu progresso com uma crescente apreensão. Do outro lado ela via Berin, com os dedos a apertar o martelo de forja que segurava. Anka conseguia compreendê-lo muito facilmente.

"Sartes já devia ter voltado", disse ela, embora o tenha dito suavemente. Ela não queria que os outros ali vissem como ela estava nervosa naquele momento.

Muitos deles eram novos recrutas, que precisavam de acreditar que o líder deles sabia o que estava a acontecer se eles iam fazer aquilo.

"Pois já", concordou Berin. "Mas Sartes é engenhoso. Ele sobreviveu ao pior que o exército lhe podia atirar."

Para Anka, ele parecia-lhe um homem a tentar convencer-se a si mesmo. Anka não ia estragar isso com muita realidade se não precisasse. Por um lado, ela esperava que o velho ferreiro estivesse certo. Ela não queria pensar na possibilidade de terem perdido Sartes.

"Nós ajudámo-lo então", disse ela, "e nós vamos ajudá-lo agora, se ele precisar. Mas, provavelmente, ele não precisa. Ele provavelmente está apenas escondido em algum lugar, porque ele não pode voltar. Ou ele ainda está à procura da oportunidade certa."

Ou ele estava morto ou capturado, depois de ter sido apanhado pelos soldados que Anka o tinha mandado espiar. Se isso provasse ser o caso, ela não tinha a certeza de que seria capaz de se perdoar a si própria. Sartes era tão ansioso para ajudar às vezes, que era fácil esquecer que ele era apenas um rapaz.

"Ele quer fazer isto", disse Berin, como se adivinhando os pensamentos de Anka. "Tu não o obrigaste, e tu sabes que ele é a melhor escolha para isso."

Anka imaginava que aquela era a sua maneira de dizer que ele não a culpava.

Anka preferiria que Sartes estivesse em segurança, porém, e que não houvesse nada sobre o qual a culpar.

"O que fazemos agora?", perguntou Berin.

Anka encolheu os ombros. "Vamos esperar o tempo que pudermos pelo regresso de Sartes. Depois disso... eu não sei. Nós havemos de pensar em alguma coisa."

"Ceres está a contar connosco", disse Berin.

Anka assentiu. "E nós estamos a contar com ela. Imensas coisas têm de correr bem hoje."

E já estavam a começar a correr mal. Sartes realmente já deveria ter voltado naquele momento com detalhes sobre o melhor portão a atingir e a melhor maneira de o atacar. Ele tinha-se mostrado tão eficaz no passado, dando-lhes a ideia de tomar o Stade e libertar os recrutas. Anka tinha começado a confiar nele tanto quanto qualquer um.

No entanto, agora, com o sol quase totalmente para cima, ele não estava ali.

Anka não sabia o que pensar.

Oreth entrou com as suas facas amarradas no lugar e um corpete de couro sem mangas atirado por cima das suas roupas normais. Ele parecia pronto para a guerra, quase que impaciente por ela.

"Não sabemos ainda?", perguntou.

Anka abanou a cabeça.

"Bem", ela ouviu-o dizer, "precisamos saber em breve. Os lordes de combate estão a ficar inquietos. Assim como os mercenários que Yeralt contratou."

Qualquer um teria sido um problema. Os dois juntos eram algo mais do que isso. Os lordes de combate eram homens fortes, difíceis, mas eles não aceitavam ordens também. Eles estavam muito acostumados a lutar nos seus próprios termos contra um único adversário, e táticas de batalha cautelosas eram algo que não tinha nada a ver. Eles lutariam, desde que eles respeitassem as pessoas que estavam a lutar. Ficar à espera não era algo que gostassem.

Os mercenários eram um pouco mais disciplinados, mas eles não tinham o mesmo comprometimento com a causa. Yeralt podia acreditar que eles iriam ficar ali enquanto lhes pagassem, mas Anka sabia mais. Os mercenários só iriam ficar enquanto eles acreditassem que havia uma boa hipótese de ganhar. Eles

precisavam de acreditar que o seu comandante era competente, ou eles iriam começar a desertar, ou pior.

"Nós precisamos de nos apressar", disse Oreth. "Se os atacarmos enquanto eles estão a render a guarda, será duas vezes mais difícil."

Anka sabia que era verdade, mas tinha que haver uma maneira.

"Perguntem por aí. Perguntem se alguém tem informações sobre os portões.

Não podemos esperar por Sartes."

Ela viu Oreth acenar. "Vou tentar ser discreto."

A espera foi a parte mais difícil. A cada momento, Anka podia ver o sol a nascer mais alto. Estava a ficar tarde. Talvez tarde demais.

Quando Oreth voltou, estava com um homem que parecia mais com um mendigo do que um dos membros habituais da rebelião. Anka não sabia o nome dele, mas isso era muito comum nos dias que corriam. Ele era, provavelmente, um daqueles que eles tinham trazido para a sua rebelião nos últimos dias.

"Este é Ralk", disse Oreth. "Ralk, diz a Anka o que me disseste."

"Eu vi todo o tipo de coisas no último dia ou dois", disse o mendigo.

"Incluindo quais os portões de onde eles estão a puxar os homens para proteger os outros. Há um portão no lado leste que poderíamos tomar."

"Tens a certeza?", perguntou Anka.

"Eu tenho a certeza", Ralk respondeu. "Pode ser difícil chegar até lá, mas quando lá estiveres..."

Anka desejou ter mais informações, mas forçou-se a parecer confiante. Era parte do que *significava* ser um líder. "Nós sabíamos que onde quer que atacássemos, não seria fácil, portanto vamos fazê-lo."

Ela abriu caminho para dentro do cortiço, ondas as suas pessoas estavam à esperar de ela. Ela sentia a mistura de nervos e ansiedade ali durante a normal ação de afiar as armas, o movimento constante para nenhum propósito.

Ela tinha que ser clara agora. "Vocês todos sabem porque estamos aqui. Nós vamos acabar com isso. Nós vamos abrir o portão oriental."

Isso obteve uma aclamação de alguns daqueles lá. Outros, homens e mulheres, tinham expressões de quem sabia a violência que estava para vir.

"Nós vamos sair em duas vagas", disse Anka. "Eu vou liderar a primeira vaga e Oreth a segunda. O trabalho de aqueles de nós que vão estar na primeira vaga será apanhar desprevenidos os guardas no portão e abri-lo. A segunda vaga virá depois disso para segurar a portão até o exército de Ceres conseguir chegar, erguendo-se na cidade para a conquistar. O elemento surpresa é crucial aqui, de modo a manter as armas longe de vista até estarmos prontos para agir. Sabem todos o que precisam fazer?"

Anka atravessou a sala, escolhendo as pessoas que ela precisava. Ela escolheu parte do núcleo da rebelião, mas também muitos lordes de combate e mercenários. Aquele era um trabalho para os combatentes. Ela verificou os disfarces deles como uma mãe a garantir que os seus filhos estavam embrulhados contra o frio. Depois, dirigiu-se para as ruas com eles atrás de si. Berin estava ao seu lado e Anka conseguia ver a cabeça do seu martelo de forja na palma da sua mão, com o punho escondido na manga de um casaco longo.

Havia gente suficiente nas ruas o que dava para eles passarem pelo fluxo normal da multidão. Mesmo assim, Anka via as pessoas a correr de volta para dentro das suas casas, fechando as suas portas à medida que a rebelião passava.

Essa era provavelmente uma boa coisa. Quanto menos pessoas estivessem na rua, menor a probabilidade de pessoas comuns serem feridas.

Eles caminharam na direção dos portões, através dos bairros pobres e dos bairros comerciais, cingindo-se às ruas traseiras e mantendo as suas armas fora de vista. Anka prendeu a respiração quando passaram por um pelotão de guardas em ócio num dos lados de uma rua, mas eles não olharam para os rebeldes uma

segunda vez e Anka não ordenou às suas pessoas para atacarem. Não havia necessidade, e a pior coisa que eles podiam naquele momento seria serem apanhados a lutar nas ruas. Mesmo com as centenas, com os milhares que se iriam erguer atrás deles, eles não se podiam dar ao luxo de denunciar o que estavam a fazer.

Ela olhou para cima para ver mais pessoas das suas a seguirem-nos pelos telhados, caminhando sobre telhados planos e entre espaços. Ela esperava que ninguém se atrevesse a olhar para cima naquele momento, porque se o fizessem, estava tudo acabado. Seria luta aberta, e a tarefa de abrir os portões principais seria muito mais difícil.

Anka fez sinal para os que estavam acima se baixarem. Oreth fez sinal de volta antes de escorregar e ficar fora de vista por detrás de uma borda do telhado.

Ela continuou, fazendo o seu caminho ao longo das estradas que contornavam o caminho processional leste-oeste da cidade. Isso, mais do que tudo, convenceu-a de que o portão era o certo para tentar. Com ele aberto, as forças de Ceres seriam capazes de descer a vasta extensão da rua quase todo o caminho até ao castelo. A invasão da cidade estaria terminada praticamente antes de alguém saber o que estava a acontecer.

Ao longe agora, Anka conseguia ver os portões. Eles eram coisas imponentes, cobertas de metais, gravadas com cenas do triunfo do Império. Os bastiões de pedra em torno deles eram suficientemente sólidos para que os motores do cerco provavelmente mal os conseguissem arranhar. As paredes eram altas e fortes, com sentinelas a cada cem passos mais ou menos.

No entanto Ralk tinha razão: não havia um exército inteiro ali nas muralhas.

Aqueles soldados ali pareciam estar a demorar-se no espaço em frente dos portões, à espera de qualquer movimento vindo para lá das paredes. Isso fazia sentido para Anka. Eles não conseguiam estar sempre totalmente prontos a todo o tempo. É claro que eles iriam esperar ali até que houvesse algum sinal de

ameaça.

O truque seria fazer com que os portões se abrissem antes de eles perceberem que havia algo de errado.

"Vamos fingir ser um grupo de comerciantes descontentes", disse Anka, mantendo os olhos nos portões. "Se fizermos barulho suficiente sobre isso, os soldados vão estar muito ocupados a discutir connosco para conseguirem ver a ameaça real."

"Ou eles podem decidir atacar para nos ensinar uma lição", salientou Berin.

"Se isso acontecer, Oreth vai trazer o seu grupo para nos apoiar", Anka assegurou. Agora, ela já sabia como os outros membros da rebelião reagiriam.

"De qualquer maneira, vai parecer como uma briga em vez de um ataque real.

Metade deles não se vai incomodar em juntar-se até ser tarde demais."

Ela voltou-se para os outros. Ela podia ver os nervos ali. Vários dos novos membros do grupo estavam a manejar as suas armas escondidas, obviamente, prontos para a ação.

"Fiquem calmos", disse Anka. "E mantenham essas lâminas escondidas até eu fazer a minha jogada. Quando formos lá para cima, nós somos apenas comerciantes ligeiramente estúpidos que querem saber porque uma coisa pequena como um exército está no nosso caminho, impedindo que ganhemos a vida, entendidos? Nós vamos para cima e vamos exigir que eles nos abram os portões.

Se tivermos muita sorte, eles podem até mesmo deixarem-nos fazê-lo, apenas para que eles possam pensar em como nos fecharem lá fora. Estão todos prontos?"

Anka viu os membros do seu pequeno grupo assentindo uns para os outros. Os mercenários chegaram-se todos para trás, o que era de esperar nos da sua espécie.

"Vamos então", disse ela, virando-se para o portão. Ela acenou para cima para onde ela pensava que Oreth estava à espera, mas não houve resposta.

Anka olhou à volta à procura dele, porque aquilo precisava de ser coordenado, mas não havia sinal dele. Ela continuou de qualquer maneira, porque era demasiado tarde para qualquer outra coisa, e foi só ao partir que ela viu a única coisa que ela não tinha esperado ver: figuras a lutar no telhado. Oreth estava a lutar contra um par de figuras, cuja silhueta estava contra o sol da manhã.

Ela viu o brilho de uma lâmina quando esta se enfiou nele.

Foi somente quando viu que as figuras estavam a vestir as cores da rebelião que Anka compreendeu.

Ela ouvia o barulho das lâminas a serem desembainhadas. Instantaneamente, ela girou para trás, mas já era tarde demais. Ela viu o seu povo ali no meio de centenas, e os mercenários, os novos recrutados, tinham-nos capturado. Berin tinha uma lâmina pressionada contra a sua garganta. Um dos lordes de combate estava de joelhos, com sangue a escorrer de um ferimento. Três mercenários tinham espadas niveladas com Anka.

Ela tentou pensar em algo para fazer, algo para dizer, mas sem resultado. Ela tinha avisado os outros sobre os perigos e agora tinha acontecido.

Eles haviam sido traídos.

CAPÍTULO VINTE E OITO

Thanos olhava por trás para Delos enquanto cavalgava para baixo em direção ao cais, com tensão a cada passo da criatura, enquanto o sol nascia. A qualquer momento, ele esperava ver guardas a aparecerem atrás deles, atirando-os, a ele e Stephania, dos cavalos abaixo.

"Vai correr tudo bem", disse Stephania ao seu lado. "Quando eles perceberem que tu escapaste, já estaremos muito longe."

Thanos assentiu. Stephania conhecia-o melhor do que ele conseguiria ter imaginado.

"É estranho pensar que esta pode ser a última vez que vemos Delos", disse Thanos, olhando para trás para a cidade. Apesar da miséria das docas, da destituição da cidade, continuava a ser difícil ir embora daquela forma.

"Não importa", disse Stephania, estendendo-lhe a mão sem abrandar.

"Enquanto estejamos juntos."

Mas importava. Não parecia certo que, por causa da maldade do Império, ele e a sua esposa estivessem a ser obrigados a fugir do lugar onde eles haviam planeado construir as suas vidas.

"Tu achas realmente que eles nos vão acolher em Haylon?", perguntou-lhe Stephania.

Thanos assentiu, tentando parecer confiante, apesar da discussão que tivera com Akila. "Quando ouvirem o que aconteceu, eles vão ajudar-nos."

Eles tinham de o fazer. Era o único lugar para onde ir que lhes restava. Agora que o Império o tinha condenado, certamente tal seria suficiente para provar aos rebeldes que ele estava do lado deles.

"E nós vamos ficar confinados a uma ilha que está sob ataque", salientou Stephania.

Thanos quis tranquilizá-la. Ele queria tornar as coisas muito melhores para ela. "Haylon é bonito", disse ele. "O Império não consegue alcançar-nos ali, e não tem de ser para sempre. Mais cedo ou mais tarde, o Império vai cair, e nós vamos poder ir a qualquer lugar que queiramos. Tu, eu e o nosso filho."

"Só tu, eu e o nosso filho", disse Stephania. Thanos viu o seu sorriso. "Posto dessa forma, acho que vamos ficar bem onde quer que vamos. Mas precisamos de nos apressar. Este capitão vai levar-nos a troco de moedas, mas o barco não vai esperar muito tempo."

Eles cavalgaram até as docas tão rapidamente quanto se atreveram. À frente, Thanos conseguia ver um barco à espera. Não era tão grande nem extraordinário

como algumas das galeotas que o Império usava, mas tinha a aparência elegante de um navio bem

utilizado para se manter à frente dos perseguidores.

"Um barco de contrabando?", perguntou Thanos, quando eles se aproximaram.

"Eu sempre tentei encontrar amigos em lugares estranhos", respondeu Stephania.

Thanos desmontou e ajudou-a a descer. Ele deu umas palmadas nos traseiros dos cavalos, pondo-os a correr. Quanto mais ele e Stephania conseguissem disfarçar o seu trilha, melhor seria, para eles e para quem os tinha ajudado.

Eles caminharam em direção ao barco que estava à espera, e foi só então que Thanos viu a figura a escapular-se da sombra de uma pilha de caixas. Ele carregava as marcas de um mensageiro real. Empurrou um pergaminho para a mão de Thanos e não esperou, voltando-se e indo-se embora.

"De Lucious, meu senhor", disse ele. "Podes querer abri-lo."

E sem outra palavra, ele saiu a correr, desaparecendo na escuridão.

Thanos olhou para Stephania, que olhou para ele, cada um deles petrificado.

Lucious sabia que eles estavam ali; e, no entanto, ele não tinha ido ter com eles.

Ele poderia tê-los mandado prender se quisesse. Então porque não tinha? Thanos perguntava-se. E então ele percebeu que só poderia haver uma razão: o que estava naquele pergaminho era tão destruidor que ele não precisava de aparecer.

Isso, e talvez porque Thanos o fosse matar no local.

Thanos analisou o pergaminho com um novo interesse. O pergaminho era genuíno, o mensageiro era genuíno e o lacre era genuíno. Era definitivamente de Lucious.

"O que é que estás a fazer?", perguntou Stephania, examinando o pergaminho com repugnância. "Quem se importa com o que essa besta tem a dizer? Deita-o fora imediatamente!"

Mas Thanos abanou a cabeça.

"Não, minha senhora", disse ele. "Temos de saber o que ele sabe, antes de embarcarmos. Esta embarcação, afinal de contas, pode ser uma armadilha."

Ele olhou novamente para o navio de contrabando, com os rostos endurecidos dos seus homens, agora sem ter a certeza de nada.

Lentamente, Thanos quebrou o selo, com o coração a bater com força, preparando-se ao fazê-lo. Ele leu em voz alta, de modo a que Stephania pudesse ouvir.

Thanos,

Eu próprio teria vindo. Mas se eu te trazer de volta, haverá sempre uma possibilidade de caíres novamente nas boas graças do rei. Portanto, eu acredito

que este pergaminho será suficiente para servir o meu propósito.

Eu oiço coisas agora, irmão. E eu pensei que tu talvez gostasses de ouvir algumas delas antes de te ires embora. Se optares por te ires embora.

Ceres está viva.

Thanos baixou o pergaminho, estupefacto, incrédulo, tentando processar o que estava a ler. O seu mundo cambaleou com a notícia, e ele sentiu-se atordoado.

Ceres estava viva? Thanos ficou arrebatado com a perspectiva, mas não se atreveu a acreditar, sendo Lucious a dizê-lo.

Ele continuou a ler:

Se tu não acreditas, pergunta à tua adorável esposa. Ela sabe tudo sobre o que aconteceu com Ceres. Afinal, ela foi a pessoa que providenciou para que Ceres fosse enviada para a Ilha dos Prisioneiros.

Thanos olhou para Stephania, esperando vê-la negar, mas em vez disso, ela corou.

Ele ficou incrédulo com a sua expressão.

Seria possível?

"Stephania?", perguntou ele, destroçado.

"Eu... ela teria sido morta no Stade se eu não a tivesse...", disse Stephania.

"Eu salvei-a."

Naquele momento, Thanos ruborizou-se. Ele mal podia acreditar no que estava a ouvir.

"Não!", gritou Stephania. "Não leias mais!"

Ela tentou alcançar o pergaminho como se para o despedaçar, mas Thanos, intrigado, desviou-o para trás e lê-o fervorosamente.

Mas isso não devia ser nenhuma surpresa. Stephania, afinal, foi quem providenciou para te matar. Quem é que achas que contratou o Typhoon?

Thanos voltou-se para Stephania, esperando que ela lhe dissesse que tudo aquilo era mentira. Em vez disso, ela ficou simplesmente ali, com um ar destroçado, com um ar de culpada.

"Stephania?", disse Thanos.

"Eu... eu não quero começar a nossa nova vida juntos a mentir-te", disse Stephania. "Eu amo-te, Thanos. Eu nunca pensei que pudesse amar alguém como eu te amo."

"O que é que estás a dizer?", perguntou Thanos, sentindo o mundo a desmoronar-se à sua volta.

De repente, ela começou a chorar, apressando-se para abraçá-lo.

"Era suposto tu seres meu", disse Stephania. "Tu mesmo o disseste.

Descartaste-me por ela, por Ceres. Então eu mandei uma mensagem para o Typhoon. Se eu não te poderia ter..."

Ela chorava sem parar.

"Eu sei como isto soa. Foi terrível. Eu nunca o deveria ter feito. Eu simplesmente não conseguia suportar a ideia de te perder. E eu não te amava nessa altura como te amo agora. Estou tão envergonhada disto. Por favor acredita em mim. Tão envergonhada. Imploro a Deus todos os dias por perdão. Eu estou a implorar o teu perdão. Agora, eu daria a minha *vida* pela tua."

Thanos não podia acreditar no que estava a ouvir. Ele olhava para Stephania como se só agora a estivesse a ver pela primeira vez. Talvez ele estivesse.

"Foste *tu* que tentaste que me matassem", disse ele, incrédulo. A voz dele soava plana, até para si mesmo. Naquele preciso momento, era como se as suas emoções não estivessem a acompanhar o resto do corpo. "*Tu*. A mulher que eu amo mais do que tudo. A única em que eu confiei nesta corte".

"Eu amo-te, Thanos", disse ela no meio das suas lágrimas. "Eu amei-te, mesmo quando não sabia o que era o amor."

Ele não sabia o que pensar naquele momento, o que sentir. Ceres estava viva e Stephania havia tentado matá-lo. Ela havia tentado matar Ceres, também.

E, no entanto Stephania estava grávida do seu filho, ela alegava amá-lo, ela tinha-se casado com ele. E ela tinha arriscado a sua vida para libertá-lo da cadeia.

Mas ela também tinha tentado matá-lo e tinha enviado Ceres para longe para morrer. Ele devia estar a sentir-se zangado, mas em vez disso, ele simplesmente sentia como se o mundo se tivesse virado de cabeça para baixo. Ele não sabia o que sentir.

Como poderia ele confiar nela? Como poderia ele saber quem Stephania realmente era? Será que ela sabia quem ela era?

"Tu andaste comigo às voltas, à procura do assassino", disse Thanos. "Tu apontaste-me para Lucious. Tu levaste-me até ao rapaz do estábulo e depois mandaste matá-lo."

Ele sentia a raiva a crescer dentro de si ao lembrar-se disso. Stephania tinha estado disposta a sacrificar inocentes nos seus esforços para se proteger a si mesma e culpar Lucious.

Stephania colocou a sua mão no ombro de Thanos e ele sacudiu-a.

"Não", disse ele. "Eu não posso. Eu pensava que tu me amavas."

"Eu amo-te *verdadeiramente*", insistiu Stephania. Thanos via as lágrimas nos olhos dela. A parte mais difícil era que ele agora não tinha nenhuma maneira de saber se elas eram genuínas. Ele não queria que

elas fossem, porque mesmo agora, ele não conseguia suportar a ideia de Stephania a sofrer.

Thanos abanou a cabeça. "Eu acho que tu não sabes o que o amor realmente significa."

"Eu arrisquei *tudo* por ti", disse Stephania. "Se isso não é amor, eu não sei o que é. Eu preciso passar a minha vida contigo. Eu *matei* pessoas para te manter seguro."

Ela chorava e abraçava-o e ele estava ali, entorpecido, sem saber o que dizer ou pensar.

"Eu só te estou a dizer tudo isto porque eu mudei", insistiu Stephania. As lágrimas dela faziam com que uma parte de Thanos não quisesse nada mais do que confortá-la.

Ele estendeu-lhe a mão automaticamente e viu a esperança nos olhos dela.

"Eu... eu não teria casado contigo se não te amasse, Stephania. Mas eu continuo a achar que tu não entendes."

"Eu não deveria ter tentado matar-te", disse Stephania a chorar suavemente.

Então ela beijou-o. Thanos saboreou a doçura dos seus lábios quando ela o fez. Ele desejava que as coisas pudessem ser assim tão fáceis. Bastava beijar, e tudo ficaria melhor. Bastava fingir que nada daquilo tinha acontecido. Ele gostaria de conseguir fazer isso. Talvez então fosse doer menos.

Por fim, Thanos afastou-se.

"Lembras-te do nome do rapaz do estábulo que mandaste matar?", perguntou Thanos. "Lembras-te do nome da ilha para a qual enviaste Ceres para viver uma vida de tortura?"

Stephania ficou parada, parecendo abalada. "O quê? Eu... Thanos, trata-se de nós."

Thanos sacudiu lentamente a cabeça.

Ele deu um passo na direção do navio. Quando Stephania ia segui-lo, ele colocou a mão no ar para a parar.

Ao fazê-lo, o coração dele ficou destroçado. Era a coisa mais difícil que já tivera de fazer.

"Eu sinto muito, Stephania", disse ele. "O meu amor por ti foi crescendo. De verdade. E, no entanto... eu não consigo... eu não consigo estar contigo depois disto. Por mais que eu queira."

"Mas Thanos, por favor, tu não podes..."

"Não", disse Thanos. Ele tentou manter a voz firme. "Nem é tanto pelo facto de me teres tentado matar. Poderíamos ultrapassar isso. É o que tu fizeste a todos

os outros."

"Mais ninguém importa senão tu", disse Stephania.

"Sim, eles importam", contrapôs Thanos. "Eles importam tanto quanto qualquer um de nós. Às vezes mais. Se tu não consegues ver isso..."

Por fim, os olhos de Stephania semicerraram-se numa raiva lenta.

"Tu vais encontrá-la, não é?", Stephania exigiu saber. Thanos ouviu ali raiva, ciúme. "Tu vais correr de volta para ela."

Ele não tinha pensado tão longe, mas agora, ele sabia que pensava.

"Eu amo-te, Stephania", disse Thanos. "Mas sim, vou encontrar Ceres. Eu tenho de o fazer. Eu nunca a deixei. Tinham-me dito que ela estava morta."

"Eles vão matar-me se eu ficar aqui", disse Stephania. Ele conseguia ouvir ali uma nota de súplica. "Eles vão executar-me. Thanos", disse ela, com a sua voz a soar como se a qualquer momento se fosse partir.

Ele sabia que ela estava certa. Eles iriam. E isso partia-lhe o coração acima de tudo. Especialmente porque ela tinha simplesmente arriscado tudo para salvar a sua vida.

E, no entanto, ele não conseguia ficar com ela. Não mais.

Thanos já estava a caminhar na direção do navio dos contrabandistas. Ele olhou para trás e viu, com o coração partido, Stephania caída no lugar, com soluços a desmantelarem o seu corpo. Thanos obrigou-se com toda a sua força a não correr de volta para ela.

O capitão recebeu-o no convés, passando os olhos por ele. Thanos viu-o a franzir a testa ligeiramente.

"Para onde?", perguntou o capitão.

Thanos respondeu sem olhar para trás, com uma voz fria, dura e determinada:

"Para a Ilha dos Prisioneiros."

Os olhos do capitão arregalaram-se, fosse por medo ou temor, Thanos não sabia.

"Mexam-se, seus cães!", gritou o capitão para a sua tripulação. "Os soldados estão a chegar. E eu não gosto de soldados! Precisamos de estar longe daqui."

Thanos ficou ali enquanto o barco dava uma guinada e começava a mover-se, deslizando suavemente através das docas. Ele olhou para trás para Delos, no que poderia ser a sua última vista da cidade. Tinha sido a sua casa por tanto tempo, e agora parecia-lhe cinzas. Nas docas, ficando menor, ele conseguia ver Stephania desmoronada ali.

Ela olhava e estendia a sua mão para ele, a soluçar.

"THANOS!", gritava ela. "NÃO!"

Ele fechou os olhos e ouvia os gritos dela a rolarem pela névoa que se estava a levantar. Ele sabia que aquele era um som que iria reverberar dentro de si para

sempre.

A única coisa que o tornava suportável era pensar para onde podia estar a navegar.

Ceres estava viva algures.

E ele iria encontrá-la.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Ceres estava sentada sobre o seu cavalo, olhando as muralhas da cidade enquanto o sol nascia. Ela forçava-se a permanecer imóvel, mas o seu cavalo era arisco.

Algo estava errado.

"Ainda não há notícias dos outros portões?", perguntou ela a Lorde Oeste.

O nobre abanou a cabeça. "Tu saberás assim que houver um sinal, eu prometo."

"No Stade, a espera era sempre a pior parte", disse Ceres. "Ouvir a luta do lado de fora."

"A maior parte da guerra é ficar à espera", disse Lorde Oeste. "Ficar à espera, ou acampar à chuva, ou marchar pela lama. Quando eu era um homem novo como Gerant, eu costumava sonhar com confrontos e ataques gloriosos. Ninguém te fala sobre a lama."

"Ou sobre o sangue", disse Ceres. "Ou sobre a morte."

"Tu és muito jovem para teres visto tanto", disse Lorde Oeste.

"Em Delos, acho que há bastantes pessoas da minha idade que já viram violência", salientou Ceres.

"Mas nenhuma com o sangue dos Anciãos", disse Lorde Oeste. "E talvez isso mude as coisas". Parecia que ele ia dizer algo mais, mas ele interrompeu, apontando. "Olha ali, lá em baixo!"

Ceres seguiu a direção do dedo dele, e viu um portão a abrir-se num dos lados da cidade. Não um dos maiores, um portão para os comerciantes que servia para o transporte de mercadorias, mas, ainda assim, mais do que suficiente para o que eles queriam.

"Eles conseguiram", disse Ceres. "A rebelião deu-nos o nosso caminho para entrar."

Lorde Oeste assentiu e, em seguida, gritou para os seus homens. "Formar!"

Soaram cornetas. Os cavaleiros da Costa Norte estavam reunidos numa grande cunha, com os seus cavalos a relinchar enquanto eram mantidos no lugar, obviamente a persentir algo do que poderia vir a seguir.

"Quando estiveres pronta, minha senhora, basta dares a ordem", disse Lorde Oeste.

Ceres fez uma pausa, mas não por muito tempo. Ela só conseguia imaginar a luta que devia estar a

ocorrer lá em abaixo enquanto a rebelião lutava para

segurar o portão. Mesmo que eles o tivessem conseguido abrir em segredo, em pouco tempo, haveria de haver guardas a ir investigar. Eles tinham de agir.

"Para Delos", gritou ela. "Ao ataque!"

Ela pressionou o cavalo com os calcanhares e os cavaleiros da Costa Norte avançaram. A cunha deles parecia agora uma ponta de flecha, disparada por um grande arco invisível na direção do roundel, que aguardava, da cidade. Havia tantos deles ali, mas mesmo assim, naquele momento, eles pareciam como uma coisa coordenada. Uma entidade, seguindo atrás de Ceres, com os passos sincronizados.

Ela viu Gerant ali, com a sua lança a voar por cima dos galhardetes do seu tio. Ao redor dele estavam outros homens jovens, outros galhardetes a refletir outros nobres, mas todos eles estavam a seguir Ceres por causa do que ela representava e do que ela queria alcançar. Juntos, eles trovejaram em direção à cidade, com o som dos seus cascos tão alto que Ceres imaginou o rei a conseguir ouvi-los no castelo.

Ótimo, pensou ela, deixá-lo saber o que o espera.

Eles chegaram aos portões abertos da cidade, entrando com toda a pujança no amplo espaço deixado ali para mercadorias e carroças. Ceres tinha a sua espada na mão, nesse momento, totalmente à espera de estar no meio de uma luta entre a rebelião e o exército. No entanto, tanto quanto ela conseguia ver, as ruas para além dos portões estavam vazias.

Algo parecia errado novamente, mas Ceres não podia simplesmente parar o seu cavalo. Não com tantos homens acumulados para entrar na cidade atrás dela.

Em vez disso, ela teve de levantar a mão para que eles abrandassem, tentando fazer-se ouvir por cima do som das ferraduras na calçada.

"Parem! Parem todos! Algo está errado."

Os homens de Lorde Oeste estavam bem treinados, mas mesmo assim, demorou algum tempo até que parassem. Eles andavam à volta num grande espaço aberto destinado a comerciantes e a carros de bois. Ceres conhecia-o bem. Ela tinha ido ali várias vezes com o seu pai, e, normalmente, por aquela hora era um lugar movimentado com os sons de pessoas a regatear e a discutir, esforçando-se e tentando conseguir que os animais fossem para onde eles queriam.

Em vez disso, estava tão silencioso que Ceres conseguia distinguir o grasnar dos corvos que se tinham instalado num telhado próximo.

"Algo está errado", disse Ceres, olhando ao redor. "Devia haver pessoas aqui."

"Talvez tenham fugido para dentro das casas quando a rebelião passou pelos portões?", sugeriu Gerant.

"Então onde estão os rebeldes?", quis saber Ceres. "Eles deveriam estar aqui."

"Também acho", disse Lorde Oeste, montado ao lado dela. "Mas não podemos deixar passar esta oportunidade por causa de um pressentimento". Ele gritou para os seus homens. "Estejam em alerta."

Eles cavalgaram para a frente, e ainda assim, estava tudo demasiado calmo.

Anormalmente calmo. Tinha havido mais barulho em algumas partes da floresta por onde eles haviam passado no caminho até ali. Isso tinha o ainda silêncio cuidadoso de muitas pessoas a não fazerem nenhum som.

Em seguida, eles passaram por uma rua lateral, e Ceres viu as carroças que tinham sido levadas ali para cima, a bloquear o caminho. Ela ouviu os corvos novamente, e, daquela vez, eles levantaram voo, espalhando, quando alguém se moveu perto deles.

"Para trás!", gritou ela. "Para trás! É uma emboscada!"

Eles haviam sido traídos. Isso era evidente, embora Ceres não quisesse adivinhar quem tinha feito aquilo. O Império tinha sabido que eles estavam a ir, todavia. Mais do que isso, eles tinham conhecido o suficiente do seu plano para o seguir e tinha-os atraído para uma armadilha à qual eles não podiam resistir.

"Precisamos fugir!", gritou Ceres novamente. "Dispersem-se. Todos vocês, dispersem-se!"

Havia muitos homens, porém, e muitos cavalos. Eles abarrotavam a praça para além do portão dos comerciantes, apinhando-a até parecer impossível que fossem capazes de se virar. Com as ruas laterais bloqueadas, eles nem sequer conseguiam fugir por aquele caminho, e metade dos homens parecia não entender o que estava a acontecer em todo o caso.

Ceres inclinou-se para Gerant para pedir-lhe para fazer soar o som de retirada na sua corneta. Para o gritar se ele não fosse capaz de o fazer. Qualquer coisa que os pudesse levar para fora do solo assassino da praça. Mesmo ao fazê-

lo, porém, ela ouviu o som de outra corneta, numa nota que era profunda e dura, diferente de tudo o que os homens de Lorde Oeste tinham com eles.

Ouviu-se um estrondo metálico quando uma grade fortificada desceu do portão dos comerciantes. Acima deles, apareciam figuras com a armadura do Império, armados com arcos, fundas e dardos.

Parecia que da viseira aberta de Gerant saíam penas. Por um momento, Ceres ficou a olhar fixamente para ele, incapaz de compreender a estranheza daquilo.

Então ela viu o resto do punho da flecha, e viu o jovem nobre a cair lentamente da sela.

Ela mal teve tempo de olhar. Flechas escureceram o céu, centenas delas, milhares, enquanto os homens do Império abriam fogo.

Quando ela caiu juntamente com os homens ao redor dela, ocorreu-lhe rapidamente um último pensamento:

Então é com isto que a morte se parece.

MORGAN RICE

REBEL,
PAWN,
KING

OF CROWNS AND GLORY—BOOK 4

REBELDE, PEÃO, REI

(De Coroas e Glória—Livro 4)

"Morgan Rice surgiu com o que promete ser mais uma série brilhante, submergindo-nos numa fantasia de valentia, honra, coragem, magia e fé no seu destino. Morgan conseguiu mais uma vez produzir um conjunto forte de personagens que nos faz torcer por eles em todas as páginas... Recomendado para a biblioteca permanente de todos os leitores que adoram uma fantasia bem escrita."

-- Books and Movie Reviews, Roberto Mattos, (sobre a Ascensão dos Dragões) REBELDE, PEÃO, REI é o livro n.º4 da série best-selling de fantasia épica, DE

COROAS E GLÓRIA, de Morgan Rice, que começa com ESCRAVA, GUERREIRA, RAINHA (Livro n.º1).

Ceres, de 17 anos, uma miúda bonita e pobre da cidade Imperial de Delos, acorda e dá por si presa. Com o seu exército destruído, o seu povo capturado, a rebelião reprimida, ela tem de se recompor, de alguma forma, após ter sido traída. Pode o seu povo erguer-se novamente?

Thanos navega para a Ilha dos Prisioneiros, pensando que Ceres está viva, e dá por si na sua própria armadilha. Na sua perigosa viagem, ele permanece atormentado pela ideia de Stephania, sozinha, com o filho dele, e sente-se



dividido com o caminho da sua vida. No entanto, enquanto ele luta para voltar para Delos, para encontrar ambos os seus dois amores, ele descobre uma traição tão grande, que a sua vida nunca mais poderá voltar a ser a mesma.

Stephania, uma mulher desprezada, não fica de braços cruzados. Ela vira todo o poder da sua fúria sobre os que ela mais ama - e a sua traição, a mais perigosa de todas, pode ser o que finalmente derruba o reino

para sempre.

REBELDE, PEÃO, REI conta uma história épica de amor trágico, vingança, traição, ambição e destino. Repleta de personagens inesquecíveis e com ação de fazer o coração bater, transporta-nos para um mundo que nunca vamos esquecer e faz-nos apaixonar pela fantasia mais uma vez.

"Uma ação carregada de fantasia que irá certamente agradar aos fãs das histórias anteriores de Morgan Rice, juntamente com os fãs de trabalhos tais como O

CICLO DA HERANÇA de Christopher Paolini...Fãs de ficção para jovens adultos irão devorar este último trabalho de Rice e suplicar por mais."

--A Wanderer, A Literary Journal (sobre a Ascensão dos Dragões) O Livro n.º5 da série De Coroas e Glória será publicado em breve!

[REBELDE, PEÃO, REI](#)

(De Coroas e Glória—Livro 4)



Oiça a série O ANEL DO FEITICEIRO em formato Audiobook!

Agora disponível em:

[Amazon](#)

[Audible](#)

[iTune s](#)

KINGS AND SORCERERS



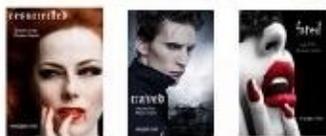
THE SORCERER'S RING



THE SURVIVAL TRILOGY



the vampire journals



[Faça o download dos livros de Morgan Rice no Google Play agora mesmo!](#)

Livros de Morgan Rice

O CAMINHO DA ROBUSTEZ

APENAS OS DIGNOS (Livro nº 1)

DE COROAS E GLÓRIA

ES CRAVA, GUERREIRA, RAINHA (Livro n.º 1)

VADIA, PRISIONEIRA, PRINCESA (Livro n.º 2)

CAVALEIRO, HERDEIRO, PRÍNCIPE (Livro n.º 3)

REBELDE, PEÃO, REI (Livro n.º 4)

REIS E FEITICEIROS

A ASCENSÃO DOS DRAGÕES (Livro n.º 1)

A ASCENSÃO DOS BRAVOS (Livro n.º 2)

O PESO DA HONRA (Livro n.º 3)

UMA FORJA DE VALENTIA (Livro n.º 4)

UM REINO DE SOMBRAS (Livro n.º 5)

A NOITE DOS CORAJOSOS (Livro n.º 6)

O ANEL DO FEITICEIRO

EM BUSCA DE HERÓIS (Livro n.º 1)

UMA MARCHA DE REIS (Livro n.º 2)

UM DESTINO DE DRAGÕES (Livro n.º 3)

UM GRITO DE HONRA (Livro n.º 4)

UM VOTO DE GLÓRIA (Livro n.º 5)

UMA CARGA DE VALOR (Livro n.º 6)

UM RITO DE ESPADAS (Livro n.º 7)

UM ESCUDO DE ARMAS (Livro n.º 8)

UM CÉU DE FEITIÇOS (Livro n.º 9)

UM MAR DE ESCUDOS (Livro n.º 10)

UM REINADO DE AÇO (Livro n.º 11)

UMA TERRA DE FOGO (Livro n.º 12)

UM GOVERNO DE RAINHAS (Livro n.º 13)

UM JURAMENTO DE IRMÃOS (Livro n.º 14)

UM SONHO DE MORTAIS (Livro n.º 15)

UMA JUSTA DE CAVALEIROS (Livro n.º 16)

O DOM DA BATALHA (Livro n.º 17)

TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA

ARENA UM: TRAFICANTES DE ESCRAVOS (Livro nº1)

ARENA DOIS (Livro n.º 2)

ARENA TRÊS (Livro n.º 3)

VAMPIRO, APAIXONADA

ANTES DO AMANHECER (Livro n.º 1)

MEMÓRIAS DE UM VAMPIRO

TRANSFORMADA (Livro n.º 1)

AMADA (Livro n.º 2)

TRAÍDA (Livro n.º 3)

PREDESTINADA (Livro n.º 4)

DESEJADA (Livro n.º 5)

COMPROMETIDA (Livro n.º 6)

PROMETIDA (Livro n.º 7)

ENCONTRADA (Livro n.º 8)

RESSUSCITADA (Livro n.º 9)

ALMEJADA (Livro n.º 10)

DESTINADA (Livro n.º 11)

OBCECADA (Livro n.º 12)

Acerca de Morgan Rice

Morgan Rice é a best-seller nº1 e a autora do best-selling do USA TODAY da série de fantasia épica O ANEL DO FEITICEIRO, composta por dezassete livros; do best-seller nº1 da série OS DIÁRIOS DO VAMPIRO, composta por doze livros; do best-seller nº1 da série TRILOGIA DA SOBREVIVÊNCIA, um thriller pós-apocalíptico composto por três livros; da série de fantasia épica REIS E

FEITICEIROS, composta por seis livros; e da nova série de fantasia épica DE

COROAS E GLÓRIA. Os livros de Morgan estão disponíveis em edições áudio e impressas e as traduções estão disponíveis em mais de 25 idiomas.

[TRANSFORMADA \(Livro n 1 da série Diários de um Vampiro\), ARENA](#)

[UM \(Livro n 1 da série A Trilogia da Sobrevivência\) e EM BUSCA DE HERÓIS](#)

(Livro n 1 da série O Anel do Feiticeiro) e [A ASCENÇÃO DOS DRAGÕES](#)

(Reis e Feiticeiros – Livro n 1) estão disponíveis gratuitamente no Google Play!

Morgan adora ouvir a sua opinião, pelo que, por favor, sinta-se à vontade para visitar www.morganricebooks.com e juntar-se à lista de endereços eletrónicos, receber um livro grátis, receber ofertas, fazer o download da aplicação grátis, obter as últimas notícias exclusivas, ligar-se ao Facebook e ao Twitter e manter-se em contacto!

Document Outline

- [CAPÍTULO UM](#)
- [CAPÍTULO DOIS](#)
- [CAPÍTULO TRÊS](#)
- [CAPÍTULO QUATRO](#)
- [CAPÍTULO CINCO](#)
- [CAPÍTULO SEIS](#)
- [CAPÍTULO SETE](#)
- [CAPÍTULO OITO](#)
- [CAPÍTULO NOVE](#)
- [CAPÍTULO DEZ](#)
- [CAPÍTULO ONZE](#)
- [CAPÍTULO DOZE](#)
- [CAPÍTULO TREZE](#)
- [CAPÍTULO CATORZE](#)
- [CAPÍTULO QUINZE](#)
- [CAPÍTULO DEZASSEIS](#)
- [CAPÍTULO DEZASSETE](#)
- [CAPÍTULO DEZOITO](#)
- [CAPÍTULO DEZANOVE](#)
- [CAPÍTULO VINTE](#)
- [CAPÍTULO VINTE E UM](#)
- [CAPÍTULO VINTE E DOIS](#)
- [CAPÍTULO VINTE E TRÊS](#)
- [CAPÍTULO VINTE E QUATRO](#)
- [CAPÍTULO VINTE E CINCO](#)
- [CAPÍTULO VINTE E SEIS](#)
- [CAPÍTULO VINTE E SETE](#)
- [CAPÍTULO VINTE E OITO](#)
- [CAPÍTULO VINTE E NOVE](#)